

# **Fotografia e Memória**

## **A Festa do Divino Espírito Santo em Crixás - Goiás**

**Vladimir Alencastro Feitosa**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Comunicação Estratégica**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Profa. Doutora Anabela Gradim

**Março de 2021**

**Folha em branco**

# Dedicatória

Para Suzana Alencastro veiga, minha mãe e amor da minha vida inteira;

Aos amigos foliões;

Aos que inspiraram o amor à Festa do Divino Espírito Santo: Vó Dorça, Vó Maria, Tia Ana e Tio Quim (*in memoriam*).

**Folha em branco**

# Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir viver essa experiência única, de forma tão intensa e inesquecível.

À minha mãe, pelo amor incondicional e por acreditar no meu potencial, sempre. Meu pai, Aélia, Rafael, Miguel e Vô Horácio.

Nesse momento de encerramento de mais um ciclo o sentimento é de gratidão e de pesar, por esse espaço ser reduzido e não poder comportar os nomes de todos que fizeram parte dessa caminhada.

Por isso, de maneira generalizada agradeço, também, à minha família, por todo o suporte, confiança e amor. Ao Léo, o irmão que a vida me deu de presente. À Suzi, por tudo o que vivemos juntos em tantos anos de amizade e companheirismo. Denise, Isabella, Tâmara e Marcello, por estarem sempre presentes.

Aos colegas e amigos que fiz durante a minha passagem pela Covilhã, em especial, Núbia, Luíza, Jorge, Tiago e Tânia. Obrigado por deixarem os dias frios de Portugal mais aquecidos com vossa presença e carinho e por serem casa enquanto estive longe de casa.

Cássia, Irenides e Carla Olenski, pela amizade e por me ajudarem a vivenciar esse processo de forma leve e lúcida.

Aos foliões da Festa do Divino Espírito Santo, amigos do coração, por compartilharem tantos ensinamentos e me permitirem, assim como eles, ser um folião. Ao Monsenhor José Modesto, Rômulo Xavier e a todos e todas que colaboraram nas entrevistas para a realização deste estudo.

Aos professores do Mestrado em Comunicação Estratégica da Universidade da Beira Interior. Ao Professor Dr. Nuno Jerónimo por iniciar esse trabalho comigo. À Professora Dra. Anabela Gradim pelos conhecimentos compartilhados, paciência e imensa ajuda na conclusão do Mestrado.

À Universidade Federal do Tocantins, em especial, à Superintendência de Comunicação por todo apoio. Celene Fidelis e colegas do Job. Ao Centro Universitário Luterano de Palmas, em especial, aos cursos de Comunicação Social.

A quem, direta ou indiretamente, colaborou nessa importante etapa da minha vida, a minha mais sincera gratidão.

**Folha em branco**

## **Resumo**

O presente estudo intitulado “Fotografia e Memória: a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás – Goiás” tem como objetivo utilizar a imagem fotográfica, associada à técnica de história oral como acionadora de lembranças individuais e coletivas, para recuperar pequenas histórias e construir um mosaico de memórias sobre estas festividades. Por meio da experiência etnográfica, das entrevistas semiestruturadas e entrevistas por meio da aplicação do método que alia fotografias aos relatos de fontes orais realizada entre os anos de 2008 e 2019, foi possível transcrever a Festa por meio de uma narrativa fotográfica expositiva das imagens capturadas durante o período de pesquisa. Além disso, esse método possibilitou elaborar estratégias, por meio de um plano de comunicação, para a colaboração na preservação da memória dessa manifestação cultural. No final pudemos concluir que a fotografia é fundamental para a reconstituição do passado, um recurso necessário para compreensão da identidade individual e coletiva da história de um povo. Toda imagem fotográfica carrega em si uma história, um registro da realidade que pode ou não existir no tempo presente, um documento de caráter testemunhal de algo que de fato existiu, um importante instrumento para a reconstrução da história, uma fonte de pesquisa que possibilita recuperar cenários e momentos que ficaram apenas na memória de quem os vivenciou.

## **Palavras-chave**

Fotografia; Festa do Divino Espírito Santo; memória

**Folha em branco**

## **Abstract**

The present study entitled “*Photography and Memory: the Festa do Divino Espírito Santo in Crixás - Goiás*” aimed to use the photographic image, associated with the technique of oral history as a driver of individual and collective memories, retrieve small stories and build a mosaic of memories about the festivities. Through the ethnographic experience, semi-structured interviews and interviews through the application of the method that combines photographs with reports from oral sources carried out between the years 2008 and 2019, it was possible to transcribe the festivity through a photographic narrative of the images captured during the survey period. In addition, this method made it possible to develop strategies, through a communication plan, for collaboration in the preservation of the memory of this cultural manifestation. In the end, we can conclude that photography is fundamental for the reconstruction of the past, a necessary resource for understanding the individual and collective identity of a people's history. Every photographic image carries with it a history, a record of reality that may or may not exist in the present time, a document with a testimonial character of something that did exist, an important instrument for the reconstruction of history, a source of research that makes it possible to recover scenarios and moments that were only in the memory of those who experienced it.

## **Keywords**

Photography, Festa do Divino Espírito Santo, memory.

**Folha em branco**

# Índice

<b>Capítulo 1 – Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo 2 - Fotografia e Memória</b> .....	<b>5</b>
<b>2.1 Fotografia</b> .....	<b>5</b>
<b>2.2 Reconhecimento e rememoração</b> .....	<b>7</b>
<b>2.3 Fotografia e linguagem</b> .....	<b>8</b>
<b>2.4 Fotografia e documentação</b> .....	<b>12</b>
<b>2.5 Fotografia como recurso de memória</b> .....	<b>13</b>
<b>Parte II - Estudo empírico</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo 3 - Objetos de estudo</b> .....	<b>17</b>
<b>3.1 A cidade de Crixás</b> .....	<b>17</b>
<b>3.2 A Festa do Divino Espírito Santo</b> .....	<b>20</b>
3.2.1 Um pouco de história .....	20
3.2.2 Símbolos da Folia e encargos da Festa do Divino Espírito Santo .....	25
<b>Capítulo 4 - Metodologia e desenho da investigação</b> .....	<b>39</b>
<b>4.1 Tema e Problema</b> .....	<b>39</b>
<b>4.2 Objetivos e Hipóteses</b> .....	<b>40</b>
<b>4.3 Métodos e técnicas de investigação</b> .....	<b>40</b>
<b>4.4 Etapas Etnográficas</b> .....	<b>47</b>
<b>4.5 Amostra</b> .....	<b>48</b>
<b>PARTE III – Discussão e análise dos resultados</b> .....	<b>51</b>
<b>Capítulo 5 – Fotografias, relatos e memórias: cumprindo os objetivos propostos</b> .....	<b>51</b>
<b>5.1 Utilizar a imagem fotográfica, associada à técnica de história oral, como acionadora de lembranças individuais e coletivas, recuperando pequenas histórias, construindo um mosaico de memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO</b> .....	<b>51</b>
5.1.1 A primeira realidade: reconhecendo a Festa do Divino Espírito Santo.....	53
5.1.2 Uma festa de símbolos, sabores e recordações .....	55
5.1.3 Entre destruições, contradições, desconstruções e reconstruções .....	57
5.1.4 Atual panorama da Festa do Divino Espírito Santo de Crixás-GO.....	62
5.1.5 A preservação da memória e o potencial comunicacional da Festa do Divino .....	65
<b>5.2 Transcrever a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO por meio de uma narrativa fotográfica expositiva das imagens capturadas durante o período da pesquisa etnográfica</b> .....	<b>74</b>
<b>5.3 Elaborar estratégias que colaborarão com a divulgação das festividades e a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO</b> .....	<b>88</b>
5.3.1 Comprometimento da Diretoria .....	89
5.3.2 Contexto da Organização .....	89
5.3.3 Dados de Identificação .....	89

5.3.4 Histórico da Festa do Divino .....	90
5.3.5 Análise SWOT .....	91
5.3.6 Pontos Fortes.....	92
5.3.7 Pontos fracos .....	92
5.3.8 Oportunidades.....	93
5.3.9 Ameaças.....	93
5.3.10 Diagnóstico .....	94
5.3.11 Estratégia.....	94
5.3.12 Discurso .....	95
5.3.13 Ações .....	96
5.3.14 Elevando os pontos fortes .....	96
5.3.15 Trabalhando os pontos fracos .....	97
5.3.16 Maximizando as oportunidades .....	100
5.3.17 Diminuindo as ameaças.....	103
5.3.18 Material Visual.....	104
5.3.19 Plano B - Ações para um cenário ainda afetado diretamente pela pandemia de Covid 19.....	110
<b>Capítulo 6 - Conclusão .....</b>	<b>114</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>118</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>122</b>

**Folha em branco**

# Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa do Brasil .....	19
Figura 2 - Mapa do Estado de Goiás .....	19
Figura 3 - Localização da cidade de Crixás .....	20
Figura 4 - Vista aérea da cidade de Crixás-GO .....	20
Figura 5 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d) .....	22
Figura 6 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d) .....	23
Figura 7 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d) .....	23
Figura 8 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d) .....	23
Figura 9 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d) .....	24
Figura 10 - Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	26
Figura 11 - Procissão de Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	26
Figura 12 - Levantamento do Mastro no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	27
Figura 13 - Mastro .....	27
Figura 14 - Queima da Fogueira no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	28
Figura 15 - Foliões (violeiros e caixeiro) durante o Giro da Folia de São Patrício .....	28
Figura 16 - Violeiros .....	29
Figura 17 - Pedido de esmola .....	29
Figura 18 - Catira .....	30
Figura 19 - Catira .....	30
Figura 20 - Veadeira .....	30
Figura 21 - Veadeira .....	31
Figura 22 - Imperador e Imperatriz no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	31
Figura 23 - Imperador e Imperatriz na Procissão de Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	32
Figura 24 - Capitas do Mastro .....	32
Figura 25 - Chegada da Folia do Sertão (Alferes e Foliões) para um almoço na zona rural .....	33
Figura 26 - Alferes da Bandeira Grande .....	33
Figura 27 - Violeiros da Folia de São Patrício .....	34
Figura 28 - Violeiros da Folia de São Patrício .....	34
Figura 29 - Despedida do Pouso (Caixeiro e Foliões) .....	35
Figura 30 - Salveiro .....	35

Figura 31 - Salveiro .....	36
Figura 32 - Folia do Sertão no início da Festa do Divino Espírito Santo .....	36
Figura 33 - Palmeiros.....	37
Figura 34 - Almoço da Folia – 2012 .....	43
Figura 35 - Chegada da Folia de Santa Rita – 2013.....	43
Figura 36 - Os Três Alferes no Entrada das Foliás – 2013 .....	43
Figura 37 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Entrada das Foliás – 2013.....	44
Figura 38 - Distribuição de doces na Festa do Imperador – 2013.....	44
Figura 39 - Despedida do Pouso – 2013.....	44
Figura 40 - Despedida do Pouso – 2013 .....	45
Figura 41 - Veadeira – 2009 .....	45
Figura 42 - Despedida de Pouso – Zona Rural – 2009 .....	45
Figura 43 - Despedida do Pouso – Zona Rural – 2009 .....	46
Figura 44 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis .....	65
Figura 45 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis.....	66
Figura 46 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis .....	66
Figura 47 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis.....	67
Figura 48 - Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás.....	68
Figura 49 - Exposição sobre a Festa do Divino no Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás .....	68
Figura 50 - Objetos da Festa do Divino no Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás .....	69
Figura 51 - Objetos da Festa do Divino no Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás .....	69
Figura 52 - Casa de Câmara e Cadeia em Pilar de Goiás .....	70
Figura 53 - Objetos da Festa do Boi expostas na Secretaria de Cultura em Pilar de Goiás .....	70
Figura 54 - Igreja Nossa Senhora das Mercês em Pilar de Goiás .....	71
Figura 55 - Artesanato – Museu da Memória Crixense .....	72
Figura 56 - Vestimentas das Cavalcadas.....	72
Figura 57 - Livros do Museu da Memória Crixense .....	73
Figura 58 - Giro da Folia de São Patrício .....	75
Figura 59 - Giro da Folia de São Patrício .....	75
Figura 60 - Arco da Folia .....	76
Figura 61 - Chegada da Folia no Pouso .....	76
Figura 62 - Cantorias da Chegada ao Pouso .....	77
Figura 63 - Dança do Batuque .....	77

Figura 64 - Reza do Terço no Pouso .....	78
Figura 65 - Agradecimento à Mesa .....	79
Figura 66 - Beijo à Bandeira .....	79
Figura 67 - Pedido de esmolas .....	80
Figura 68 - Despedida do Pouso .....	80
Figura 69 - Chegada da Folia no Almoço.....	81
Figura 70 - Agradecimento à Mesa no Almoço .....	81
Figura 71 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.....	82
Figura 72 - Entrega das Folias no Largo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição .....	82
Figura 73 - Encontro das Três Bandeiras com a Bandeira Grande .....	83
Figura 74 - Distribuição de doces na Festa do Imperador .....	83
Figura 75 - Mesa de doces da Festa do Imperador.....	84
Figura 76 - Café da Manhã do Capitão do Mastro.....	84
Figura 77 - Café da Manhã do Capitão do Mastro .....	85
Figura 78 - Procissão de Encerramento .....	85
Figura 79 - Levantamento do Mastro .....	86
Figura 80 - O Mastro.....	86
Figura 81 - A Fogueira.....	87
Figura 82 - Batizados ao redor da Fogueira .....	87
Figura 83 - Batizados ao redor da Fogueira no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo .....	88
Figura 84 - Identidade visual.....	104
Figura 85 - Cartaz antigo A3 (à esquerda) e novo cartaz A3 (à direita) .....	105
Figura 86 - Panfleto A5 frente e verso .....	106
Figura 87 - Placa antiga.....	106
Figura 88 - Nova placa (2,5x1,5m).....	107
Figura 89 - Avatar.....	107
Figura 90 - Modelo para avisos (WhatsApp) .....	108
Figura 91 - Modelo de cartão de agradecimento (WhatsApp) .....	108
Figura 92 - Avatar Facebook.....	108
Figura 93 - Capa Facebook.....	109
Figura 94 - Cards para pré-evento .....	109
Figura 95 - Cards para série Personagens .....	109
Figura 96 - Card para divulgação da Festa .....	110
Figura 97 - Tenda no largo da Matriz com símbolos da Festa do Divino – 2020 .....	111
Figura 98 - Bandeiras das Folias na Tenda do Largo da Matriz – 2020 .....	111

Figura 99 - Missa com distanciamento social em alusão ao Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo – 2020.....	112
Figura 100 - Missa com distanciamento social em alusão ao Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo – 2020.....	112

**Folha em branco**

# Lista de Tabelas

Tabela 1 - Análise SWOT.....	92
------------------------------	----

**Folha em branco**



# Capítulo 1 – Introdução

Escrever uma dissertação de mestrado não é algo fácil. Ainda mais quando não nos familiarizamos com o tema. Por mais que seja um processo difícil e solitário, quanto mais íntimos do assunto pesquisado, mais simples e prazeroso é o caminho a ser percorrido. Por isso para iniciar esse percurso, acredito que essa introdução deve ser escrita em primeira pessoa, pois os motivos desse estudo existir são muito pessoais. Me coloco de forma mais explícita nesse texto, buscando explicar como cheguei ao tema estudado, costurando minhas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

Tudo começou no ano de 2008. Na verdade, havia começado bem antes, ainda na minha infância, quando morava numa pequena cidade chamada Crixás, situada na região Centro-Oeste do Brasil, no Estado de Goiás. Lembro-me da Folia do Divino na casa dos meus avós, nos pousos ou almoços realizados na casa dos meus familiares. Lembro-me de segurar a bandeira e ouvir a Folia cantar e logo após o canto, depositar a esmola no chapéu do Alferes.

Depois de me mudar de Crixás para outra cidade, fiquei muitos anos sem ter contato com a Folia e a Festa do Divino. Foi então que em 2008, por uma promessa de minha avó materna, retornei à cidade para viver os quinze dias de giro como Alferes da Folia de São Patrício. No interior do Brasil ainda se cultiva o hábito das promessas, que é um ato de agradecimento a uma graça alcançada.

No começo tudo era novidade: os foliões, as cantorias, os rituais, todos aqueles símbolos. Aos poucos fui me familiarizando e estreitando os laços com aquelas pessoas. Nos poucos momentos de descanso, pude fazer um pequeno registro fotográfico. Ao final daqueles quinze dias eu já era amigo dos foliões, tendo por todos eles grande apreço e gratidão.

Em 2009, além de registrar alguns momentos da festa, tive a possibilidade de acompanhar o giro como um folião: dançando batuque, tocando pandeiro, etc. No ano seguinte (2010), recebi o convite para ser Alferes da Bandeira Grande e novamente retornei à festa, também para mais uns dias de giro e registros.

2011 foi o ano em que eu e minha mãe recebemos mais um convite: Capitães do Mastro. Organizamos o café da manhã com muitos bolos, cuidamos, com a ajuda da Comissão da Folia, da ornamentação do mastro, além de sermos os responsáveis pelos fogos de artifício no Encerramento da Festa do Divino. O registro fotográfico desse ano também foi feito. O trabalho foi intenso e a satisfação ao final da festa gratificante.

Nos anos seguintes (2012 a 2019) pude estar presente para mais registros fotográficos e participação nos giros. Mesmo em 2015 e 2016, quando estive a residir em Portugal para os

estudos no Mestrado em Comunicação Estratégica – Publicidade e Relações Públicas, retornei à Crixás no mês de junho para a Festa do Divino.

Paralelo a essa experiência descrita, além dos registros fotográficos da Festa, desenvolvi alguns estudos relacionados à imagem fotográfica. O dilema inicial foi justamente conseguir agregar numa pesquisa, algo que me fosse familiar, que fizesse parte dos estudos aprendidos nas disciplinas do 2 Ciclo e que possibilitasse um caminho mais satisfatório no roteiro da presente dissertação.

Houve uma oportunidade na Covilhã, em que participei de uma conferência com uma pesquisadora brasileira. A doutora, na ocasião, dissertava sobre os desafios da pesquisa científica. Ela dizia sobre a responsabilidade que tínhamos enquanto pesquisadores para com a nossa comunidade. Reiterava sobre a importância de voltarmos nossos olhos às nossas origens e devolvermos algo de bom à nossa comunidade.

Lembrei-me dos anos junto aos foliões, das experiências com a comunidade de Crixás, das memórias e angústias em relação ao futuro da Festa do Divino, da minha trajetória acadêmica e de tudo o que estava estudando no Mestrado. Ligando todos esses pontos e com a ajuda dos professores consegui construir uma proposta de estudo utilizando a experiências pessoais, profissionais e acadêmicas. Surgiu então o presente estudo “Fotografia e Memória: a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás – GO”.

O primeiro passo, que é justamente a primeira parte dessa pesquisa, foi o enquadramento teórico. Nele busquei bibliografias sobre a imagem fotográfica, seus processos de reconhecimento e rememoração, linguagem, fotografia documental e a memória. Essas referências possibilitaram a sustentação do enquadramento teórico.

No estudo empírico foram delimitados os objetos de estudo, no caso a cidade de Crixás e a Festa do Divino Espírito Santo da cidade. Nessa parte houve um aprofundamento maior na Festa do Divino para entendermos sua origem, seus símbolos e encargos. A metodologia e o desenho da investigação, também, foram descritos neste capítulo.

O tema escolhido foi “Fotografia e Memória: a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás – Goiás” e a questão de investigação que norteou esse estudo ou problema da pesquisa: “A fotografia contribui para a construção e preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás e para uma melhor compreensão de sua história quando aliada a fontes orais?”. Para responder a esse problema central foram elaboradas três questões específicas:

De que forma a fotografia contribui para a construção e preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás e para uma melhor compreensão de sua história quando aliada a fontes orais?

Os entrevistados possuem consciência da importância da preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás?

A partir dos relatos orais e da pesquisa etnográfica, o que é possível fazer para colaborar com a divulgação das festividades e a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás?

Os objetivos foram os seguintes:

1. Utilizar a imagem fotográfica, associada à técnica de história oral como acionadora de lembranças individuais e coletivas, recuperando pequenas histórias, construindo um mosaico de memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO.
2. Transcrever a Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Crixás-GO por meio de uma narrativa fotográfica expositiva das imagens capturadas durante o período da pesquisa etnográfica.
3. Elaborar estratégias, por meio de um plano de comunicação, para a divulgação das festividades e colaboração na preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás.

E as hipóteses:

1. As fotografias são fontes de conhecimento da cena passada, em dois sentidos: por meio das informações que trazem explícita ou implicitamente, e como elemento ativador da memória, trazendo à tona lembranças naqueles que vivenciaram alguma manifestação cultural do passado, como a Festa do Divino Espírito Santo, na cidade de Crixás-GO, por exemplo. Na reunião dessas interpretações e dos relatos de histórias individuais e coletivas – intermediadas por imagens – será possível obter dados relevantes e ainda desconhecidos sobre esse patrimônio histórico imaterial, assim como contribuir para a fixação de sua memória.
2. Os entrevistados possuem consciência da importância da preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás, mas pouco colaboram nesse processo.
3. A partir dos relatos orais e da experiência etnográfica é possível elaborar estratégias que colaborarão com a divulgação das festividades e a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás.

A etnografia foi o método utilizado, buscando compreender a realidade local. Procurou-se compreender o objeto de estudo, observando os fatos sociais, culturais, o sistema de valores e modos de vida, que influenciam a população da cidade de Crixás-GO. Os instrumentos de coleta de dados foram revisão bibliográfica, observação in loco, que compreendeu os períodos entre os anos de 2008 e 2019, entrevistas semi-estruturadas e entrevistas por meio da aplicação do método que alia fotografias aos relatos de fontes orais. Dez imagens fotográficas autorais capturadas na Festa do Divino Espírito Santo entre os anos de 2008 e 2019 foram utilizadas nas entrevistas e

não obedeceram a uma ordem cronológica e nem foram apresentadas na mesma sequência. A abordagem do estudo foi qualitativa e a teoria semiótica foi a escolhida levando em consideração o objeto de estudo da pesquisa.

Na terceira parte encontramos as discussões e as análises dos resultados baseadas nos três objetivos propostos. As imagens possibilitaram acionar nos entrevistados lembranças individuais e coletivas e por meio desses relatos conseguimos construir um mosaico de memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO. É importante dizer que os foliões são em sua maioria, idosos. Nesses mais de dez anos de giro, infelizmente, muitos partiram. Rever as fotografias para o presente trabalho, assim como os entrevistados, foi uma tarefa difícil e fácil ao mesmo tempo. Foram muitos sentimentos, sensações e boas lembranças.

Tudo isso possibilitou o bom andamento da pesquisa. Os entrevistados se sentiram à vontade para relatarem suas experiências. Não se sentiram intimidados com o gravador, ou envergonhados quando se emocionaram. A experiência etnográfica, as imagens captadas e os relatos orais proporcionaram transcrever a Festa e elaborar estratégias, por meio da construção de um plano de comunicação para a divulgação das festividades e a colaboração na preservação da memória da mesma. Essas estratégias foram elaboradas com base nos estudos vivenciados na Universidade da Beira Interior.

Por último temos as conclusões deste estudo. O desfecho de todos os anos vividos nesta festa, o encerramento de um ciclo que, com certeza, possibilitará novas experiências, oportunidades e novos capítulos a serem escritos. E ao terminar essa introdução, lembro-me mais uma vez das palavras da pesquisadora brasileira. Penso que seja esse justamente o papel do presente estudo: devolver um pouco a todos aqueles que já fizeram tanto por mim e que fazem parte das minhas origens.

# Capítulo 2 - Fotografia e Memória

## 2.1 Fotografia

Para qualquer lugar que olharmos existirá uma imagem. Em todas as partes do mundo, em épocas diferentes, o homem deixou rastros de suas capacidades imaginativas, como por exemplo, as pinturas rupestres, as gravuras, os afrescos, os desenhos, a fotografia, etc.

Se olharmos em volta do ambiente em que vivemos podemos perceber que a imagem está em tudo e tem sido primordial desde o início da comunicação humana, se adaptando de acordo com a evolução do homem e da tecnologia. O que há de similar entre as diversas apropriações feitas pelo homem através da imagem é a sua capacidade de informar.

Nota-se que a imagem é facilmente descodificada entre as mais diferentes culturas. Além disso, sua leitura é imediata e propícia a inúmeras interpretações. Segundo Aumont (2001), ela possui múltiplas atualizações potenciais, ou seja, podem atualizar-se de maneiras diversas, umas se dirigindo aos sentidos, outras exclusivamente ao intelecto, daí o fato de se dizer que certas palavras possuem o poder de produzir imagens.

O mais impressionante é que apesar da diversidade de significações da palavra, consigamos compreendê-la. Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. (Joly, 2002, p.13)

Muitas vezes, o papel da imagem é o de comunicar melhor que a palavra, ou seja, ser econômica, diminuindo as demonstrações e tornando breves as explicações. Em tal caso, na maior parte das vezes uma boa gravura pode obter resultados mais satisfatórios do que um longo discurso. Menezes (2001) exemplifica esta afirmação dizendo que

Uma palavra pode ter vários sentidos, mas suas ambivalências são identificáveis num dicionário, descartadas as hipóteses pode-se, talvez, chegar ao fim do mistério. Uma imagem é para sempre enigmática. As soluções são inesgotáveis e nenhuma delas é definitiva. Não é possível pretender que um texto reflita tudo o que se imagina – com uma imagem talvez seja possível. (p.3)

As imagens povoam o nosso cotidiano, de tal modo que nos dias atuais é comum a expressão “Civilização da Imagem”. Essa expressão, segundo Aumont (1995) traduz perfeitamente o sentimento mais amplo de se viver num mundo onde o número das imagens, a cada dia que passa, é crescente. O autor acrescenta ainda que a função da imagem é “garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha o papel de descoberta do visual”. (p.81).

Dondis (1997) estabelece que a percepção é, também, uma fonte de aprendizado, pois este é um processo que envolve trocas de estímulos dos sentidos do corpo com o mundo que nos cerca.

Percebemos as imagens através da chamada percepção visual, que está, também, ligada à visualidade.

[...] pesquisas empíricas revelam que, provavelmente devido a razões de especialização evolutiva, 75% da percepção humana, no estágio da evolução, é visual. Isto é, a orientação do ser humano no espaço, grandemente responsável por seu poder de defesa e sobrevivência no ambiente em que vive, depende majoritariamente da visão. Os outros 20% são relativos à percepção sonora e os 5% restantes a todos os outros sentidos, ou seja, tato, olfato e paladar. (Santaella, 1998, p. 11).

Essa percepção está ligada à recepção que o indivíduo tem sobre a mesma. Este processo é realizado no imaginário do receptor de acordo com suas ideologias, vivências, etc. Para Kossoy (2000), as imagens,

por sua natureza polissêmica, permitem sempre uma leitura plural, dependendo de quem as aprecia. Estes, já trazem embutido no espírito, suas próprias imagens mentais preconcebidas acerca de determinados assuntos (os referentes). Estas imagens mentais funcionam como filtros: ideológicos, culturais, morais, éticos etc. Tais filtros, todos nós os temos, sendo que para cada receptor, individualmente, os mencionados componentes interagem entre si, atuando com maior ou menor intensidade. (p.44)

Imagens servem para representar algo e se elas são percebidas como representação, podemos dizer que elas são percebidas como *signos*. Para Lúcia Santaella, estudiosa da teoria semiótica desenvolvida por Pierce (1839-1914),

signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo, etc.) que representa outra coisa chamado objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. (Santaella, 2002, p.8)

Com o objetivo de esclarecer a definição, tomaremos como exemplo um rapaz que escreve uma carta para sua namorada: a carta é um signo daquilo que o rapaz quer transmitir. O sentimento que o rapaz irá expressar através das palavras escritas é o objeto do signo. A reação que a carta causará na moça (saudades, alegria, etc.) é o chamado interpretante do signo.

Do ponto de vista da sua relação com o objeto, na semiótica pierceana os signos são divididos em três categorias: índices, que implicam uma relação real com o objeto: a fumaça seria um índice de fogo, as nuvens seriam um índice da chuva, etc. Os símbolos são exclusivamente humanos. Com eles a relação entre objeto e representante é arbitrária e regida por convenção. “Para que o símbolo exista, é preciso que o grupo onde ele é usado o aceite. Ele é aceito por convenção; é, portanto, convencional” (Alcure, 1996, p.17). Por exemplo: a cruz é o símbolo do cristianismo e em muitas culturas a pomba branca é o símbolo da paz. Já os ícones apresentam uma relação de semelhança estrutural com seu objeto, como por exemplo, uma imagem (desenho, fotografia); um diagrama (um mapa, um gráfico), uma metáfora. (Gradim, 2006).

Para Joly (2012), a imagem é heterogênea, pois agrega diferentes categorias de signos: signos icônicos, constituindo a imagem no seu sentido teórico; signos plásticos, compreendendo as cores, as formas, a textura; e também, signos linguísticos, ou seja, a linguagem verbal.

Para melhor compreensão do uso da imagem como forma de linguagem, Santaella discute a semiótica como a ciência dos signos e de todas as formas de linguagem.

[...] a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido [...] é a ciência dos signos (Santaella, 2002, p. 13).

São diversas as formas de comunicação e interação, como a linguagem falada, escrita, os traços e os sons; sendo assim, a semiótica as classifica como linguagem verbal e linguagem não verbal. A imagem se categoriza na linguagem não verbal, pois não utiliza as palavras para comunicar, apenas os traços que comporta em si. Baseando-se ainda no estudo da semiótica, é possível classificar a imagem como um signo preferencialmente icônico, pois, como afirmam Santaella e Noth (2005, p. 21) ela nos permite obter uma “representação imagética” simbólica de um primeiro objeto, mantendo seu significado mesmo que ele deixe de existir.

A imagem tem grande poder de comunicação, e por meio do seu processo de assimilação e retenção de informação consegue atingir o ser humano de forma mais direta, tornando-se universal, pois qualquer pessoa, em qualquer lugar, nas mais diversas culturas, de acordo com sua bagagem cultural, reconhecerá e entenderá a mensagem exposta na imagem.

Jacques Aumont (2001) afirma que existem dois processos para podermos decifrar e perceber uma imagem: o reconhecimento e a rememoração. Os dois processos são psicológicos e se realizam de forma individual ou coletiva.

## **2.2 Reconhecimento e rememoração**

Reconhecer algo em uma imagem significa “identificar, pelo menos em parte, o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real” (Aumont, 2001, p.82). O reconhecimento é o primeiro processo que fazemos quando nos deparamos com uma imagem. É um processo coletivo e visual, ou seja, num primeiro momento, somos capazes de identificar numa imagem a mesma coisa: cores, formas, texturas. É um processo que exige uma certa apreensão do visível, um esforço das funções sensoriais, já que esse processo emprega propriedades do sistema visual.

A caixa de ferramentas de todas as comunicações visuais são os elementos básicos, a fonte compositiva de todo tipo de materiais e mensagens visuais, além de objetos e experiências: *o ponto*, a unidade visual mínima, o indicador e marcador de espaço; a linha, o articulador fluido e incansável da forma [...]; a forma, as formas básicas, o círculo, o quadrado, o triângulo e todas as suas infinitas variações, combinações, permutações de planos e dimensões; a direção [...]; o tom [...]; a cor [...]; a textura [...]; a escala ou proporção [...]; a dimensão e o movimento [...]. São esses todos os elementos visuais; (Dondis, 1997, p.23)

Já a rememoração é um processo mais individual, visto que depende dos “esquemas” que as pessoas trazem embutidos em si mesmas. Exige mais da memória, do intelecto e das funções de raciocínio, além disso, depende das experiências, das vivências e do contato que as pessoas tiveram com o mundo, pois é um processo de lembrança. Esta lembrança se refere ao seu mundo visual, que ela reconhece através dos signos.

Neste processo a imagem deixará de ser apenas imagem (processo de reconhecimento: formato, cores, textura), e passará a ser objeto de reflexão, de lembrança, de emoção, etc. Um exemplo está nas fotografias, que podem num momento de apreciação nos fazer relembrar de momentos marcantes, de pessoas especiais, de alegrias ou tristezas vividas.

## **2.3 Fotografia e linguagem**

O homem sempre buscou meios de reproduzir a realidade à sua volta. Além disso, procurou sempre eternizar momentos de importância particular ou histórica. O sonho, que antes era alimentado através da pintura realista, se concretizou no século XIX com o nascimento da fotografia. A partir daí, a “arte de escrever com a luz” como define César (2002), passou a ser utilizada tanto no campo da documentação quanto no campo da expressão artística.

De acordo com Santaella (1998), no processo evolutivo da produção de imagens, especificamente a fotografia, existem três paradigmas: o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico.

O paradigma pré-fotográfico refere-se às imagens produzidas à mão: imagens gravadas nas pedras, pinturas, esculturas. O paradigma fotográfico diz respeito a todas as imagens que dependem de uma máquina de registro, como a máquina fotográfica, câmera de vídeo, por exemplo. Já no paradigma pós-fotográfico as imagens são geradas em computadores e são denominadas imagens sintéticas ou infográficas, ou “são resultado da correspondência de uma matriz numérica com uma configuração de pixels elementares que podem ser visualizados na tela do monitor”. (Santaella, 1998, p.303). Camargo (1999) também exemplifica:

No entanto, é interessante notar, que as imagens chamadas digitais, apropriam-se do paradigma das imagens fotográficas e os exploram como se fossem iguais a elas. São meras sínteses. Neste caso, a aproximação entre a estética do fotógrafo e o que podemos chamar de estética do digital, das imagens digitais ou sintéticas é meramente uma questão de aproximação de similaridade. (p.208).

A fotografia propriamente dita, é resultante de uma ação do homem, o fotógrafo, que num determinado espaço e tempo escolheu um assunto em especial para registrar e para que isso ocorresse utilizou os recursos oferecidos pela tecnologia (a máquina fotográfica, por exemplo). Este processo todo é definido por Kossoy (2000) como “processo de construção da representação”, pois por meio dele o fotógrafo pode representar a sua realidade, descrever sua visão de mundo através do signo icônico fotografia.

Envolve também, além de elementos técnicos (óticos, mecânicos ou químicos), elementos ideológicos/conceituais do fotógrafo, ou seja, sua vivência, suas experiências de vida, o seu “olhar” em relação ao mundo, que influenciarão no resultado final da fotografia. Outro fator importante é o “olhar técnico” do fotógrafo, ou seja, a busca do melhor ângulo, uma expressão diferente da pessoa/objeto fotografado, uma luz diferenciada, uma perspectiva diferente, a sua sensibilidade, a sua capacidade de observação, que constituem a chamada linguagem fotográfica.

A composição de uma fotografia também é um elemento constituinte da linguagem fotográfica e depende exclusivamente do ponto de vista que cada fotógrafo possui. “Técnicamente falando, a composição nada mais é do que dispor, ainda que mentalmente, as formas, as linhas, os pesos, os tons, as cores e a importância das coisas”. (Cesar, 2002, p.212).

Em “A câmara clara” de 1984, Roland Barthes lança termos, conceitos importantes para quem almeja analisar a fotografia. Por se chamar *A câmara clara* e não o contrário, *A câmara obscura*, o autor designa no próprio nome de sua obra, o percurso do seu discurso fotográfico, ou seja, a construção da imagem fotográfica sem a intervenção da mão do homem.

A câmara clara era um aparato usado desde o século XIV e XV como auxiliar de desenho e era obrigatório o uso da mão do homem nessa câmara para fazer a cópia do desenho projetado. A câmara obscura produz a imagem fotográfica sem a intervenção humana, na projeção dos raios luminosos do real sobre uma superfície fotossensível.

Barthes (1984) coloca-se como a mão do homem na análise da fotografia, um interventor nesta análise, como ele mesmo ressalta, a própria medida do seu saber fotográfico. Ele produz um texto que esconde conceitos por detrás de conceitos, ensaístico, opinativo, de profunda poética sobre a fotografia e assevera que a academia, muitas vezes, dispensa essa poética como um viés de análise.

Para mim, o órgão do fotógrafo não é o olho, ele me terrifica, é o dedo. O que está ligado ao disparador da objetiva ao deslizar o metálico das placas, quando a máquina ainda as tem. Gosto desses ruídos mecânicos, de uma maneira quase voluptuosa, como se, na fotografia eles fossem exatamente isso, e apenas isso. A que o meu desejo se atém, quebrando com seu breve estalo a câmara mortífera da pose. Para mim, o barulho do tempo não é triste. Gosto dos sinos, dos relógios e lembro-me de que, originalmente, o material fotográfico dependia das técnicas da marcenaria e da mecânica da precisão. As máquinas, no fundo, eram relógios de ver e talvez em mim, alguém muito antigo, ainda ouça na máquina fotográfica o ruído vivo da madeira. (Barthes, 1984, p.30)

Além disso, define cinco termos relacionados à imagem fotográfica: *operator*, *espectator*, *studium*, *punctum* e *spectrum*. O primeiro conceito é definido por Barthes como aquele que realiza a fotografia, ou seja, o fotógrafo, e a ele faz uma convocação: ter uma proximidade menos técnica e mais pensante em relação à fotografia. E essa proximidade não se restringe ao ato de realizar fotos, mas em escrever e refletir sobre elas.

Aquele que se coloca como espectador da imagem é chamado pelo autor de espectador. Pelo facto de atrair-se por algumas fotografias, é pois, por essa atração que o francês propõe discutir a fotografia, além de considerá-la inclassificável, pela dificuldade de defini-la numa grade metodológica. “A fotografia muitas vezes é classificada pelo tema: paisagem, pessoas e isto não é uma classificação dela em si mesmo, mas do seu referente, daquilo que ela aponta no mundo. O referente adere à imagem”. A dificuldade em analisar fotografias reside na dificuldade de separação do referente, daquilo que foi fotografado, da própria imagem fotográfica. Nessa questão ontológica o autor quer saber o que, fora do referente, resta na imagem fotográfica.

Importante também perceber outros conceitos desenhados, como o *studium*: um saber genérico, cultural, político sobre a fotografia. O reconhecimento do tempo, do espaço, sobre os elementos fotográficos.

Porém, o conceito mais importante dado por Barthes é o *punctum*, segundo ele, aquilo que punge, a ponta da lança que fere o espectador. É esta ponta da lança que arremessa o espectador para fora da imagem, para uma emoção não exatamente descrita na imagem, mas presa no espectador para um extraquadro. A ferida é a porta de saída dessa emoção. Este, o *punctum*, é um dos conceitos mais importantes criados na fotografia.

O *spectrum* é a fotografia como uma câmara mortuária, falando da morte. Da morte daquele que foi fotografado, do tempo, do passar do tempo, do que está congelado e não retorna mais. Ou quando retorna, volta como um morto-vivo, como nossos álbuns antigos de família.

Com o advento da evolução tecnológica e conseqüentemente do aperfeiçoamento das técnicas fotográficas, a fotografia se transformou num importante meio de comunicação para as revistas, jornais, etc.

De acordo com Santos (2003), a fotografia passou a atuar como suporte destes meios de comunicação facilitando assim o reconhecimento e o desvendamento de mensagens, além de exercer um tipo de incentivo para a compreensão das mensagens impressas nesses meios.

Tornou-se parte fundamental de publicações e está presente em meios de comunicação, como os jornais, a internet, o cinema, a propaganda impressa, “além de auxílio na realização de pesquisas, documentação social, documentação científica, entre outros”. (Santos, 2003, p.51). E por estarem presentes nos meios de comunicação citados acima, as fotografias muitas vezes são aceites como uma prova definitiva e ganham, com isso, uma posição favorável de confiabilidade.

Em textos impressos, a palavra é o recurso fundamental, enquanto os elementos visuais como os desenhos, as gravuras, a fotografia, desempenham apenas o papel de coadjuvantes, servindo apenas de apoio. Já nos meios de comunicação, como jornais, revistas, internet, etc, acontece amiúde o inverso, ou seja, há uma predominância do visual sobre o verbal, onde este último exerce uma função supletiva.

Para Kossoy (2000), a fotografia não almeja ser um raio X de objetos nem de personagens retratados, e sim, apenas um registro do visível, oferecendo inúmeras possibilidades ao campo da pesquisa, às inúmeras interpretações que serão feitas pelos receptores no decorrer da história.

Assim como o rádio, os jornais, as revistas e a televisão são veículos transmissores de mensagens, a fotografia também desempenha o mesmo papel no universo da comunicação. São utilizadas como suporte midiático nos meios de comunicação de massa, além disso, são apresentadas ao público de várias maneiras, como cartazes, fotografias em jornais, fotonovelas, fotografias publicitárias, entre outras.

A imagem fotográfica é hoje essencial na construção de anúncios publicitários, notícias jornalísticas e até mesmo como um documento retratando a história de uma família, um povo e um tempo. Para Kossoy (2003), a imagem fotográfica é um documento visual que pode ser ao mesmo tempo revelador de informações e um detonador de emoções. Seu conteúdo pode despertar os mais diversos sentimentos, como afeto ou nostalgia para uns, ou, ainda, meios de informação e conhecimento, para outros que a observam livres de paixões. O autor ainda complementa que:

Toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual no qual se pode detectar – tal como ocorre nos documentos escritos – não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, posto que jamais mencionados pela linguagem da história. (Kossoy, 2003, p. 53).

Podemos entender a fotografia como uma representação de uma primeira realidade, permitindo ao receptor voltar a um momento passado e recriar visualmente o fato ocorrido; Kossoy (2003) ressalta que uma única imagem contém em si múltiplas informações acerca de um determinado momento passado e sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida.

Pode ser ela um meio de recordar e documentar momentos, sejam eles familiares, informativos, expressões artísticas, lugares, objetos e muitos outros. A imagem fotográfica permite-nos construir uma narrativa da realidade gravada em si, perpetuando um momento, uma memória. Ela tem o poder de estabelecer uma comunicação entre o emissor e o destinatário/receptor por meio da linguagem não verbal, apenas visual, utilizando-se dos elementos que compõem a imagem para construir sua própria interpretação subjetiva do que está vendo.

Fundamental para reconstituição do passado, um recurso que se faz necessário para compreensão da identidade individual e coletiva da história de um povo, a fotografia ativa a nossa memória e nos permite obter a percepção de quem somos, “ajuda a dar sentido a nossa existência; ela nos faz tornar cidadãos, compreender melhor o mundo, e a compreender quem somos” (Felizardo & Samain, 2007, p.213).

As vivências são uma espécie de passado preservado, que se torna um patrimônio pessoal do indivíduo, podendo ser transmitido por muitas gerações por meio da rememoração das lembranças, trazendo para a realidade as recordações que ficaram no passado.

Toda imagem fotográfica carrega em si uma história, um resíduo do passado, um registro da realidade que pode ou não existir no tempo presente. A história de uma cidade ou de um povo é conservada, cristalizada por meio, também, da fotografia, que comunica, narra e transcreve ao receptor uma viagem visual.

É, pois, a imagem fotográfica, um registo de carácter testemunhal de algo que de fato existiu; um importante instrumento para a reconstrução da história, uma fonte de pesquisa que possibilita recuperar cenários e momentos que ficaram apenas na memória de quem o vivenciou. Kossoy

(2003) ainda afirma que “a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, “testemunha da verdade” do fato ou de outros fatos”, trazendo a ela um elevado status de credibilidade (p. 19).

## 2.4 Fotografia e documentação

O fotógrafo que utiliza a fotografia como forma de documentação, retrata por meio dela, algo que presenciou, fazendo com que a câmera se torne a extensão da sua memória e da visão de outros que posteriormente irão observar a sua produção, confirmando McLuhan (1964) em “Os meios de comunicação como extensão do homem”. A fotografia documental é um estilo fotográfico que se caracteriza por englobar grande diversidade de propostas éticas e estéticas. Temas sociais, registros de viagens, cotidiano, impressões sobre o mundo, cenas de guerra, os mais diferentes tipos de fotografias podem ser classificados como documentais.

Segundo Freund (1995), o caráter documental é inato à fotografia, ou seja, toda foto pode ser considerada um documento, além de ser a representação da estrutura social de uma época. Já Sousa (2000) assevera que o fotodocumentalismo está diretamente relacionado a temas de caráter social. Apesar das divergências nas formas de abordagem, é consensual entre pesquisadores o reconhecimento da dificuldade em se conseguir uma definição satisfatória do termo.

De uma forma abrangente, o fotojornalismo pode ser assimilado ao fotodocumentalismo, uma vez que ambas as atividades usam, regularmente, a imprensa como suporte de difusão e possuem a mesma intenção básica de documentar a realidade, informando por meio de fotografias.

Porém, e em sentido restrito, por vezes distingue-se o fotojornalismo do fotodocumentalismo pela tipologia de trabalho. Um fotodocumentalista trabalha em termos de **projecto fotográfico**. Mas essa vantagem raramente é oferecida ao foto-repórter, que, quando chega diariamente ao seu local de trabalho, raramente sabe o que vai fotografar e em que condições o vai fazer. (Sousa, 2002, p.8)

O autor citado anteriormente dá como exemplo o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, considerado um fotodocumentalista, pois parte para o terreno com o tema a ser fotografado previamente estudado. Alguém que conhece minuciosamente o que vai enfrentar e que pode desenvolver projetos fotográficos em períodos dilatados de tempo.

Um fotógrafo de uma agência noticiosa ou o de um jornal diário, à luz dessa distinção entre fotojornalismo e fotodocumentalismo, seria um fotojornalista, já que é diariamente confrontado com serviços inesperados e com serviços de pauta dos quais só toma conhecimento quando chega ao local de trabalho. Isto não pretende significar que o fotodocumentalismo não possa partir de um acontecimento circunscrito no tempo, mas a abordagem fotodocumental é diferente daquela que seria protagonizada por um fotojornalista: um fotodocumentalista procuraria fotografar a forma como esse acontecimento afecta as pessoas, mas um fotojornalista circunscreveria o seu trabalho à descrição/narração fotográfica do acontecimento em causa. (Sousa, 2002, p.8)

Sousa (2002) ainda assevera que fazer fotojornalismo ou fazer fotodocumentalismo é, essencialmente, sinónimo de contar uma história por meio de imagens, e exige sempre uma

imersão, algum estudo da situação e dos sujeitos nela envolvidos, e uma observação sensível, por mais superficial que esse estudo seja.

Há ainda um outro traço que pode distinguir o fotojornalismo do fotodocumentalismo. Geralmente, um fotojornalista fotografa assuntos de importância momentânea, assuntos da actualidade “quente”. Já os temas fotodocumentalísticos são tendencialmente intemporais, abordando todos os assuntos que estejam relacionados com a vida à superfície da Terra e tenham significado para o Homem. Esta noção ampliou o leque de temas fotografáveis no campo do fotodocumentalismo, já que, nos tempos em que a actividade dava os primeiros passos, a ambição fotodocumental se direccionava unicamente para os temas estritamente humanos. A tradição do fotodocumentalismo social, aliás, permanece bem viva. (Sousa, 2002, p.8).

É consensual também que a fotografia documental é um discurso eficaz que pode abranger diferentes modos de representação. Kossoy (2000) cita o “processo de construção da representação” (p.41), onde o fotógrafo pode representar a sua realidade, descrever sua visão de mundo através do signo icônico fotografia. Com a fotografia documental não é diferente, visto que esta é uma vertente inserida dentro do universo da fotografia, podendo ser utilizada para denunciar, apontar as divergências da sociedade, descrever o cotidiano, retratar as experiências da vida comum ou documentar algo que está desaparecendo. Ao mesmo tempo em que reproduz o que viu, o fotógrafo alarga a capacidade dos outros de verem o mundo.

Outro fator que torna a fotografia como tão importante forma de documentação social, é a posição do fotógrafo perante seu objeto. Ele é apenas a testemunha do fato, e não intervêm no que vê. Dessa forma, acredita-se que a representação da realidade se torna mais fidedigna ao que realmente é. Por isso a fotografia documental instiga, pois se insere na vida do homem de forma a mostrar o que não é visto. Ela busca chamar a atenção da sociedade para o que não está certo, e dessa forma relembra a importância da preocupação das pessoas com o próximo e com o mundo em que vivem. Além, é claro, de ser um objeto que auxilia o indivíduo a refletir sobre o mundo em que vive e o mundo em que quer viver.

## **2.5 Fotografia como recurso de memória**

A memória é a capacidade de o ser humano recordar as vivências e experiências adquiridas com o passar dos anos. O ato de recordar é um processo vivido que cada um de nós obtém por meio das nossas vivências através do tempo. Por isso, ao falarmos de memória, é inevitável envolvermos questões sobre o tempo e o armazenamento de informações.

Ela é fundamental para reconstituição do passado, um recurso que, segundo Martins (2013) se faz necessário para compreensão da identidade individual e coletiva da história de um povo. É essa memória que nos permite obter a percepção de quem somos, “ajuda a dar sentido a nossa existência; ela nos faz tornar cidadãos, compreender melhor o mundo, e a compreender quem somos” (Felizardo & Samain, 2007, p.213).

As vivências são uma espécie de passado preservado, que se torna um patrimônio pessoal do indivíduo, podendo ser transmitido por muitas gerações por meio da rememoração das lembranças, trazendo para a realidade as recordações que ficaram no passado.

[...] nos oferece o passado em centelhas e fragmentos ou algo como um conjunto confuso de uma “mídia” mental. Temos a impressão de ver imagens, entender sons, usar palavras já pronunciadas e experimentar, novamente, sensações físicas como a tensão e o movimento (Koury apud McDougall, 1992, p. 173).

A memória que cada indivíduo carrega em si tem a capacidade de reconstruir a sua própria história evolutiva. Armazena informações que poderão ser acessadas a qualquer momento, lembranças que caracterizam e definem sua história de vida individual e social. A fotografia se relaciona com a memória a partir do momento em que nos remete a uma realidade já transcorrida no tempo, ativando nossas lembranças ao instante cristalizado pela imagem fotográfica, que é cada vez mais utilizada com uma ferramenta na reconstrução e rememoração de fatos passados.

Martins (2013) assinala que ela tem o poder de estabelecer uma comunicação entre o emissor e o destinatário/receptor por meio da linguagem não verbal, apenas visual, utilizando-se dos elementos que compõem a imagem para construir sua própria interpretação subjetiva do que se está vendo. É uma imagem narrativa, aliada a memória, com seus personagens e cenários.

Ler a fotografia conduz a uma segunda narrativa a partir da imagem que comporta em si, uma realidade apreendida da realidade propriamente dita. A imagem fotográfica em sua estética concreta materializa a memória e em contrapartida cede espaço a subjetividade de interpretações do momento registrado (Romanovsky, 2009, p. 362).

É um portador de memória cristalizada que perpetua um momento, sendo capaz de desencadear recordações ao receptor com o poder de ativar a memória do indivíduo, permitindo a ele revivê-la, mesmo que não tenha propriamente pertencido ao momento gravado. Traz consigo o poder de (re) criação, ressuscitando fatos passados.

A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada. Lembranças de um momento carregado de conteúdos simbólicos significativos. Toda fotografia está relacionada ao passado, mesmo as que tiramos na semana anterior, pois esse momento vivido não voltará, ficará apenas registrado na memória ou em forma impressa para a posteridade (Monego & Guarnieri, 2002, p.74).

A concepção de uma imagem fotográfica ocorre em diferentes tempos e locais, com diferentes personagens e distintos motivos para que fosse retratada. Ela tem a capacidade de gravar momentos, locais, pessoas e cenários que poderão nunca mais existir ou serem vistos em tempo real. Assim, o registro fotográfico é utilizado como instrumento de memória preservada. Para Le Goff (2003), “[...] a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (p.460).

Por sua vez, esses registros reconstroem a memória do indivíduo, por meio do seu conteúdo carregado de significações, trazendo à tona um turbilhão de recordações, sensações e emoções. A realidade gravada na fotografia se torna a passagem de um momento, da memória do indivíduo, dos seus costumes, da sua comunidade ou simplesmente da beleza da natureza.

A fotografia desencadeia lembranças, que trazidas do passado à memória presente, se tornam um registro perpetuador da história, que não pode ser apagada ou perdida no tempo.



## **Parte II - Estudo empírico**

### **Capítulo 3 - Objetos de estudo**

A imagem fotográfica tem grande potencial narrativo na comunicação dos fatos vividos e preservados na fotografia e por si só, tem o poder de trazer à tona um determinado momento, que se contextualizado com fatores históricos, pode reafirmar e transcrever a realidade passada, servindo como documento para a preservação da história.

Com o passar dos séculos e a conseqüente modernização, as primeiras identidades de muitas cidades vão se perdendo ao longo dos anos devido às transformações de sua estrutura física e de sua população. O que fora construído antes e marcado como característica de um local deixa de existir e faz com que as novas gerações percam esse momento da história, desconhecendo momentos, lugares, costumes e parte da cultura que um dia fez parte da realidade daquele povo.

Partindo da premissa de que a cidade de Crixás, no interior do Estado de Goiás, no Brasil é uma cidade secular, de influência portuguesa e que com o decorrer do tempo teve seu patrimônio histórico material destruído, pretende-se por meio dessa investigação, desenvolver um estudo sobre a importância da preservação da memória de uma parte de seu patrimônio histórico imaterial, - a Festa do Divino Espírito Santo – por meio da fotografia. A seguir, faremos a contextualização dos objetos do presente estudo: a cidade de Crixás e a Festa do Divino Espírito Santo.

#### **3.1 A cidade de Crixás**

Crixás é uma cidade no Estado brasileiro de Goiás e sua fundação, segundo Dias (2010) está relacionada assim como a de muitos municípios goianos como a Cidade de Goiás, Pirenópolis, Traíras e Pilar, à exploração dos garimpos de ouro no Brasil no século XVIII pelos bandeirantes. Essas expedições, conhecidas como entradas e bandeiras, eram compostas por membros que objetivavam a exploração dos territórios dominados pelos portugueses, a descoberta de minas de ouro e pedras preciosas e a escravização de índios. As entradas eram expedições oficiais organizadas pelo governo e os seus membros ficaram conhecidos como entradeiros. As bandeiras eram expedições estruturadas e financiadas por membros da sociedade civil brasileira, os bandeirantes.

De acordo com Lima (2015), o bandeirante Bartolomeu Bueno juntamente com João Leite Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado começaram uma povoação conhecida como Arraial da Barra (hoje Buenolândia) no ano de 1726 com a exploração das minas de ouro. Essas expedições continuaram no território e em 1734 Domingos Rodrigues do Prado descobriu, como assevera Galli (2005), uma região habitada pelos índios “Kirirás” ou “Kuruxás”. A exploração de um garimpo deu origem a um povoado fundado por Manoel Rodrigues Tomaz. “O nome Crixás não

foi um nome colocado pelo “descobridor” nem pelo seu fundador, foi em homenagem aos indígenas que viviam naquela região”. (Dias, 2010, p. 32)

Fato é que a cidade fez parte da chamada “rota do ouro” e carrega nos primórdios de sua história a influência dos portugueses, índios, povos escravizados e povos de outras partes do Brasil. Essa colonização se reflete ainda nos dias de hoje, mas foi mais evidente no passado, através de seu patrimônio histórico material, quase completamente destruído e perceptível, ainda, nos dias de hoje em algumas manifestações culturais como as Cavalhadas e a Festa do Divino Espírito Santo.

Anos depois, por meio da Lei Estadual nº 850, de 30 de outubro de 1953, criou-se o Município de Crixás, instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1954. Na década de 1980 com a exploração de ouro no garimpo conhecido como Lavra, a cidade recebeu inúmeras pessoas de diversas partes do Brasil. De acordo com o Secretário de Cultura do município, Marcelo Cavalcante, em entrevista no mês de março de 2020, essa imigração proporcionou um desenvolvimento na cidade, bem como o enriquecimento de muitos empresários ligados à exploração aurífera. Com a chegada de muitas pessoas na cidade, muitas construções antigas, que faziam parte do patrimônio histórico da cidade foram derrubadas, dando lugar a prédios maiores e que atendiam às demandas da época. De acordo com o Secretário, as pessoas não faziam ideia do prejuízo histórico que isso traria para o futuro da cidade.

Atualmente a cidade possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, uma população estimada em 16.949 habitantes e tem como maiores atividades econômicas, a mineração e a pecuária. Desde 1989 a Mineração Serra Grande se instalou na cidade para a extração de ouro. A mineradora é controlada pelo grupo sul-africano AngloGold Ashanti em parceria com a Kinross do Canadá, tornando-se, segundo Dias (2010) o maior grupo minerador do mundo.



Figura 1 - Mapa do Brasil

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/mapa-brasil.htm>



Figura 2 - Mapa do Estado de Goiás

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/goias.htm>

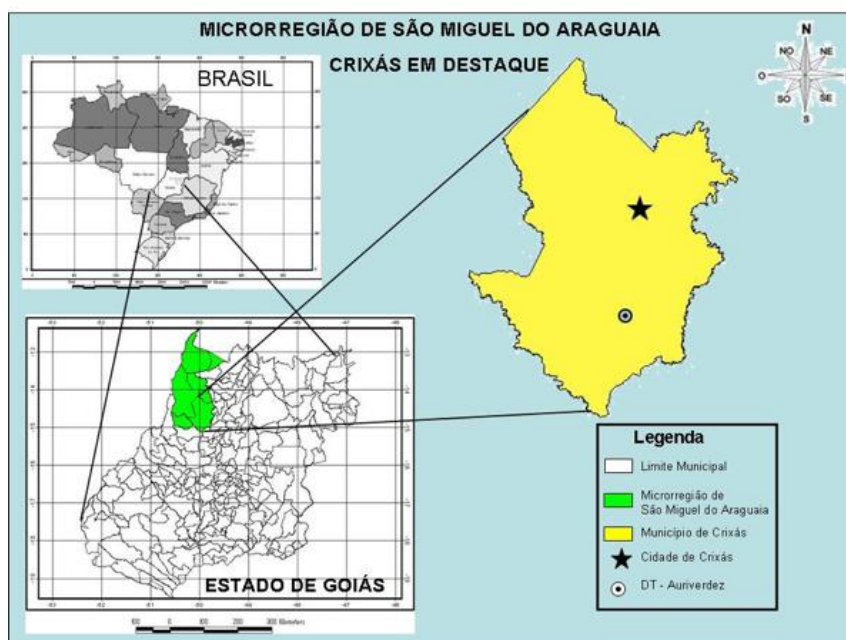


Figura 3 - Localização da cidade de Crixás

Fonte: Dias (2010)



Figura 4 - Vista aérea da cidade de Crixás-GO

Fonte: <http://camaracrixas.go.gov.br/galeria.php>

## 3.2 A Festa do Divino Espírito Santo

### 3.2.1 Um pouco de história

Conta-se que na Idade Média apareceu em Portugal Joaquim de Fiore (1131 – 1202), um monge cisterciense. Após anos de retiro espiritual, foram a ele reveladas três idades espirituais, relativas às três pessoas da Santíssima Trindade: a Primeira correspondia ao governo do Deus Pai (Antigo Testamento); a Segunda tinha o seu início com a fundação da Igreja de Cristo (Novo Testamento);

e a Terceira, a época do Espírito Santo, que marcava uma nova era nas relações entre o homem e a terra, a implantação definitiva do amor, da paz e da bondade entre os homens, por meio de novas ordens religiosas que renovariam a igreja decadente.

Em seu estudo sobre os Impérios (pequenos templos) na Ilha Terceira, onde se desenvolvem as festividades do Espírito Santo, Paula Noé afirma que, “nesse período, qualquer plebeu seria Imperador, visto que a sabedoria divina iluminaria a todos, e todos se beneficiariam de uma “inteligência espiritual” capaz de permitir a compreensão dos mistérios divinos”.

O monge difundiu a revelação recebida e conquistou inúmeros fiéis, sendo depois perseguido pela Igreja. A fé no Espírito Santo fez com que, somente em Portugal, fossem queimadas mais de 400 pessoas.

Como assevera Noé (2012), a introdução do culto ao Espírito Santo em Portugal ainda divide a historiografia. Alguns investigadores associam o início da veneração ao Espírito Santo à ação da rainha D. Isabel, com a criação de uma capela e Irmandade do Espírito Santo em Alenquer, em 1296.

A verdade é que existem referências documentais mais antigas a comprovar o culto em Portugal. De facto, já em 1237 se encontra documentada uma confraria do Espírito Santo em Benavente, que organizava um bodo aos pobres no dia do Espírito Santo. E, sensivelmente desta época, seria também a igreja do Espírito Santo da Pedreira, em Lisboa, que tinha uma confraria do Divino Espírito Santo e, anexada, um hospital para práticas caritativas. (Noé, 2012, p.04)

Outros investigadores associam estas instituições de beneficência à Ordem Franciscana ou aos seus devotos, que circulavam em Portugal e outros países da Europa. Porém, para outros autores, o início desse culto em Portugal, especificamente nas regiões de Tomar e Castelo Branco, deveu-se à ação da Ordem do Templo, desde o século XII, e posteriormente à Ordem de Cristo, sua sucessora. “Num estudo das Capelas do Espírito Santo na região de Castelo Branco, verifica-se a coincidência entre as povoações que pertenciam à Ordem e as que têm culto ao Espírito Santo”. (Noé, 2012, p.4)

Essa devoção, porém, teve maior desenvolvimento nos Açores, no período do povoamento das ilhas: Santa Maria em 1439, seguida da de São Miguel, da Terceira e as ilhas do grupo central.

Apesar das especulações sobre a origem do culto do Espírito Santo nos Açores, que o ligam à proveniência dos primeiros povoadores, ou à data da implantação dos franciscanos em cada uma das ilhas, pensamos que, mais uma vez, o surgimento e a implantação do culto se devem à Ordem de Cristo. (Noé, 2012, p.4)

A autora ainda acrescenta que,

Na ilha Terceira, o culto do Espírito Santo está documentado desde 1492, data em que já se fazia o Império e se distribuía o bodo, no dia de Pentecostes, à porta de uma capela pertencente ao hospital do Espírito Santo, fundado a 15 de maio, na Rua Direita, por João Vaz Corte Real, capitão donatário de Angra. Pelo Compromisso da Confraria, sabe-se que a festa constava da missa do Espírito Santo, “coroação” e bodo e, se algum irmão “tomar

o império”, ou se oferecer para “Imperador” e não possuir meios para assegurar a despesa da festa, estes lhe seriam proporcionados pela confraria. (Noé, 2012, p.5)

Os adeptos da nova crença migraram para o Canadá e para o Brasil, após a sua colonização e se instalaram em terras onde hoje se encontram os Estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Desde então, segundo Lima (2015), as festividades do Espírito Santo, ou folias, fazem parte da religiosidade do povo brasileiro, persistem no tempo e atendem dois requisitos: devoção e diversão, mantendo-se vivas e com forte sentido de agregação comunitária.

A Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás, em Goiás existe há mais de 150 anos, e parece herdeira direta da tradição açoriana associada a Joaquim de Fiore. Com o intuito de percorrer os municípios vizinhos durante trinta dias, nessa época foram criadas 03 folias na cidade - Sertão, São Patrício e Santa Rita, que tinham o seu início no mês de maio e seu término na última quinta feira do mês de junho no Cruzeiro da praça da igreja, seguindo depois para a Casa Grande, local onde viviam os escravos.



Figura 5 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d)

Fonte: Página da Folia de Crixás na rede social Facebook.

As folias receberam esses nomes por causa das direções que seguiam: a do Sertão partia em direção ao interior do município, atualmente Santa Terezinha de Goiás, Campos Verdes, Mara Rosa, Uirapuru e região. A de São Patrício seguia rumo à região atual de Nova América e Itapaci, localizados no chamado Vale do São Patrício. A de Santa Rita avançava em direção à cidade de Santa Rita próxima a Goiás Velho, antiga capital do Estado de Goiás, e região.



Figura 6 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d)

Fonte: Página da Folia de Crixás na rede social Facebook

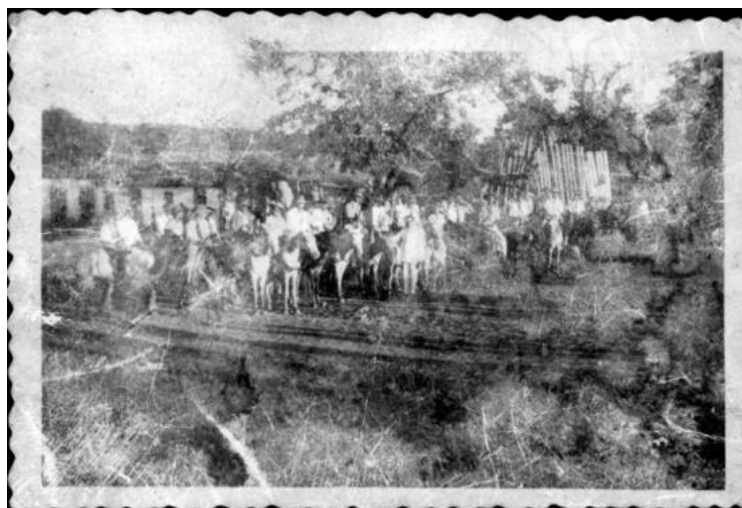


Figura 7 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d)

Fonte: Página da Folia de Crixás na rede social Facebook



Figura 8 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d)

Fonte: Página da Folia de Crixás na rede social Facebook

Antigamente, segundo Lima (2015), o Imperador da Festa do Divino Espírito Santo era o responsável pela organização dos festejos (tal como sucede ainda hoje nas festividades dos Açores), visto que a cidade de Crixás não tinha um pároco fixo. A presença de padres visitantes se dava em datas pontuais, como batizados, casamentos e algumas missas em datas comemorativas.

Geralmente o Imperador era um fazendeiro da região e juntamente com sua esposa, a Imperatriz, cuidavam de todos os detalhes dos festejos. Cabia à Imperatriz e sua equipe a tarefa de fabricar doces e biscoitos que eram servidos aos convidados e à comissão auxiliar da festa. Como assevera a autora, a equipe do Imperador viajava até Goiás Velho, montada em cavalos, para fazerem as compras da festa.

No tempo dos festejos, o Imperador recebia famílias e visitantes na Casa Grande, local da festa e sua residência temporária. Existia, à época, uma Alvorada festiva onde a cidade era acordada com tiros de ronqueira, uma espécie de espingarda antiga, assim como a Procissão da Coroa e das Bandeiras ao final da festa. Faziam parte da comitiva o Capitão do mastro, o Capitão da fogueira, os Alferes, o Alferes da Bandeira Grande e a Comissão da Folia: violeiros, caixeiros, salveiros, palmeiros, foliões etc.

O Imperador e a Imperatriz eram o encargo mais almejado da época, pois eram figuras de destaque e usavam trajes pomposos. A renda obtida na festa com as esmolas pagava as despesas do Imperador e o que sobrasse era entregue para a administração da Igreja.



Figura 9 - Festa do Divino Espírito Santo (s/d)

Fonte: Página da Folia de Crixás na rede social Facebook

O trajeto percorrido por essas folias é chamado de “Giro” e nos primórdios eram feitos nas fazendas. A cidade era muito pequena, por isso o giro era feito pelo alferes da Bandeira Grande acompanhado pelas famílias da sociedade. Quem fazia o peditório ou pedido de esmolas eram as

jovens mulheres mais bonitas da época que iam com um cestinho na mão recolhendo os donativos (dinheiro, moedas, ouro, etc.)

Após 1972, de acordo com a autora citada anteriormente, ano de demolição da Casa Grande, as festas tradicionais da cidade foram interrompidas. As tradicionais cavalcadas foram encerradas em 1954, retornando somente em 1989. As folias também tiveram seus giros interrompidos, causando prejuízo na cultura da cidade, visto que cânticos e coreografias da época (dança do tambor, por exemplo) foram esquecidos.

Em 1994, no retorno das folias de São Patrício e do Sertão, foram feitas algumas alterações: ao invés de trinta dias, as folias passaram a “girar” entre treze e quinze dias. O início não se daria mais no mês de maio e sim no segundo sábado do mês de junho. O término não seria mais na última quinta feira do mês de junho, e sim na última sexta do mesmo mês.

A Folia de Santa Rita retornou em 2004 e atualmente todas as três folias são coordenadas pela Associação de Catireiros e Foliões de Crixás, juntamente com a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, a paróquia da cidade.

Atualmente a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás é realizada na segunda quinzena do mês de junho, tendo seu início no segundo sábado desse mês e o seu término no último domingo de junho. São quinze dias de festa com as três folias que percorrem o perímetro urbano (São Patrício e Sertão) e a zona rural (Santa Rita) da cidade.

Fazendo uma breve explicação, a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás compreende, nos dias de hoje, o Giro das Folias, a Festa do Imperador, o Café da Manhã do Capitão do Mastro, a Procissão de Encerramento, o Levantamento do Mastro e a Queima da Fogueira.

### **3.2.2 Símbolos da Folia e encargos da Festa do Divino Espírito Santo**

Segundo Lima (2015), os símbolos da Folia do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás são:

**Bandeira:** é um pano vermelho com a imagem de uma pomba ao centro e com detalhes dourados. É bastante enfeitada com flores e fitas coloridas. Na Festa do Divino existem três bandeiras que representam as três folias: São Patrício, Sertão e Santa Rita. Elas são conduzidas pelos respectivos alferes das folias.



Figura 10 - Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.

**Bandeira Grande:** é a maior bandeira da festa. É conduzida pelo Alferes da Bandeira Grande somente nos momentos: na saída das Folias, e no encerramento do giro, ou entrada e na Procissão de Encerramento da Festa do Divino. Durante o giro das outras três bandeiras, essa bandeira não sai da Igreja.



Figura 11 - Procissão de Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2009.

**Mastro:** último símbolo a ser apresentado no momento da procissão de encerramento da festa. É hasteado no final da missa e possui mais ou menos dez metros de altura.



Figura 12 - Levantamento do Mastro no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.



Figura 13 - Mastro

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.

**Fogueira:** o acender da fogueira é o último ritual da Festa Divino. Depois da fogueira acesa, são realizados batizados ao seu redor.



Figura 14 - Queima da Fogueira no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2018

**Instrumentos:** violas, violões, caixas, pandeiros, cavaquinhos, sanfona, são usados para animar os cânticos entoados na passagem da Folia.



Figura 15 - Foliões (violeiros e caixeiro) durante o Giro da Folia de São Patrício

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.



Figura 16 - Violeiros

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2012

**Cantoria:** são realizadas no momento do pouso (quando a bandeira dorme na casa de alguma família) e outras ocasiões, como o agradecimento da esmola.



Figura 17 - Pedido de esmola

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2015

**Danças:** são de origem Afro-brasileira. A dança do tambor relembra as danças das senzalas onde várias pessoas cantavam músicas com versos repetidos numa grande roda. Os instrumentos eram os tambores de tamanhos variados feitos de madeira. Como exemplos tem-se a catira ou cateretê, uma dança animada e barulhenta executada ao som da viola e pandeiros; o batuque que é a dança da chegada das folias, quando se homenageia o proprietário da casa onde se realizará o pouso; a veadeira, muito parecida com a catira, porém o sapateado é mais rápido e o ponto, que é um desafio entre os foliões, que inventam e exibem sapateados complicados.



Figura 18 - Catira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2013



Figura 19 - Catira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2015



Figura 20 - Veadeira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2009



Figura 21 - Veadeira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2018

Já os encargos da festa segundo a mesma autora são:

**Imperador:** responsável pela coordenação da festa juntamente com o pároco da igreja. Nos dias de hoje, porém, o imperador é o responsável pela distribuição de doces no dia do encerramento do giro das Folias (sábado), dia anterior ao encerramento da festa (domingo).



Figura 22 - Imperador e Imperatriz no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2013



Figura 23 - Imperador e Imperatriz na Procissão de Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.

**Capitão do mastro:** encarregado da ornamentação do mastro da Bandeira do Divino, além de providenciar o seu hasteamento, os fogos e o café da manhã do dia após a festa de levantamento do mastro. Hoje esse café da manhã é realizado no domingo pela manhã e à noite do mesmo dia é feito o hasteamento do mastro no largo da Igreja da cidade. Ainda existem a queima de fogos e cantorias no momento desse hasteamento, sendo essa, uma das últimas cerimônias no encerramento da Festa do Divino Espírito Santo.



Figura 24 - Capitas do Mastro

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.

**Capitão da Fogueira:** é o responsável pela construção da fogueira, que é acesa no encerramento da Festa do Divino, após o hasteamento do mastro.

**Comissão da Folia:** equipe que elabora o trajeto da folia e define seus pousos, além do acerto de contas com os foliões.

**Alferes:** comandante responsável pela ordem da folia durante o giro. É quem carrega a bandeira, sempre com uma toalha branca no pescoço. Antigamente eram escolhidos por sorteio e hoje, em sua maioria, são pessoas pagadoras de promessas.



Figura 25 - Chegada da Folia do Sertão (Alferes e Foliões) para um almoço na zona rural

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2014.

**Alferes da Bandeira Grande:** é o responsável pela condução da Bandeira Grande na saída e na entrada das Foliás.



Figura 26 - Alferes da Bandeira Grande

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.

**Violeiro:** tocador de viola e que improvisa a cantoria. Para cada folia têm-se dois violeiros e dois ajudantes.



Figura 27 - Violeiros da Folia de São Patrício  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2009.



Figura 28 - Violeiros da Folia de São Patrício  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2009

**Caixeiro:** tocador de caixa, um pequeno tambor, que acompanha os cânticos no trajeto de uma casa para a outra.



Figura 29 - Despedida do Pouso (Caixeiro e Foliões)

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2018

**Salveiro:** responsável pelos foguetes que avisam a chegada da folia ou quando alguém doa um bezerro. Não se sabe ao certo de onde vem essa tradição, o fato é que a cidade possuía e ainda possui grandes fazendeiros que doam bezerros e gado registrado para a Folia.



Figura 30 - Salveiro

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2018



Figura 31 - Salveiro

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2009

**Foliões:** devotos que acompanham a Bandeira, tocando pandeiros, dançando, e ajudando os cantores, além de dançarem as danças típicas da folia, como a catira, o ponto e a veadeira.



Figura 32 - Folia do Sertão no início da Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2010

**Palmeiro:** quem puxa as palmas no momento das danças.



Figura 33 - Palmeiros

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2009.



# Capítulo 4 - Metodologia e desenho da investigação

## 4.1 Tema e Problema

A cidade de Crixás não possui muitos registos oficiais sobre essas festividades do Divino Espírito Santo. Os poucos registos históricos estão compilados no livro “Crixás, nossa terra, nossa gente” da historiadora Maria Madalena de Lima e no documentário “Viva todos que prestaram atenção” de Carlos Cipriano e Denise Clímaco, realizado no início dos anos 2000 e disponibilizado no ano de 2015 na plataforma de vídeos YouTube.

A pesquisa propõe mostrar a importância da imagem fotográfica como uma narrativa que conserva, comunica e transcreve uma realidade não mais existente, proporcionando um acesso visual ao passado, por meio de relatos orais. A partir do enquadramento teórico apresentado no presente estudo e levando em consideração que a fotografia deve ser utilizada e considerada não apenas como um mecanismo para o registro de um momento, mas algo que vá além da imagem, que possa, assim como documentos escritos, narrar, comunicar, recuperar e preservar a memória de um povo de forma a contribuir para a sua sistematização e utilização em futuras pesquisas da mesma natureza, o tema desse projeto é a: Fotografia e Memória: a Festa Divino Espírito Santo em Crixás – Goiás.

A questão de investigação que norteou o estudo é saber se:

“A fotografia contribui para a construção e preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás e para uma melhor compreensão de sua história quando aliada a fontes orais?”

Tendo em conta a revisão da literatura feita na primeira parte, sobre a fotografia e memória entendemos, nesta dissertação, os conceitos definidos pelos autores pesquisados. Assim, a resposta ao problema central de investigação implica as seguintes questões específicas:

Q1. De que forma a fotografia contribui para a construção e preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás e para uma melhor compreensão de sua história quando aliada a fontes orais?

Q2. Os entrevistados possuem consciência da importância da preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás?

Q3. A partir dos relatos orais e da pesquisa etnográfica, o que é possível fazer para colaborar com a divulgação das festividades e a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás?

## 4.2 Objetivos e Hipóteses

Definido o problema, a investigação teve os seguintes objetivos:

1. Utilizar a imagem fotográfica, associada à técnica de história oral como acionadora de lembranças individuais e coletivas, recuperando pequenas histórias, construindo um mosaico de memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO.
2. Transcrever a Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Crixás-GO por meio de uma narrativa fotográfica expositiva das imagens capturadas durante o período da pesquisa etnográfica.
3. Elaborar estratégias, por meio de um plano de comunicação, para a colaboração na preservação e divulgação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás.

A partir da revisão da literatura, pode inferir-se as seguintes hipóteses relativamente às questões Q1, Q2 e Q3:

1. As fotografias são fontes de conhecimento da cena passada, em dois sentidos: por meio das informações que trazem explícita ou implicitamente, e como elemento ativador da memória, trazendo à tona lembranças naqueles que vivenciaram alguma manifestação cultural do passado, como a Festa do Divino Espírito Santo, na cidade de Crixás-GO, por exemplo. Na reunião dessas interpretações e dos relatos de histórias individuais e coletivas – intermediadas por imagens – será possível obter dados relevantes e ainda desconhecidos sobre esse patrimônio histórico imaterial, assim como contribuir para a fixação de sua memória.
2. Os entrevistados possuem consciência da importância da preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás, mas pouco colaboram nesse processo.
3. A partir dos relatos orais e da experiência etnográfica é possível elaborar estratégias que colaborarão com a divulgação das festividades e a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás.

## 4.3 Métodos e técnicas de investigação

O ser humano sempre buscou conhecer e entender melhor o ambiente que o rodeia, estabelecendo desde tenra idade o processo de construção de novos conhecimentos e utilizando a pesquisa como forma de orientar o processo de aprendizagem. Assim, a arte de pesquisar se tornou primordial na investigação em diversos campos científicos, indispensável na formação acadêmica.

A pesquisa constitui-se de um conjunto de procedimentos e atividades que conduzirão a busca do conhecimento em determinado campo científico. Assim, podemos entendê-la como um “trabalho empreendido metodologicamente, quando surge um problema, para o qual se procura a solução adequada de natureza científica” (Salomon, 2001, p.152). Objetiva contribuir para a evolução do conhecimento humano em todos os setores, sendo sistematicamente planejada e executada segundo rigorosos critérios de processamento das informações.

O objetivo fundamental da pesquisa é revelar respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. Assim, a pesquisa científica é o ato de pesquisar os mais diversos significados, para conhecer algo que constitui um ato dinâmico frente ao questionamento, na tentativa de desvelamento de determinados objetos, no caso do presente estudo, utilizar a imagem fotográfica, associada à técnica de história oral como acionadora de lembranças individuais e coletivas da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO.

A metodologia são as etapas e caminhos que deverão ser percorridos durante a concepção de uma pesquisa científica. É o detalhamento minucioso de cada passo, ação e técnica que permearão a sua construção.

[...] é usado para apresentar o campo de observação, etapas, procedimentos, equipamentos e demais instrumentos para a realização do trabalho. Assim, são definidos instrumentos de coleta e análise de dados e informações, como bibliografia, documentos, questionários, formulários, entrevistas, análises estatísticas e etc. (Condurú & Pereira, 2007, p.41).

A metodologia se procura pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa, indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo, no caso em questão, desenvolver um estudo sobre a importância da preservação da memória de um povo por meio da fotografia. Toda metodologia exige um método a ser adotado.

Entende-se por método, um aglomerado de regras básicas de como deve ser o procedimento a fim de produzir conhecimento dito científico, quer seja este um novo conhecimento, quer seja este fruto de uma totalidade, correção (evolução) ou um aumento da área de incidência de conhecimentos anteriormente existentes.

O método utilizado nesta pesquisa foi o etnográfico que visa realizar a descrição dos conteúdos abordados e pertencente a um determinado grupo social, por meio de seus significados e experiências de vida. Para Santos (2006), a etnografia atua enfatizando a exploração da natureza e de um fenômeno social particular realizando entrevistas em profundidade. Ainda de acordo com o autor, os procedimentos são: observação, análise do discurso dos entrevistados, investigação dos detalhes de um fato, lançamento de uma perspectiva microscópica, e por fim interpretação dos significados e prática social.

Pretendeu-se trabalhar com a perspectiva de pesquisa de cunho etnográfico, buscando compreender a realidade local congregando os aspectos qualitativos e quantitativos, articulando os estudos bibliográficos e empíricos. Na presente investigação procurou-se compreender o objeto de estudo, observando os fatos sociais, culturais e educacionais, o sistema de valores e modos de vida, que influenciam a população da cidade de Crixás-GO. Objetivou-se também abarcar na temática em estudo as relações teóricas e práticas, seus significados e sentidos, arte e vivência, história e memória, observados no campo de pesquisa.

Os instrumentos de coleta de dados foram revisão bibliográfica, observação in loco, que compreendeu os períodos entre os anos de 2008 e 2019, entrevistas semiestruturadas e

entrevistas por meio da aplicação do método que alia fotografias aos relatos de fontes orais e foram descritos posteriormente.

Para o presente estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, obtendo as obras que proporcionaram o conhecimento necessário sobre o tema. Gil (1996) pontua que essa pesquisa é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Assim, esperou-se obter embasamento suficiente para a continuidade ao estudo.

A observação in loco entre os anos de 2008 e 2019 possibilitou um mergulho no universo da Festa do Divino Espírito Santo: observar a dinâmica dessa manifestação popular, capturar imagens para futuros registros documentais, conhecer os sujeitos participantes da festa, estabelecer uma relação de confiança com os mesmos e obter informações que auxiliaram na análise dos relatos orais e na transcrição da Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Crixás-GO por meio de uma narrativa fotográfica expositiva.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas individuais com alguns sujeitos que pudessem fornecer outras informações acerca da Festa do Divino Espírito Santo, no caso, o Pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Crixás-GO e o Presidente da Associação de Catireiros e Foliões de Crixás. Uma entrevista foi realizada em março de 2020 com o Secretário de Cultura da cidade sobre os patrimônios material e imaterial, a sua destruição e preservação.

Certos de que a pesquisa tinha por finalidade reconhecer o potencial da imagem fotográfica como uma forma de comunicação narrativa, acionadora de lembranças individuais e coletivas, foi utilizado o método de pesquisa que alia fotografias aos relatos de fontes orais. Esse método foi baseado na tese de doutorado de Maria Luísa Hoffmann intitulado “Fragmentos da história: o uso da fotografia para a recuperação e preservação da memória de Londrina” apresentada no ano de 2015 à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Tal metodologia busca “sistematizar a proposta como um método para a área da Comunicação, utilizando uma de suas ferramentas: a fotografia, valorizando-a enquanto instrumento de pesquisa e como documento de importância para o resgate histórico”. (Hoffmann, 2015, p.62)

Dez imagens fotográficas capturadas na Festa do Divino Espírito Santo entre os anos de 2008 e 2019 foram utilizadas nas entrevistas. Essas fotografias não obedeceram a uma ordem cronológica e, no momento das entrevistas, não foram apresentadas na mesma sequência.



Figura 34 - Almoço da Folia – 2012  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 35 - Chegada da Folia de Santa Rita – 2013  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 36 - Os Três Alferes no Entrada das Falias – 2013  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 37 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Entrada das Folias – 2013

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 38 - Distribuição de doces na Festa do Imperador – 2013

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 39 - Despedida do Pousos – 2013

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 40 - Despedida do Pouso – 2013

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa



Figura 41 - Veadeira – 2009

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa



Figura 42 - Despedida de Pouso – Zona Rural – 2009

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa



Figura 43 - Despedida do Pouso – Zona Rural – 2009

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa.

A motivação para o uso das fotografias em entrevistas se deu pelo fato de que o entrevistado ao visualizar a foto, reconheceria algo nessa imagem e falaria de assuntos além dessa própria imagem, pois poderiam ser acionadas lembranças pessoais, memórias do passado. Considerando que, para Aumont (1995), a rememoração é um processo individual e depende dos “esquemas” que os indivíduos trazem embutidos em si mesmos, das experiências, das vivências, e respeitando esse processo individual de percepção, foi feita somente uma pergunta aos entrevistados: **“O que você vê nessa imagem?”** A partir dessa pergunta, das imagens capturadas e dos relatos orais dos entrevistados, foi possível obter dados relevantes e desconhecidos sobre esse patrimônio histórico imaterial e elaborar estratégias que colaborarão com a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO.

As fontes orais participantes da pesquisa compreendem indivíduos que colaboram ativamente na Festa do Divino em Crixás, como foliões e hospedantes, pessoas que visitam a cidade de Crixás no período da festa, mas que não vivenciam ativamente a experiência dos giros, crianças, jovens, adultos, idosos, católicos e não-católicos, moradores e não-moradores da cidade, crixaenses e não crixaenses. A escolha por uma amostra heterogênea justifica-se pela tentativa de obter uma visão mais plural do objeto de estudo.

Esses relatos são “registros da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem. (Hoffmann, 2015, p.30)

Por meio desse método, relações não documentadas nas fotografias foram trazidas à luz, informações importantes para a contextualização do momento e dos registros pesquisados. Isso porque “o próprio aparente se carrega de sentido na medida em que recuperamos o ausente da imagem”. (KOSSOY, 2003, p. 156). A partir desse mosaico construído, foi possível contextualizar e compreender o processo histórico e cultural da Festa do Divino na cidade. Os indícios presentes

em fontes visuais possibilitaram recuperar informações importantes para a (re) construção da memória do povo crixiaense.

Tendo em vista a natureza do objeto de estudo proposto, a forma de abordagem foi qualitativa, dando suporte à medição descritiva e interpretativa do fenômeno em questão, pois “a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada” (Bogdan & Biklen apud Lüdcke & André, 1986, p.13).

Para Uwe Flick (2009) na abordagem qualitativa o pesquisador é parte primordial para concepção da pesquisa, pois é por meio do seu contato íntimo com o objeto que ele obterá a capacidade de reflexão, produzindo as interpretações necessárias para a conclusão do estudo. Para que isso seja possível, a escolha dos instrumentos de coleta de dados, responsáveis pelo seu sustento e interpretações, deve ser feita com base nas características do objeto de estudo. Fonseca (2002) assinala que “O pesquisador procura obter informações da realidade recorrendo a instrumentos de pesquisa. Os instrumentos de pesquisa devem ser selecionados levando em consideração o que se pretende coletar e verificar [...]” (p.57).

Ainda buscando a melhor forma de obter resultados concretos e precisos na pesquisa, fez-se o uso das teorias da comunicação como base de sustentação para o presente estudo. Originadas por volta dos anos de 1910, as teorias buscam compreender a forma como a comunicação atinge e influencia a sociedade. Para Temer e Nery (2009) “o ponto de partida desse projeto é a chamada Escola de Chicago, cuja supremacia mantém-se entre 1910 e 1940, considerada a primeira a desenvolver uma reflexão teórica sobre a comunicação e sua interferência nas sociedades” (p.37)

Levando consideração o objeto de estudo da pesquisa, foi escolhida a teoria semiótica, por ser utilizada no estudo das diversas formas de linguagens, como a gestual, escrita, fotográfica, cinematográfica e muitas outras. Criada e defendida por Pierce, ela é considerada a ciência geral da linguagem, da representação e dos signos.

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (Pierce, 1999, p. 46).

Assim, pudemos entender a semiótica como uma ciência que nos permite compreender e interpretar a imagem, que de acordo com a bagagem cultural de cada indivíduo pode trazer subjetivas interpretações. Desta maneira, a expectativa de que os passos pontuados na construção da metodologia foram respondidos de maneira satisfatória ao problema de estudo proposto.

## **4.4 Etapas Etnográficas**

**Preparação:** Entendimento do contexto político do grupo estudado e familiarização;

O contato com a Festa do Divino aconteceu em junho de 2008. Durante quinze dias houve participação do pesquisador na Folia de São Patrício. Isso possibilitou as primeiras impressões, bem como a familiarização com o ambiente e as pessoas. Nos anos seguintes (2009 a 2019) o pesquisador retornou em todas edições da Festa do Divino não participando ativamente de todos os dias do giro, mas estando presente na Saída ou na Entrada das Folias, em alguns dias de Giro, bem como, no Encerramento da Festa do Divino.

- Estabelecer objetivos iniciais e elaborar perguntas;

O objetivo inicial era fazer algum trabalho relacionado à festa, mas ainda sem ter ao certo os objetivos traçados. O que foi amadurecido ao longo dos anos e de imersão junto aos foliões.

- Obter acesso e permissão para realizar entrevistas e observações.

Por ser uma figura participante ativamente da festa, as entrevistas foram concedidas sem obstáculos. Talvez, pela familiaridade com o grupo, o contato com eles (Padre, Coordenadores, Foliões, moradores da cidade) foi mais acessível.

**Estudo:** principal momento da etnografia; contato direto com o grupo a ser estudado

- Realizar observações e entrevistas;

As entrevistas aconteceram nos anos de 2017 com o Padre e o Presidente da Associação, porém nos anos seguintes o trabalho sofreu algumas alterações. Novos objetivos foram traçados e em 2018 e 2019 as entrevistas com os foliões e demais moradores da cidade foram realizadas.

As entrevistas de 2017 e 2018 e uma entrevista em março de 2020 com o Secretário de Cultura de Crixás permitiram recolher dados objetivos e subjetivos de modo quantitativo e qualitativo;

Todos os anos de imersão na festa permitiram o registo fotográfico ou videográfico.

**Análise:**

- Organização dos dados;

Finalização do texto, por meio das análises dos relatos orais coletados durante a pesquisa.

## **4.5 Amostra**

Para o presente estudo foram realizadas entrevistas com o Pároco da cidade e com o Presidente da Associação dos Catireiros e Foliões de Crixás-GO no mês de novembro do ano de 2017 que possibilitaram obter mais dados sobre a Festa do Divino Espírito Santo. Além dessas duas, foram feitas mais 38 entrevistas com a população crixaense que aliam fotografias aos relatos de fontes orais, compreendendo foliões, hospedantes (pessoas que dão almoços e pousos) e população crixaense em geral. Para a realização das entrevistas privilegiou-se o período de realização da

Festa (Junho de 2018 e 2019). Uma entrevista foi feita no mês de março do ano de 2020 com o Secretário de Cultura da cidade para obtenção de dados sobre os patrimônios material e imaterial de Crixás.



## **PARTE III – Discussão e análise dos resultados**

### **Capítulo 5 – Fotografias, relatos e memórias: cumprindo os objetivos propostos**

A proposta desta investigação foi estudar a contribuição da fotografia para a construção e preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Goiás e para uma melhor compreensão de sua história quando aliada a fontes orais. As etapas da pesquisa foram guiadas pelos objetivos propostos na metodologia e a partir da experiência etnográfica e das entrevistas por meio da aplicação do método que alia fotografias aos relatos de fontes orais faremos as discussões e análises dos resultados a seguir:

#### **5.1 Utilizar a imagem fotográfica, associada à técnica de história oral, como acionadora de lembranças individuais e coletivas, recuperando pequenas histórias, construindo um mosaico de memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO**

A fotografia possui o poder de fixar a realidade e perpetuar a memória singular de um povo e foi possível, na presente investigação, certificar sua relevância no resgate histórico da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO. Monego e Guarnieri (2002, p.85) afirmam que “a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada, e o que resta são memórias dos momentos vividos”. Assim, podemos atribuir a ela o papel de eternizar a história apenas em imagens.

Percebeu-se, por meio da etnografia, que conhecer de forma mais aprofundada a festa e conversar com os personagens que fazem parte da mesma foi de extrema relevância para entender de que maneira a fotografia se relaciona com a memória na reconstrução da história. Em cada depoimento constatou-se o poder que a imagem fotográfica possui na percepção dos momentos vividos pelos sujeitos. De acordo com os resultados obtidos o que se percebe é que, como já foi citado anteriormente, a imagem é propícia a inúmeras interpretações. Ao observar as imagens os indivíduos externaram fatos que ocorreram no exato momento em que a mesma foi concebida e essas memórias desencadearam outras lembranças acerca da época em questão, ou de outras épocas da festa.

O mergulho etnográfico permitiu conhecer de maneira mais aprofundada os sujeitos da Festa do Divino Espírito Santo e estabelecer com eles uma relação de confiança. Esse aprofundamento foi o que possibilitou o cruzamento dos dados entre os relatos orais, por meio da fotografia, e as experiências vivenciadas na participação dos festejos entre os anos de 2008 e 2019.

### **5.1.1 A primeira realidade: reconhecendo a Festa do Divino Espírito Santo**

As vivências possibilitaram notar que algumas pessoas fizeram uma descrição literal trazendo os detalhes presentes nas imagens. Essas leituras mais descritivas corroboram a afirmação de Jacques Aumont (2001) sobre o primeiro processo ao nos depararmos com uma imagem: o reconhecimento. Num primeiro momento, somos capazes de identificar numa imagem cores, formas, texturas, num processo que exige apreensão do visível, um esforço das funções sensoriais que emprega propriedades do sistema visual.

Eis alguns testemunhos desse processo de reconhecimento:

*“A primeira foto é a chegada da Folia numa residência. A Alferes está cumprimentando uma pessoa. Os foliões estão dispostos atrás do arco pois ainda não adentraram à casa. A segunda foto é o agradecimento da mesa. Os foliões rodeiam a mesa e cantam dez estrofes agradecendo ao dono da casa e depois encerra com os vivas. Essa aqui é a Folia Cavaleira. Eles estão chegando á porta da Igreja e todos estão ainda em seus cavalos e o povo aguarda na porta da igreja. Essa aqui é a foto da Igreja Matriz com os devotos do Espírito Santo e a fogueira acesa encerrando a Festa do Divino”.*

*“Em uma foto vejo a chegada da tradicional Folia do Divino Espírito Santo no pouso onde os foliões com o Alferes fazem a chegada, cantando, pedem o pouso e aí começa o desenrolar da folia. Na outra vejo eles já agradecendo a mesa do jantar. Isso manda a tradição e com muito respeito. Na outra os foliões despedindo no dia seguinte para sair no seu giro em reverência aquele que é o Divino Espírito Santo”.*

Compreendemos o reconhecimento desses espaços, também descrito por Roland Barthes como *studium*, e percebemos a distinção do tempo sobre os elementos fotográficos. Podemos entender a fotografia como uma representação de uma primeira realidade, e isso permitiu aos entrevistados retornar a um momento passado e recriar visualmente algum fato ocorrido. Um entrevistado recordou sua infância e um símbolo da folia: a fogueira do encerramento da festa. Antigamente essa fogueira tinha aproximadamente cinco metros de altura e hoje, com leis ambientais mais rígidas, ela ainda permanece, mas com menos de 1,5 metros de altura.

Era comum também, durante a queima da fogueira, os batizados, a confraternização das pessoas, as brincadeiras das crianças ao redor da mesma. Como a fogueira era muito grande, ainda ardia por dois ou três dias após o encerramento das festividades. Nos dias de hoje, com a diminuição da fogueira esse momento de convívio é mais rápido e no dia posterior à festa não existem mais resquícios da mesma no largo da Igreja Matriz.

Kossoy (2003) reitera que uma única imagem contém em si inúmeras informações sobre um determinado momento passado e sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do fluxo contínuo da vida.

*“Eu vejo quando era mais novo né, bem mais novo aqui na porta da igreja a fogueira grandona e o pessoal batizando os meninos tudo em volta da fogueira. Eu ficava esperando até ver fogueira cair. Era muito bom. Dá uma lembrança do pouso que eu fui, a chegada de tardezinha, o Catira. Nesse tempo eu não dançava ainda, tinha vergonha, eu ficava só olhando”.*

*“Aqui eu vejo os foliões mais antigos. Os mais novos começando agora. A chegada da folia, o povo dançando, a entrega, o encontro, violeiro que já morreu, meu padrinho também tá aqui, ele nem gira a folia mais. Eu não lembro de muita coisa porque não é do meu tempo”.*

A Festa do Divino Espírito Santo é uma festa prestigiada, principalmente pelas famílias da cidade de Crixás. É comum ver crianças admirando as danças, hipnotizadas pelo som dos instrumentos musicais ou pelo sapateado dos foliões durante a catira ou a dança do ponto. Essas danças tradicionais da folia, nas falas de muitos, servem para unir as pessoas, pois, não exigem técnica. Para participar de uma catira, por exemplo, basta ter vontade. Os foliões são muito receptivos e acolhem qualquer pessoa que se disponha a fazer parte daquele momento da dança.

É recorrente também ver alguns jovens foliões durante todo o giro. Eles são em menor número e, em sua maioria, parentes próximos dos foliões mais antigos. Muitos deles cresceram dentro da tradição da folia e trazem consigo o respeito, a reverência aos foliões mais experientes e o amor pela festa.

O conceito de *punctum*, aquilo que arremessa o espectador para fora da imagem, dado por Barthes também é notado. De acordo com o autor, esse é um dos conceitos mais importantes na fotografia, pois por meio dele o espectador é transportado para uma emoção não exatamente descrita na fotografia.

*“O que remete a essas fotos são a cultura, o passado. Remete à gente, aos tempos idos do início do século onde fomos colonizados. Onde as pessoas faziam essas festas religiosas. Remetem a esse tempo e que bom que isso não morreu em nossa cidade. A gente ainda consegue ter pessoas que tem esse tempo de buscar as pessoas pra reunirem em suas casas, fazerem comidas, receber a bandeira, as danças, os mais antigos dançando e passando isso pros mais jovens”.*

*“O que posso ver nessas fotografias é uma multidão de pessoas movidas pela fé, pelo amor e pela socialização que essa cultura favorece. É uma demonstração de fé, no entanto tem uma busca de socialização das pessoas. Ao ver essa foto com os animais todos enfeitados, a Igreja paramentada, as pessoas esperando os Alferes, o padre, tendo a motivação da fé, do amor e da caridade que é proposto por essas tradições religiosas. É um momento único onde os cristãos se unem em prol da tradição e buscam nesses dias festivos o amor, a união, a representatividade que essa festa nossa tem na vida de cada um. As pessoas, nesse momento, elas expõem o seu lado afetivo, o seu lado amoroso e demonstram fé em atos que, às vezes no dia a dia, não ocorre, pela pressa, às vezes pela timidez. Mas no momento onde tem-se a bandeira do Divino estendida, onde a fé toca o coração do cristão, ele quebra esses paradigmas. Cai por terra a timidez, a pressa, às vezes até a antissociabilidade. Se unem nessa devoção. Ver jovens neste momento seguindo as folias, rezando e agradecendo a Deus e a Divina Trindade o que aconteceu durante seu ano é gratificante numa sociedade como a que estamos vivendo”.*

Muitos crixaenses esperam durante todo o ano pela chegada das folias. Essa é uma festa que faz parte do calendário cultural da cidade. Chama a atenção os reencontros entre familiares e amigos. Como já dito, esses momentos são abertos ao público e servem como uma oportunidade para a confraternização. É habitual notar as pessoas participarem do café da manhã, almoço ou do pouso, antes ou depois das atividades cotidianas como o trabalho ou a escola e muitos devotos acompanham o giro como agradecimento a alguma graça atribuída ao Divino Espírito Santo. É frequente, também, durante o giro, perceber as pessoas se emocionarem em algum ritual da folia,

seja a chegada da bandeira, um momento de oração ou o canto dos violeiros no pedido das esmolos.

### **5.1.2 Uma festa de símbolos, sabores e recordações**

A Igreja Matriz citada em algumas falas é um ponto de referência na cidade, um símbolo crixense. Para Gradim (2006) os símbolos são convencionais e para que existam é preciso que o grupo onde esteja inserido os aceite. É dessa igreja onde saem e chegam as folias, por isso a identificação, já que os entrevistados possuem uma relação com esse lugar.

*“Essa aqui é a foto da Igreja Matriz com os devotos do Espírito Santo e a fogueira acesa encerrando a Festa do Divino”.*

*“Essa foto noturna da igreja pode ser uma imagem ilustrativa do que seja a união e o amor em busca de tempos melhores e ao ver a matriz de Crixás iluminada parece até que tem um foco, uma luz jogada por Deus na busca da união das pessoas”.*

Os entrevistados mais antigos falaram com saudosismo sobre a igreja antiga que já não mais existe. Ela, assim como outras construções da cidade que foram demolidas para darem lugar a construções mais modernas, era uma construção secular e hoje tem sua história lembrada pelos mais idosos e pelos poucos registros fotográficos. A Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, no presente momento, também se encontra em reconstrução e ampliação.

Koury (1992) atesta que ao observarmos uma imagem fotográfica temos a impressão de revivermos os sons, as tensões e as sensações vividas no momento passado. Estes sujeitos narraram suas histórias como se revivessem o tempo de sua juventude, dos costumes, da cultura da folia.

*“Sou filha de pais devotos do Divino Espírito Santo. Eles gostavam muito de dar pouso de folia lá em casa e eu quando criança amava tudo aquilo. A casa cheia, muita alegria, muita fartura de comida. E minha mãe muito boa na cozinha. O feijão maravilhoso. Aquela comida gostosa. Povo dançando. Família reunida. Então era muito bom. Tenho uma nostalgia muito grande. Veio tanta coisa boa na minha cabeça. Tanta saudade dos meus pais. Do meu tempo de criança. Muita coisa boa”.*

*“A Folia do Divino Espírito Santo em Crixás me leva ao meu tempo de criança quando meus pais recebiam a folia em nossa casa para o café, o almoço ou a janta. Receber a folia com seu Alferes e os foliões sempre foi uma felicidade muito grande para o dono da casa”.*

As recordações da festa do Divino também são marcadas por muitos sabores. A culinária típica ainda é preservada e os cafés da manhã são lugares para se encontrar pães, bolos (quebrador, mãe-Benta, bolo de arroz, brevidade), cafés, chás, chá de leite (uma mistura de leite com canela). Nos almoços e jantares a Maria Isabel, o frango caipira com gueroba, a macarronada, as saladas, o feijão tropeiro, foram lembradas pelos sujeitos e alguns doces servidos nas sobremesas. Além disso, os doces de mamão, de leite, de abóbora, os cristalizados, distribuídos na festa do Imperador, também foram citados. Alfenim e fiós (uma adaptação do doce português filhós) foram doces que fizeram parte do passado da festa, mas hoje não são mais encontrados, pois as

senhoras que preparavam esses doces já faleceram e a tradição foi esquecida. Muitos já não se lembram, ou sequer sabem da sua existência.

Alguns se emocionaram ao lembrar dos familiares, amigos e o modo como se divertiam nos giros das folias. Reviveram histórias, falaram da espera pela festa durante o ano, do prazer em participar das festividades, dos encontros e reencontros, como dito anteriormente. As folias são uma oportunidade de convivência entre a comunidade e agregam diferentes pessoas em torno de um mesmo ideal: a fé no Divino Espírito Santo. Por mais que o período da festa seja vivido ativamente pela população católica da cidade, pessoas de outras religiões também participam desses momentos, sejam elas ligadas à religião evangélica, à doutrina espírita, às religiões de matriz africana ou pessoas que não professam nenhuma fé.

Os almoços e pousos são organizados com antecedência e reúnem muitos ajudantes na sua preparação. Pessoas para cozinhar, fazer a limpeza do local, a ornamentação do arco, servir a comida para os foliões e o público em geral. O jantar de encerramento da festa, a distribuição de doces pelo Imperador e a Imperatriz e o café da manhã do Capitão do Mastro concentram sempre um grande público e contam, também com a ajuda de muitos voluntários.

Outro detalhe que os entrevistados destacaram foi a lembrança e a saudade que sentem dos momentos do passado e das pessoas que já faleceram (algumas delas presentes nas fotografias).

*“Eu também sinto muita falta de muitas pessoas inclusive os foliões que Jesus já levou, especialmente o Tuta. A gente sente muita falta deles. Faz muita falta nas cantorias, nas apresentações, como na nossa caminhada, na nossa amizade. A gente sente muita falta”.*

*“É a tradição que a gente tem. Isso é importante pra gente. A gente vê essas fotos e lembra muitas coisas que já passou e que vem passando também. Dá uma saudade na gente. Você vê aquilo, assunta e não sabe se vai alcançar o outro ano. Só Deus saberá. Eu tava brincando veadeira será? (risadas) Esse ano eu estou sentindo uma queda que você nem imagina (emocionado). Eu não estou brincando do jeito que eu gostava de brincar. Então pra mim, já é um pouco de tristeza. A gente vê os foliões mais velhos. Vejo o Alvíno. Me lembro de uma folia no Mané Redondo. Eu brinquei muito. Foi uma emoção muito grande. E esse ano eu tô sentindo uma coisa, foi um sonho que eu tive, eu tô com medo de alguém não alcançar. Pode ser eu, pode ser outra pessoa. Vamos ver o que Deus promete para nós. Uma coisa que a gente vê hoje, não sabe se vê amanhã. Dá muita saudade”.*

Importante tomar nota para esta fala. Nela constatamos o auto-reconhecimento na fotografia. Alguém que se vê e enxerga os sinais do tempo, permite se emocionar com a saudade de um companheiro de folia já falecido e percebe as limitações da saúde. Necessário refletir sobre isso, afinal Crixás é uma cidade localizada no Estado de Goiás, interior do Brasil, onde ainda se tentam manter algumas tradições seculares. Porém, a festa, que conta com a presença de muitos idosos e que provavelmente são mais ligadas a essas tradições, é um lugar em que se observa essa pequena desconstrução. Tanto às mulheres como aos homens é “permitido” chorar, por exemplo, demonstrar afeto publicamente, sentir saudade, assumir-se frágil. Mas essa é uma mudança que vem acontecendo com algumas readequações da festa e que refletem novas posturas e comportamentos da sociedade contemporânea.

### **5.1.3 Entre destruições, contradições, desconstruções e reconstruções**

Antigamente, na Festa do Divino às mulheres eram destinadas a responsabilidade das tarefas ligadas à cozinha, à decoração dos ambientes ou à companhia dos maridos nos giros das folias. Os homens eram responsáveis pelas despesas, pelo abate de bovinos e suínos para os almoços e jantares e pelas tarefas executadas durante os giros: dançar a catira, participar ativamente dos cantos de chegada ou partida, pedidos de esmolos, agradecimentos.

Hoje já se vê mulheres participando das danças, dos cantos da folia, dos encargos da festa sem serem necessariamente acompanhantes dos maridos (Foliãs, Capitãs do Mastro, Alferes), provedoras de pousos e almoços. Também se percebe a presença masculina na ornamentação da festa, no papel de cozinheiros e em outros papéis que antes eram como considerados femininos.

*“Uma coisa que eu acho interessante na Folia é a presença das mulheres, dançando catira, veadeira. Acho muito bonito a presença delas durante o giro. Admiro muito a Dona Marcelina cantando nos pousos também e a filha do Seu Severo ajudando no agradecimento da mesa”.*

Os foliões tradicionais, aqueles que giram as folias e têm funções definidas na festa como violeiro, palmeiro, salveiro ou o folião que participa ativamente das festividades, são muito respeitados. É comum, perceber conversas nostálgicas entre eles, ouvir os mais idosos lembrando histórias para os mais jovens ou ensinando algum sapateado da dança do ponto.

As visitas de foliões de outras regiões das proximidades de Crixás como Uirapuru, Campos Verdes e Vila Sertaneja também são frequentes e esses reencontros são festejados e celebrados durante a catira, a veadeira ou alguma moda de viola.

*“Eu vejo vários tios, vários amigos que já foi. A gente vê essas fotos e fica lembrando dos antepassados, quem a gente conviveu, tá convivendo aí ainda, mas tudo na vida um dia acaba então, para nós, pra mim é uma honra lembrar essas pessoas”.*

*“Aqui a gente vê muita alegria, muita satisfação no rosto das pessoas. Outras a gente vê um pouquinho mais de devoção né. É isso aí. Pessoas que já não está entre a gente mais. A gente sente uma saudade”.*

Para Kossoy (2003), a imagem fotográfica é um documento visual que pode ser ao mesmo tempo revelador de informações e um detonador de emoções em que seu conteúdo pode despertar os mais diversos sentimentos, como afeto ou nostalgia. Esse processo de rememoração, também descrito por Aumont (2001) depende dos “esquemas” que as pessoas trazem embutidos em si mesmas. Exige mais da memória, do intelecto e das funções de raciocínio e depende das vivências e do contato que as pessoas tiveram com o mundo, pois é um processo de lembrança. Esta memória se refere ao seu mundo visual, que ela reconhece através dos signos. A imagem deixa de ser apenas imagem (processo de reconhecimento: formato, cores, textura), e torna-se objeto de reflexão, de lembrança, de emoção, etc.

*“Acho que o mais interessante que eu consegui notar foi o tempo. Tem fotos aqui, por exemplo, tem uma foto aqui que eu vi um tio meu sapateando, na época em que ele era bem sadio, forte, como dizem os mais velhos. Hoje em dia ele já não consegue mais. Também há alguns outros foliões aqui que há muito tempo já morreram. Interessante a gente ver que esses registros, eles contam um pouquinho da nossa história, da história de nossa cidade, da história do povo de Crixás na verdade. Muito interessante. E bonito de se ver também”.*

*“A minha saudade é de quando essa festa era feita na antiga Casa Grande. Eu era pequena, mas não esqueço da sala dos bolos e doces e dos imensos fornos de barro onde eram feitas essas delícias de quitandas e guloseimas. Lembro da Festa de São Benedito, que não existe mais”.*

A Festa do Divino Espírito Santo é um evento ligado à Igreja Católica, que no passado continha em si um grande sincretismo religioso. A dança do tambor, que foi extinta da festa, trazia características ligadas aos rituais de matrizes africanas, assim como a história de Crixás que carrega em sua cultura influências dos negros que foram escravizados. Os tambores, os ritmos e as cores ligados à negritude também já não fazem mais parte das festividades. A Festa de São Benedito<sup>1</sup>, ou Festa do Escravos, citada em um dos depoimentos, também não mais existe em Crixás. Somente uma das pessoas entrevistadas comentou sobre essa festa, que ocorria na Casa Grande, local de realização dos grandes eventos ligados à festa. Essa casa, também foi demolida e traz em seu nome, um passado entre dominantes e dominados que remete à história da escravidão no Brasil.

De acordo com o Pároco da cidade, o Monsenhor José Modesto Arriel, a dança do tambor foi desvinculada da Festa do Divino por ser considerada uma manifestação folclórica, assim como as Cavalhadas<sup>2</sup>. Antigamente as duas festas eram realizadas de forma integrada e hoje a realização da Festa do Divino é de responsabilidade da Igreja Católica, enquanto a Prefeitura da cidade, por meio da Secretaria Municipal de Cultura é a realizadora das Cavalhadas.

Embora as Cavalhadas não tenham sido citadas nas entrevistas, esta é também uma tradição que faz parte das manifestações culturais da cidade e que ainda resistem como patrimônio imaterial de Crixás. Um importante passo foi dado em relação à preservação dessa manifestação: no dia 19 de agosto de 2019 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN recebeu o pedido de Registro das Cavalhadas a Patrimônio Cultural do Brasil de onze municípios goianos, incluindo Crixás. Até a presente data o pedido de registro ainda não foi deliberado.

As fotografias analisadas possibilitaram aos entrevistados interpretações subjetivas e a construção de narrativas da realidade gravadas em si, além de perpetuar momentos, memórias,

---

<sup>1</sup> O website Cruz Terra Santa (<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-benedito/129/102/>) diz que **São Benedito** nasceu perto de Messina, na ilha da Sicília, Itália, no ano de 1526. Benedito significa abençoado. Seus pais foram escravos vindos da Etiópia para a Sicília. Os escravos simpatizavam muito com ele, por ser negro, pobre e com grandes virtudes. Em torno do seu nome surgiram numerosas irmandades. É um dos **Santos** populares do Brasil, com inúmeras paróquias por todo o país.

<sup>2</sup> De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN as Cavalhadas são celebrações de batalhas medievais entre mouros e cristãos advindas de Portugal e Espanha no século XVI. Em Crixás são realizadas no último fim de semana do mês de junho e coincidem com o encerramento da Festa do Divino Espírito Santo.

por meio dos elementos que compõem a imagem para construir sua própria interpretação do que foi visto.

O processo de percepção das imagens foi realizado de acordo com alguns valores, crenças e o meio em que vivem, dos entrevistados. Esse ambiente, de acordo com Kossoy, influencia diretamente nossa opinião acerca de determinados assuntos e isso ficou evidente nas respostas. Por fazerem parte de um grupo religioso os argumentos dos entrevistados estavam ligados, por conseguinte, à religião católica.

*“O que eu vejo é isso: muita paz, muito amor, muita união. Eu acho que nós temos que pedir cada dia mais a proteção do Divino Espírito Santo para que não deixa né nunca morrer essa devoção. Que nós possamos pegar com Ele firme mesmo e pedir a Ele que possa tocar no coração de cada um deles: organizadores, desses governantes que estão organizando a folia”.*

*“Eu vejo muita união né, amor, compreensão. Acho que nós devemos ter muito amor pelo Divino, pelas pessoas. Ter as famílias unidas no amor, na fé pelo Divino Espírito Santo. A gente acompanha o Divino Espírito Santo com muito amor, fé. Eu vejo aí (nas fotos) é amor, felicidade, união, compreensão. Que nós devemos ter. Eu acompanho a folia tem muitos anos; eu sou foliona, ajudo a rezar o terço né. Sou muito devota do Divino Espírito Santo. Já recebi várias bênçãos”.*

*“A Folia do Divino Espírito Santo em Crixás retrata o momento de oração e fé entre as pessoas. Essas fotos mostram as nossas tradições manifestadas através da participação do povo no giro da folia. São encontros com amigos e familiares onde acontecem as cantorias e danças que emocionam as pessoas fortalecendo sua fé para agradecer as bênçãos recebidas. Quando vejo a expressão religiosa das folias me encanto com a mensagem que ela nos transmite invocando a presença do Divino Espírito Santo”.*

*“A folia de Crixás me faz lembrar minha infância, quando a gente estava brincando no quintal, distraído, de longe a gente escutava o barulho do tambor da folia chegando; o tambor vai justamente para avisar que a folia que a bandeira do Divino tá chegando na nossa casa. A gente parava a brincadeira de imediato e todo mundo ficava quietinho em silêncio para esperar a Folia, para receber e desde pequena meus pais ensinavam que naquele momento a gente tinha que fazer nossos pedidos. As graças que a gente queria receber, através do Divino Espírito Santo chegaria. Naquela hora também meus pais providenciavam uma oferta para fazer uma doação em ação de graças, em agradecimento às graças, aos milagres que a gente já tinha recebido e para os próximos que viriam”.*

O destaque em relação ao último comentário diz respeito aos pedidos de esmola durante o giro das folias. Chama atenção o fato desta ser uma festa popular, religiosa e que tem como objetivo a evangelização. Além disso, em sua essência essa deveria ser uma manifestação que agrega todas as pessoas independente de cor, gênero, classe econômica, etc. Porém, se observa uma atitude antagônica em relação a esse ideal igualitário e que corrobora com atitudes antigas, que poderiam ser consideradas discriminatórias, mas que vão de encontro ao passado, onde os mais ricos eram exaltados.

As Falias ainda mantêm uma tradição que consiste em soltar um foguete quando alguém oferta algum bovino. O salveiro, aquele quem solta os foguetes, é quem anuncia que a doação foi feita por meio dos fogos. Se alguém doa um bezerro, por exemplo, um foguete é disparado. Se dois bezerros são doados, dois foguetes são disparados. Ou seja, o barulho dos fogos durante os dias

de giro, já se tornou um símbolo convencionado. As pessoas já sabem que alguém fez alguma doação de gado.

Todavia, essa é uma atitude que destoa da passagem bíblica encontrada no Evangelho de São Mateus, capítulo 6, versículo 3, que assevera que *“Quando, pois deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já recebem o seu galardão”*. Nas conversas durante o giro, as pessoas não souberam responder quando essa tradição teve início, mas quando confrontadas em relação à discrepância entre o “ideal cristão” e a atitude que não condiz com a passagem bíblica muitos disseram que esta é a tradição.

É o violeiro quem cria os versos do canto das esmolos acompanhado de seu ajudante. Esses versos são criados no momento do pedido das esmolos e são direcionados a quem segura a bandeira. Nota-se que se a pessoa quem segura a bandeira é alguma autoridade da cidade, algum folião, alguém que já teve algum papel na Festa do Divino (Alferes, Imperador, etc.) ela recebe uma maior quantidade de versos durante este pedido. Se a pessoa é “um cidadão comum” ela recebe dois versos antes do pedido e dois versos depois que deposita a esmola no chapéu do Alferes. Se a pessoa doa algum bovino, também, recebe uma maior quantidade de versos.

Percebe-se que, mesmo com mudanças significativas em suas dinâmicas de giro, a Festa conserva, ainda, o hábito de privilegiar as pessoas mais abastadas. No passado, os encargos de Imperador, Imperatriz, Capitão do Mastro eram reservados às ditas “famílias tradicionais”, ou seja, aquelas que tinham maior poder econômico na cidade. Com a chegada do Padre, o Monsenhor José Modesto, nota-se um movimento em busca de uma maior participação da população nas festividades e na ocupação dos vários encargos, independente da classe social em que está inserida. Isso certamente será positivo para o futuro da festa, visto que as pessoas, de fato, poderão se sentir pertencentes a essa manifestação religiosa e cultural.

Sabemos que uma imagem fotográfica carrega em si um resíduo do passado. A história da Festa do Divino Espírito Santo e, conseqüentemente, a história da cidade de Crixás pode ser conservada, por meio, também, da fotografia, que comunica, narra e possibilita ao receptor uma viagem visual. Alguns sujeitos comentaram sobre o orgulho que sentem da festa e da importância da mesma para a cultura crixense. De fato, é perceptível que a comunidade crixense vive com intensidade os quinze dias do festejo, porém têm-se a impressão de que este fervor diminui com o fim das festividades, ou ainda que esse seja um sentimento muito particular do povo crixense.

Os registros mais significativos da Festa do Divino Espírito Santo em Crixás são o documentário “Viva todos que prestaram atenção” de Carlos Cipriano e Denise Clímaco, realizado no início dos anos 2000 e disponibilizado no ano de 2015 na plataforma de vídeos YouTube e o livro “Crixás, nossa terra, nossa gente” da historiadora Maria Madalena de Lima, além de alguns Trabalhos de Conclusão de Curso, capítulos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. O que pode ser

considerado insuficiente, visto a importância dessa manifestação secular para a história, memória e identidade da cidade.

*“Nessas fotos, vejo a tradição de um povo movido pela fé que faz gerar costumes e fazer história onde a união de famílias é a base de tudo no se dar e se doar com desprendimento de quem crê no Deus único e onipresente. Sinto voltar às minhas raízes e sinto fortalecer em mim a fé e a crença plantadas por meus pais desde que nasci e que passei para os meus filhos e descendentes. Salve o Divino Espírito Santo”.*

*“É uma tradição da nossa cidade. Desde que nasci meus pais já giravam essa folia e eu também giro essa folia durante os 15 dias. É uma atração de muita fé, muito amor pelo próximo. É uma fé que temos aqui; as pessoas nascidas nessa cidade que muitas vezes fazem essa folia pagando seus votos, suas promessas, que são feitas às vezes por ter um problema em casa e aí pede essa devoção para o Divino Espírito Santo”.*

A fotografia é fundamental para reconstituição do passado, um recurso que, de acordo com Martins (2013) faz-se necessário para compreensão da identidade individual e coletiva da história de um povo. Essa memória permite obter a percepção de quem somos, “ajuda a dar sentido a nossa existência; ela nos faz tornar cidadãos, compreender melhor o mundo, e a compreender quem somos” (Felizardo & Samain, 2007, p.213).

*“É uma manifestação popular em que as pessoas se sentem bem, fazem várias doações pecuniárias, doações de oração, pedidos, agradecimentos. Então a folia é isso. A folia de Crixás é o símbolo do crixense. Do crixense de 200 anos e dos que aqui chegam”.*

*“É uma coisa assim, é uma tradição da cidade mesmo as folias do Divino Espírito Santo. Eu pretendo levar para o resto da vida isso aqui que eu aprendi com o meu pai”.*

Uma das características da fotografia documental é servir, também, como um instrumento para denunciar, descrever o cotidiano, retratar as experiências da vida comum, apontar as divergências da sociedade, ou documentar algo que está desaparecendo. Reitera-se que a cidade de Crixás é uma cidade secular, com forte influência da colonização portuguesa e que com o decorrer do tempo teve seu patrimônio histórico material destruído. O patrimônio imaterial da cidade, como a Festa do Divino Espírito Santo, ainda resiste, porém, um ponto que chama à atenção nas falas de alguns entrevistados é a indignação e o temor em relação ao futuro da festa.

*“E aí passa um filme assim né que daqui uns tempos a gente tá acreditando que vai ficar só as foto aí para gente ver né. Tá acabando os violeiros. Os novos não tá aprendendo, tá faltando também incentivo por parte da organização. Não dá incentivo para quem quer aprender. Agora mesmo tem um rapazinho, o Gabriel, deve ter uns 8 anos. A primeira vez que vê (a folia), gostou demais; tá lá sapateando, mas termina folias e eles não dá nem um incentivo para ele. Aí não ajuda né, que se desse no ano que vem ele ia ficar com mais vontade ainda de voltar né”.*

*“Na verdade, ver as fotos dá um pouco de contrariedade também porque a gente vê o quanto que tem sido desleixado essa tradição da nossa cidade. Por exemplo, eu convivi com jovens lá em Goiânia daqui de Crixás que não conhecem essa tradição. Que nunca tinham ouvido falar de folia apesar de ter visto já na rua. As fotos mostram bem assim uma cultura viva, uma cultura palpável das pessoas e ao mesmo tempo uma pitadinha de indignação, pelo desleixo, a forma como está sendo tratado hoje em dia”.*

*“Vejo a Igreja Matriz, a Folia dos Cavalos (Santa Rita); essas fotografias podem ficar de lembrança pois a Folia está “acaba não acaba”, principalmente aqui em Crixás. Os*

*velhos estão acabando e os novos não estão aprendendo. Então está ficando complicado. Essa é uma tradição que não deveria acabar, mas pelo visto vai acabar”.*

É inegável a passagem do tempo, a readequação de algumas tradições e a ressignificação de muitas manifestações culturais e isso é perceptível na Festa do Divino Espírito Santo de Crixás.

#### **5.1.4 Atual panorama da Festa do Divino Espírito Santo de Crixás-GO**

Nos últimos dez anos aconteceram mudanças significativas na dinâmica da festa como, por exemplo, a alteração no roteiro dos giros nos anos de 2018 e 2019, já que a Folia do Sertão não circulou pela cidade. Isso, para alguns é motivo de reclamação, pois a outra Folia, a de São Patrício, não conseguiu fazer o giro pela cidade inteira, afinal, além de sua própria rota, ela faz também o caminho antes percorrido pela Folia do Sertão. Ou seja, o número de almoços e paradas foi reduzido à metade e conseqüentemente, um número muito maior de casas não recebe a visita das folias.

A Folia de Santa Rita, ou a Folia dos Cavalos ou Cavaleira continua o seu giro pela zona rural de Crixás. Antigamente os foliões faziam todo o percurso montados em cavalos. Nos últimos cinco anos, uma adaptação foi feita e hoje esse roteiro é feito num micro-ônibus fornecido com o apoio da Prefeitura da cidade. Se pensarmos que os foliões, em sua maioria são idosos e que fazer uma rota durante quinze dias em cavalos não é fácil, essa mudança foi positiva, pois além de otimizar o tempo, colabora com a qualidade de vida dos foliões. Mas para algumas pessoas, inclusive participantes do giro, a beleza dessa folia era justamente preservar a tradição dos tempos mais antigos. Ou como explicita a fala de um folião: “*A Folia Cavaleira não tem mais cavalos*”.

A Entrega das Folias ou a cerimônia de encerramento dos giros no largo da Igreja Matriz antes era muito extensa. As três folias cantavam por horas sobre algum fato excepcional ocorrido durante o giro e faziam a prestação de contas à população presente: a quantidade de bezerras, porcos ou carneiros, o valor total das esmoladas, as prendas oferecidas pelos devotos, como joias, mantimentos, utensílios de casa, etc. Nos dias de hoje, os cantos continuam, mas, por um acordo entre a Igreja e os próprios foliões, eles são mais resumidos tornando a cerimônia mais rápida.

Observa-se uma mudança também na dinâmica dos giros. Antes do jantar do pouso, nos últimos dez anos, foi incluída a reza do terço. Percebe-se a participação mais ativa da Igreja durante os giros. Não que essa presença não existisse, mas atualmente há uma maior preocupação em não se deixar misturar o sagrado com o profano. Nas palavras do Pároco da cidade, o Monsenhor José Modesto o principal objetivo da Festa do Divino é a evangelização e essas mudanças estão sendo feitas justamente para não se desviar desse foco principal.

*“Desde que cheguei aqui (em Crixás) há sete anos atrás, aí já encontrei claro, como você sabe que isso não começou há sete anos atrás, deve ter sido há setenta ou mais, uns duzentos talvez. Aí eu percebi que ela (a Folia) tinha que buscar um objetivo que, por incrível que pareça, com o passar do tempo, eu acho que ele foi sendo, de certa forma, perdido no tempo. Porque quando se escuta os versos que a Folia canta, a não ser aqueles que são de prestação de contas, de saudação do dono da casa, de chegada na*

*casa, mesmo esses, dá pra perceber que tem um objetivo de evangelização. Então, pra mim, o objetivo da Folia é evangelização”.*

No passado a imagem dos foliões estava muito associada às bebedeiras. Como os giros não tinham hora para acabar e o mês de junho é muito frio, muitos foliões recorriam às bebidas alcóolicas para, segundo alguns, resistirem ao cansaço e ao frio. Os próprios hospedantes (as pessoas que recebem as folias para almoço ou pouso) providenciavam as bebidas para os foliões. Em alguns arcos dos pousos uma caneca pendurada simbolizava uma prenda para os foliões. Depois das cantorias no arco, o salveiro, responsável pelos foguetes da folia, seguia na direção que a própria caneca indicava e alguns metros adiante, desenterrava uma cachaça que era distribuída entre os foliões. Hoje, por ordem da Igreja, os hospedantes podem até servir alguma bebida alcóolica para os convidados, mas não para os foliões. A organização das folias também faz uma severa vigilância e se algum folião é apanhado fazendo o consumo de álcool, conseqüentemente será expulso da folia. Esse pensamento é reforçado nas palavras do Monsenhor José Modesto:

*“Tem a cultura do álcool, a cultura da prostituição, disso aí só citando duas coisas. E o sagrado vem pra tentar depurar, transformar isso. Ou isso acontece por simples conscientização ou isso vai acontecendo também quase uma obrigação da vida cristã. O jeito de agir dos cristãos precisa ser diferente. Como exemplo, eu trabalhei isso aqui e em Uirapuru e se percebia que os foliões organizavam as namoradas que andavam nos pousos, principalmente os mais distantes. Quando a Igreja entrou em campo, isso aí desapareceu. Depois a cultura do álcool que se tinha aquela questão assim para aguentar a Folia precisava beber muito. E a Igreja entrou e foi mostrando que não precisava não. Até coloquei como estratégia o fato: se a alegria não vem de dentro não precisa contar com o álcool, pois não se alcança. Então nós temos que buscar a alegria que vem de dentro”.*

Outra recomendação da Igreja é em relação ao comportamento dos foliões, já que alguns recebem um ordenado pelo trabalho durante a participação nos giros, portanto são cobrados por uma postura mais responsável. Os giros do passado não tinham hora para acabar e principalmente em pousos da zona rural a folia se estendia noite adentro. Uma demanda dos próprios foliões era justamente em relação à determinação de horário para o início e o término das atividades da folia nos dias de giro. Esse pedido foi atendido e hoje o café da manhã se inicia por volta das 7h30, o almoço às 12h, o jantar às 19h com o encerramento pelas 23h. Em casos excepcionais, como um pouso com uma maior quantidade de pessoas, esse horário pode se estender.

Muitas pessoas reclamam que hoje os foliões já não dançam tanto como no passado e que os jantares terminam mais cedo, porém não percebem que, por mais que a folia seja uma paixão na vida dos foliões, um dia de giro é muito exaustivo. Andar pela cidade inteira, cantar várias vezes por horas seguidas, dançar, sapatear exigem grande esforço físico, principalmente dos mais idosos. Com frequência, durante o giro, algum violeiro é acometido por algum problema nas cordas vocais e necessista da ajuda de um substituto.

Ou seja, existem sempre os dois lados com essas mudanças: o dos que concordam e o dos que se opõem. Porém, é sintomática a preocupação das pessoas em relação ao futuro da festa, pois se o compararmos metaforicamente à fogueira do encerramento das festividades a impressão que se tem é que, à medida que a fogueira diminui a chama da folia também se apequena. Esta, porém,

não é uma verdade absoluta visto que, apesar da insatisfação de alguns com os novos rumos da Festa do Divino Espírito Santo, ela ainda resiste.

*“Quando eu vejo essas fotos bate uma emoção tão grande porque dessas folias já partiram muitos violeiros, foliões pra outro mundo e a gente sente uma emoção uma saudade, em ver que a tradição aqui de Crixás, se depender de nós, ela não vai acabar. Elas trazem grandes lembranças, grandes recordações. Só quem esteve nessas folias nessas festas tradicionais de Crixás sabem o quanto é importante o quanto elas nos traz lembranças boas e algumas ruim por perdas de algumas pessoas que já se foram”.*

As pessoas inquiridas tem em mente a importância da festa, porém, o que se constata é que isso é mais latente na época das festividades, ou seja, têm-se a consciência desse sentimento de pertencimento, mas efetivamente pouco se faz para a manutenção dessa manifestação cultural. É preciso ponderar que a responsabilidade da festa é da Igreja Católica, todavia o apoio governamental e da população crixense também colaborariam para a preservação de sua memória.

Outro ponto de reflexão diz respeito à Associação dos Catireiros e Foliões de Crixás-GO. Essa entidade foi criada há mais de quinze anos e colabora, junto à Igreja, na organização da Festa do Divino Espírito Santo. Foi por meio dessa associação que algumas mudanças na dinâmica da festa foram efetivadas: contratação de foliões, organização, estabelecimento de regras para o melhor andamento dos giros. Muitas pessoas questionam o fato da presidência da entidade se concentrar desde a sua criação na figura da mesma pessoa, porém, durante as conversas nos anos da experiência etnográfica não houve nenhum relato de propostas de diálogos em relação a esse assunto, o interesse da Igreja em realizar alguma mudança nesse panorama ou algum indivíduo que se dispôs a assumir esse cargo.

*“Há sempre alguma coisa que não concordo, exemplo os grupos que participam são sempre os mesmos, como as pessoas que dão o pouso. No ano corrente os dirigentes querem que sejam os mesmos no ano seguinte. Outro ponto que acho que deve trocar de vez em quando é a equipe organizadora para que não caia numa mesmice”.*

*“A crítica que eu tenho é em relação aos governantes de uma maneira geral né e a própria população que não entende a importância de se manter uma tradição que é essa festa e de se perpetuar essa tradição passando isso para os mais novos né. É só pegar o bom exemplo lá de Pirenópolis que movimentam a cidade durante um mês por conta da Festa do Divino e a quantidade de pessoas que vão lá pra assistir e a renda que se gera com a festa do Divino Espírito Santo né a renda que entra na cidade com a movimentação dessa festa. A minha crítica é essa, porque que os políticos e porque que a população não consegue entender a importância de se manter e de se perpetuar essa tradição”.*

A Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Pirenópolis, também no Estado de Goiás, tem algumas semelhanças com a história da Festa de Crixás, porém, envolve praticamente toda a população pirenopolina e atrai milhares de visitantes. De acordo com o site da Prefeitura Municipal da cidade, essa é uma das manifestações culturais mais expressivas do Brasil e reúne diversas manifestações religiosas e folclóricas, como as “Cavalcadas de Pirenópolis”, a folia rural, procissões, missas, novenas, e apresentações de grupos folclóricos. Essa festa foi contemplada no ano de 2015 com o título de Patrimônio Histórico Oral e Imaterial Nacional pelo IPHAN.

### **5.1.5 A preservação da memória e o potencial comunicacional da Festa do Divino**

Pirenópolis, assim como Crixás, foi constituída pela exploração do ouro, por meio das bandeiras, no século XVIII. A cidade recebe inúmeros turistas durante o ano inteiro e tem como grande atração os festejos do Divino, mas também possui outros eventos sazonais como o Canto da Primavera, a Festa do Morro e o Piri Bier. O município desenvolveu seu potencial turístico preservando o patrimônio material e imaterial, além de desenvolver a rede hoteleira da cidade por meio desses eventos e o ecoturismo.

As lojas de souvenirs que atendem aos visitantes possuem inúmeros objetos que remetem à sua principal festa e durante todo o ano mantém viva a memória das festividades, além de divulgá-la aos visitantes. Não obstante, a cidade possui o Museu do Divino, inaugurado no ano de 2007, que possui um acervo construído por meio de doações e que preserva imagens, objetos e vídeos relacionados à festa do Divino.



Figura 44 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2019.



Figura 45 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2019.



Figura 46 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2019.

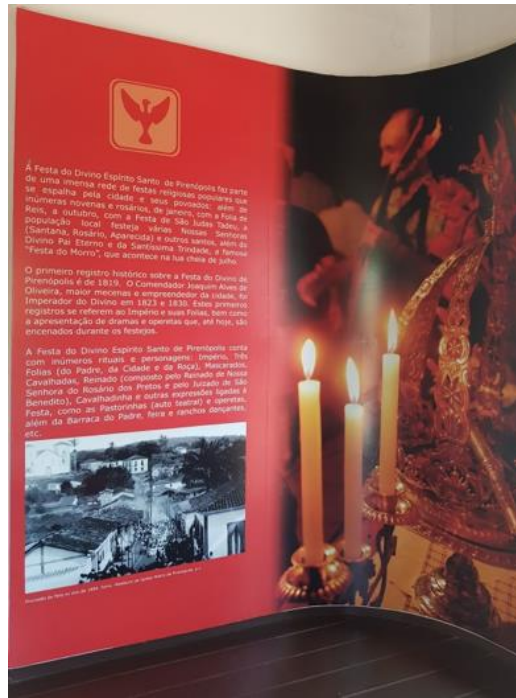


Figura 47 - Detalhe Museu do Divino em Pirenópolis

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2019.

Há setenta quilômetros de Crixás, a cidade de Pilar de Goiás, que também tem em sua história a exploração do ouro pelas bandeiras no século XVIII, realiza a Festa do Divino Espírito Santo. De acordo com Lima (2015) “pelo Decreto Lei número 557 de 30 de março de 1938, Crixás foi elevada à categoria de Vila e desmembrada de Pilar” (p.32). Com quase três mil habitantes o município, conseguiu manter o seu patrimônio histórico material e imaterial.

Muitas construções antigas de Pilar são tombadas pelo IPHAN. Recentemente, com o apoio do Governo Federal, o Museu Casa da Princesa Isabel foi restaurado, bem como a Casa de Câmara e Cadeia, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e outras casas. A Festa do Divino conseguiu preservar o giro de trinta dias e também recebe o apoio da Prefeitura, por meio da Secretaria de Cultura da cidade.

A Secretaria de Ação Social realiza projetos que integram as tradições culturais ao cotidiano da cidade, como a fabricação de artesanatos que remetem às festividades. Assim como em Pirenópolis, esses souvenirs são vendidos aos visitantes. Os patrimônios material e imaterial da cidade foram preservados e se transformaram em atrações turísticas, bem como o ecoturismo local.



Figura 48 - Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2020.



Figura 49 - Exposição sobre a Festa do Divino no Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2020.

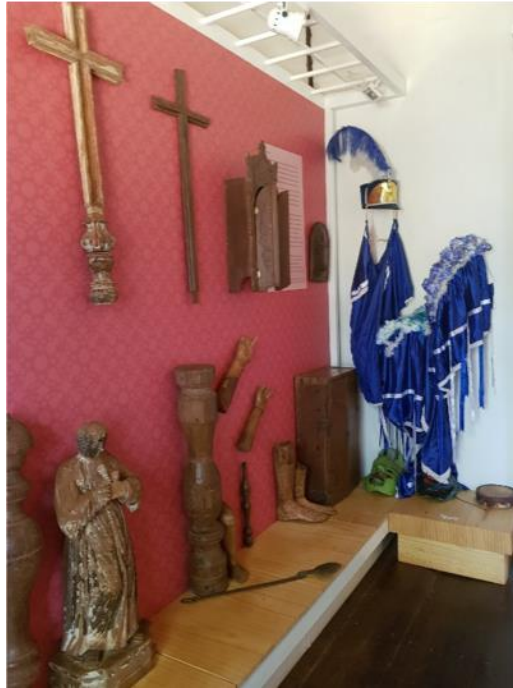


Figura 50 - Objetos da Festa do Divino no Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2020.



Figura 51 - Objetos da Festa do Divino no Museu Casa da Princesa Isabel em Pilar de Goiás

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2020



Figura 52 - Casa de Câmara e Cadeia em Pilar de Goiás  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2020



Figura 53 - Objetos da Festa do Boi expostos na Secretaria de Cultura em Pilar de Goiás  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2020



Figura 54 - Igreja Nossa Senhora das Mercês em Pilar de Goiás

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2020

A cidade de Crixás, além da Festa do Divino Espírito Santo, possui o Festival do Pequi e a Exposição Agropecuária que recebem um grande número de visitantes em suas edições, porém o potencial da festa não é explorado como nas cidades de Pirenópolis e Pilar. As lojas da cidade não possuem elementos simbólicos que remetam à identidade da festa, como os souvenirs de Pirenópolis e o Museu da Memória Crixense Ursulino Tavares Leão, ou Casario, não possui um acervo que faça alusão à festa.

No mês de junho, quando acontecem os giros da Folia, a Universidade Estadual de Goiás - UEG organizava um pouso de folia no Casario, que atraía uma grande quantidade de pessoas. A Festa do Divino também é lembrada no desfile cívico realizado no dia 30 de outubro, data de aniversário da cidade.

As atividades do Casario estavam sob a responsabilidade da UEG. Hoje, a Secretaria de Cultura do município é quem cuida da organização deste centro cultural. Apesar de ser registrado como Museu da Memória Crixense em 27 de setembro de 2019, o espaço ainda não foi reconhecido como tal pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. De acordo com o secretário de cultura Marcelo Cavalcante, o objetivo é transformar o lugar num acervo que resgata o patrimônio material e imaterial da cidade.

A Secretaria de Ação Social possui projetos voltados à juventude e a terceira idade, como a confecção de panos de prato, tapetes e remédios caseiros, mas esses objetos artesanais não fazem alusão à Festa do Divino. O ecoturismo da região também não é explorado, visto que o Rio

Vermelho, que no passado, era uma das atrações turísticas da cidade, sofre com o assoreamento e a poluição por meio da exploração de ouro da empresa de minérios situada na cidade.



Figura 55 - Artesanato – Museu da Memória Crixense

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2020



Figura 56 - Vestimentas das Cavalhadas

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2020



Figura 57 - Livros do Museu da Memória Crixense

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2020

*“Eu não acho que a festa tenha uma boa divulgação. É pífia, é parca, é pouca essa divulgação, infelizmente. Para preservar a festa e a memória tem que ter apoio do poder público, a comunidade crixense tem que se conscientizar da importância, porque que é importante manter (a tradição). Tem que se criar mecanismos de se passar isso para as novas gerações sabe. Palestras com aulas, cursos, com visitas às escolas. A folia visitar as escolas fora da época da folia, para explicar para os alunos o que é. Os alunos participarem da folia, fazer uma folia mirim, enfim, mecanismos têm vários. Botar em prática e não precisa de muitos recursos. Acho que mais vontade do que de recursos”.*

*“Essa festa tinha que ser melhor divulgada. Envolver toda a nossa cidade, não só os crixense mas as pessoas de fora também já que convivem conosco acho necessário que participem da nossa história até mesmo para fortalecer a nossa tradição e rentabilidade da nossa igreja já que o objetivo dessa festa são a manutenção da mesma. Para que não morra essa festa é necessário propagar dentro de um círculo onde há os idosos, jovens e crianças. E ainda fazer com que principalmente os jovens e crianças tenham uma participação concreta em tocar, cantar, catirar, enfim, fazer com que elas aprendam tudo o que se faz na festa do Divino Espírito Santo”.*

A divulgação da festa, de facto, é insuficiente se formos levar em consideração o seu potencial, porém, a comunicação das festividades, como assevera o presidente da Associação dos Catireiros e Foliões de Crixás, não pode ser muito ostensiva visto que os pousos são abertos ao público. Uma ampla divulgação implicaria em pousos com uma presença massiva de um público maior que a capacidade de determinados lugares.

Importante reiterar que a Folia é uma manifestação popular que percorre todo o município de Crixás e tanto os pousos quanto os almoços são realizados em espaços de diferentes tamanhos, que comportam um grande ou um número mais reduzido de pessoas. As pessoas já deduzem quais os pousos terão maior ou menor público.

Diante disso, têm-se um dilema, pois de acordo com os relatos e a experiência etnográfica, percebe-se que a festa necessita sim de uma comunicação eficiente, porém, essa divulgação não pode ser massiva. Tendo em vista este entrave, mais adiante no item 3.3 discorreremos sobre as estratégias, por meio de um plano de comunicação, para a colaboração na preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO

## **5.2 Transcrever a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO por meio de uma narrativa fotográfica expositiva das imagens capturadas durante o período da pesquisa etnográfica**

A seguinte transcrição foi feita com base nos giros originais das Folias da Festa do Divino Espírito Santo: Santa Rita, São Patrício e Sertão. Há que se pontuar que nos anos de 2018 e 2019 esses giros foram alterados com a não-circulação da Folia do Sertão, no entanto, no Encerramento da festa no ano de 2019, a volta dessa folia foi anunciada pelo Pároco da Cidade, o Monsenhor José Modesto Arriel.

Como descrito anteriormente as folias de São Patrício e do Sertão fazem os seus giros no perímetro urbano da cidade de Crixás. Já a folia de Santa Rita percorre as fazendas da região. No segundo sábado do mês de junho, na parte da tarde, cada folia, formada pelo alferes, violeiros, caixeiros, palmeiros, salveiros e demais foliões realizam na Igreja de Nossa Senhora da Conceição a “saída” das folias. É o início da Festa do Divino Espírito Santo, quando as folias “saem para o giro”, ou irão fazer o percurso na cidade ou fazendas numa jornada de quinze dias dos festejos.

São Patrício e Sertão fazem essa caminhada a pé. As duas folias, como dito anteriormente fazem o seu trajeto no perímetro urbano de Crixás, porém, visitam também algumas fazendas mais próximas da cidade. Quando isso acontece, o percurso é feito num ônibus disponibilizado pela Prefeitura.

A folia de Santa Rita, que percorre a zona rural fazia o seu percurso de cavalo, por isso é conhecida, também, como Folia Cavaleira. Nos últimos anos o trajeto dessa folia passou a ser feito de ônibus, também com o apoio da Prefeitura. Essa mudança foi feita pensando nos muitos foliões idosos, pois o deslocamento a cavalo possui inúmeras dificuldades e um desgaste físico. Além disso, o percurso entre uma fazenda e outra pode ser feito de forma mais rápida, com o apoio dos automóveis e conseqüentemente, mais famílias podem ser visitadas.

Ao saírem da Igreja, as folias começam a visitar as casas das famílias, recolhendo as chamadas esmolos (dinheiro, objetos de valor, joias, animais como bezerros, carneiros, porcos) até chegar ao primeiro pouso, já no final da tarde. Esse o pouso é onde a folia irá passar a noite e é organizado por uma família que faz um jantar para receber os foliões.



Figura 58 - Giro da Folia de São Patrício  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.



Figura 59 - Giro da Folia de São Patrício  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.

No caso, quem de fato pernoita na casa dessa família é a bandeira da respectiva folia. Os foliões, como são conhecidas as pessoas que “giram a folia” e os demais convidados voltam para as suas casas após os rituais do pouso e retornam no dia seguinte para um café da manhã.

A dinâmica do pouso funciona da seguinte forma: o local do pouso é sinalizado com um dos símbolos da folia, um arco enfeitado com fitas, frutas, objetos religiosos. No momento da chegada

da folia, os proprietários da casa recebem os foliões. Antes, porém, são feitas algumas cantorias saudando esse arco, que fica localizado à porta da residência. Importante ressaltar que todos os versos cantados neste momento são improvisados pelos violeiros.



Figura 60 - Arco da Folia

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2016.



Figura 61 - Chegada da Folia no Pouso

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2011.

Depois disso, já dentro da casa, os violeiros cantam o “pedido de pouso” e o alferes então entrega a bandeira aos anfitriões. Após a bandeira ser guardada acontece um momento de descontração chamado “batuque” onde o alferes convida uma pessoa para uma dança animada com os demais foliões e convidados do pouso. Esse também é um dos momentos da folia, mas sem a seriedade de um ritual religioso, pois a bandeira não está presente.



Figura 62 - Cantorias da Chegada ao Pouso

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2012



Figura 63 - Dança do Batuque

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2011

Importante, também, ressaltar o respeito dos foliões pela bandeira. Existem, durante o giro, alguns momentos de reverência à mesma. Pela manhã, quando os foliões retornam ao local do pouso para o café da manhã, o primeiro ritual é “beijar a bandeira”. Após as refeições (almoço e

jantar) também é feita essa reverência. Os momentos de descontração são realizados quando a bandeira está “guardada” (dentro do quarto dos anfitriões ou num altar preparado pela família hospedante).

Há menos de uma década foi adicionado mais um ritual religioso que precede o batuque. O Monsenhor José Modesto, pároco da cidade, instituiu a “reza do terço” antes da bandeira ser guardada.



Figura 64 - Reza do Terço no Pouso

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2015.

Após o batuque é servido o jantar, que também é um momento de confraternização. Os jantares da folia são abertos ao público e é comum ter dezenas e, muitas vezes, centenas de pessoas num pouso de folia. Os anfitriões têm consciência da quantidade de pessoas, por isso se preparam com antecedência para oferecer um jantar para muitos convidados.

O “agradecimento à mesa” é feito posteriormente ao jantar. A bandeira retorna para um novo ritual e nesse momento os foliões entoam um canto de agradecimento ao sagrado, aos anfitriões, aos ajudantes do pouso e aos demais presentes. Todos no recinto então “beijam a bandeira”. O pouso continua com o “pedido de esmola” (os cantos também são improvisados) seguido de mais um momento de descontração: os foliões dançam a “catira” e o “ponto”, tradicionais danças das folias. As atividades da noite são encerradas e prosseguem no outro dia com o café da manhã que também é aberto ao público. Bolos e biscoitos tradicionais, cafés, chás, pães são servidos.



Figura 65 - Agradecimento à Mesa

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2011.



Figura 66 - Beijo à Bandeira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2016.

Depois disso, há novamente um “pedido de esmola”, seguidos dos rituais de despedida. Os violeiros novamente cantam, os anfitriões entregam a bandeira ao alferes e a folia se despede do pouso. A caminhada continua então pelas ruas da cidade. Muitos moradores vão para a frente de

suas casas (esse é o sinal para informar o desejo que a folia adentre em sua residência). Durante a passagem da folia nas casas, faz-se o pedido das esmolas e, em algumas residências as danças são novamente executadas. Isso acontece, geralmente, quando não há atraso no percurso.



Figura 67 - Pedido de esmolas

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2016.



Figura 68 - Despedida do Pouso

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2009.

Ao chegar no local do almoço, que é aberto ao público, a folia faz uma pausa para essa refeição e um pequeno descanso durante o giro. A dinâmica do almoço é semelhante à do pouso, porém, não é tão extensa e com menos rituais. Algumas famílias fazem um altar sagrado no momento do almoço. A folia, ao chegar na residência, entoia alguns cantos em reverência a esse altar, mas isso não acontece com tanta frequência, como no pouso, que obrigatoriamente precisa ter o arco. Após

o almoço é feito o “agradecimento à mesa”, seguido do pedido de esmola e mais adiante, o momento das danças. A folia então segue o seu giro, até chegar a um novo pouso.



Figura 69 - Chegada da Folia no Almoço

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2012.



Figura 70 - Agradecimento à Mesa no Almoço

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2012.

Entre almoços, pousos, cantorias, danças, rituais, o giro das folias é feito em um período de quinze dias. No último almoço (último sábado do mês de junho) é feita a prestação de contas à Comissão das Falias, que ajuda na contagem das esmolos. As três folias seguem para o largo da Igreja Matriz onde se encontrarão no encerramento do giro. Esse momento também é chamado “Entrada das Falias”.



Figura 71 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2012.



Figura 72 - Entrega das Folias no Largo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2015.

Cada folia entoará um canto improvisado e contará para os presentes o valor das esmolas arrecadado, a quantidade de bezerros, porcos, carneiros, jóias, e algum fato ou acontecimento atípico durante o giro (se algum folião adoeceu, por exemplo). Antigamente, essa cerimônia era muito extensa, mas, nos últimos dez anos, os foliões foram instruídos a resumir a cantoria. Já dentro da Igreja é feito o encerramento das folias de fato.



Figura 73 - Encontro das Três Bandeiras com a Bandeira Grande

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.

A Festa do Divino Espírito Santo prossegue, após o encerramento das folias, com a Festa do Imperador, quando um grande jantar é servido para os foliões e demais famílias da cidade no Salão Paroquial da Igreja. Esse jantar, assim como os pousos e almoços, é aberto ao público e é comum a presença de centenas e, muitas vezes, milhares de pessoas. Nesse jantar muitos doces são oferecidos pelo Imperador, por isso, esse momento é conhecido também como Festa do Doce. No passado, essa distribuição de doces era feita no domingo, após à missa de encerramento da festa. O Imperador era quem, de fato, encerrava as festividades. Hoje não é mais assim.



Figura 74 - Distribuição de doces na Festa do Imperador

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2013.



Figura 75 - Mesa de doces da Festa do Imperador

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.

No domingo, dia de encerramento da Festa do Divino, pela manhã é servido o Café da manhã do Capitão do Mastro. Aberto ao público e com uma imensa variedade de bolos típicos, pães, cafés, chás, etc. É mais um momento de confraternização e que sofreu mudanças com o passar dos anos. Antigamente esse café acontecia na residência do Capitão do Mastro. Na última década muitos capitães optaram por oferecer esse café no Salão Paroquial da Igreja Matriz.



Figura 76 - Café da Manhã do Capitão do Mastro

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.



Figura 77 - Café da Manhã do Capitão do Mastro

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.

À noite é realizada uma Procissão antes da Missa de Domingo com a presença de todos os encargos da folia e demais fiéis. Ao final da missa, o Padre apresenta os novos festeiros, que assumirão os encargos do próximo ano. Posteriormente é feito o “levantamento do mastro” e, logo a seguir, a “queima da fogueira”. Esse é o último ritual da Festa do Divino. O Capitão do Mastro é o responsável pela queima de fogos que é feita durante o hasteamento, além da ornamentação do mastro. O Capitão da Fogueira é o responsável pela confecção e pela queima da fogueira.



Figura 78 - Procissão de Encerramento

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa - 2009



Figura 79 - Levantamento do Mastro  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2015.



Figura 80 - O Mastro  
Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.



Figura 81 - A Fogueira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.



Figura 82 - Batizados ao redor da Fogueira

Fonte: Vladimir Alencastro Feitosa – 2018.

É comum presenciar pessoas ao redor da fogueira realizando batizados. Em algumas cidades do interior do Brasil ainda é comum algumas pessoas terem, além dos Padrinhos de Batismo, os

Padrinhos de Fogueira. Essa tradição acontece em alguns lugares durante as Festas de São João e em Crixás, no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo.



Figura 83 - Batizados ao redor da Fogueira no Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo

Foto: Vladimir Alencastro Feitosa - 2018.

### **5.3 Elaborar estratégias que colaborarão com a divulgação das festividades e a preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-GO**

A Festa do Divino Espírito Santo de Crixás, de acordo com o Padre, Monsenhor José Modesto, tem como objetivo maior a evangelização, além da conservação de um patrimônio imaterial secular. Porém de acordo com a pesquisa etnográfica aliada a alguns relatos orais, percebeu-se que a festa pode ser melhor divulgada, estabelecendo meios para que essa tradição seja comunicada a um público maior e para potenciais turistas, bem como criar estratégias para a preservação de sua memória.

Divulgar as festividades consiste no processo de comunicar, trocar informações e/ou estabelecer um diálogo entre duas ou mais pessoas. O objetivo é garantir que o receptor, não só receba e entenda a mensagem, mas que também interaja com ela independente do meio pelo qual ela foi emitida. Segundo Cooley (apud Menan, 2010), a comunicação “é o mecanismo através do qual existem e se desenvolvem as relações humanas” (p.5). E para que a festa perpetue com o passar dos anos sem perder a sua essência, a comunicação terá como pilar funções básicas dentro de um grupo como motivação, expressão emocional e informação.

Levando em consideração as funções básicas da comunicação, os ensinamentos adquiridos durante no Mestrado em Comunicação Estratégica – Publicidade e Relações Públicas da

Universidade da Beira Interior, bem como todo o esforço em manter a história presente de maneira falada e imagética, sente-se a necessidade de criar um planejamento estratégico.

Gracioso (1996) conceitua o planejamento estratégico como sendo a “conciliação entre as oportunidades (ou desafios) do ambiente externo e os recursos tangíveis ou intangíveis [...]” (p.11). Dessa forma, teremos população e tradição viva alinhadas com o objetivo de evidenciar, potencializar e preservar a festa.

Ao criarmos um planejamento pautado na história e no cronograma de atividades da Festa do Divino, a estratégia será mais assertiva, já que as ações terão como base a estrutura do evento e dessa forma, poderá contribuir na memória afetiva e histórica das festividades para com a cidade. A comunicação será flexível e coerente com as necessidades reais e possibilidades de investimento.

### **5.3.1 Comprometimento da Diretoria**

O sucesso de um planejamento de comunicação depende de dois pontos fundamentais: a integração e a cooperação dos envolvidos na vida organizacional. Sem esse apoio constante, o projeto tende a fracassar.

Esse planejamento foi realizado por meio do estudo “Fotografia e Memória: A Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás – Goiás”, que possibilitou a familiaridade com a festa, e informações fundamentais para entendermos o seu funcionamento. Além disso, foram realizadas entrevistas com o Pároco da cidade, Monsenhor José Modesto Arriel, o Presidente da Associação dos Catireiros e Foliões de Crixás, Rômulo Xavier e o Secretário de Cultura do município, Marcelo Cavalcante, para obtermos mais dados acerca da festa e do patrimônio material e imaterial da cidade.

### **5.3.2 Contexto da Organização**

Antes de planejar uma ação comunicacional se faz necessário cumprir uma importante etapa para construir um planejamento coerente com a realidade vivenciada pela Festa do Divino de Crixás. Essa etapa se refere a conhecer com riqueza de detalhes as partes constituintes da festa. Buscar compreender seu funcionamento, seu campo de atuação e sua representatividade na cidade.

É um exercício que deve ser feito durante todo o processo de construção do planejamento. As informações que serviram de matéria prima para a elaboração deste estudo são provenientes de todo a experiência etnográfica entre os anos de 2008 a 2020.

### **5.3.3 Dados de Identificação**

Nome: Desta do Divino Espírito Santo.

Endereço: Rua Joaquim Xavier, 4, Largo da Igreja Matriz, 76510-000

Crixás, Goiás, Brasil

Telefone: (62) 3365 1204.

### **5.3.4 Histórico da Festa do Divino**

A Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás, em Goiás existe há mais de 150 anos, e parece herdeira directa da tradição açoriana associada a Joaquim de Fiore. Com o intuito de percorrer os municípios vizinhos durante trinta dias, nessa época foram criadas 03 folias na cidade - Sertão, São Patrício e Santa Rita, que tinham o seu início no mês de maio e seu término na última quinta feira do mês de junho no Cruzeiro da praça da igreja, seguindo depois para a Casa Grande, local onde viviam os escravos.

As folias receberam esses nomes por causa das direções que seguiam: a do Sertão partia em direção ao interior do município, atualmente Santa Terezinha de Goiás, Campos Verdes, Mara Rosa, Uirapuru e região. A de São Patrício seguia rumo à região atual de Nova America e Itapaci, localizados no chamado Vale do São Patrício. A de Santa Rita avançava em direção à cidade de Santa Rita, próxima à Goiás Velho, antiga capital do Estado de Goiás, e região.

Antigamente, segundo Lima (2015), o Imperador da Festa do Divino Espírito Santo era o responsável pela organização dos festejos (tal como sucede ainda hoje nas festividades dos Açores), visto que a cidade de Crixás não tinha um pároco fixo. A presença de padres visitantes se dava em datas pontuais, como batizados, casamentos e algumas missas em datas comemorativas.

Geralmente o Imperador era um fazendeiro da região e juntamente com sua esposa, a Imperatriz, cuidavam de todos os detalhes dos festejos. Cabia à Imperatriz e sua equipe a tarefa de fabricar doces e biscoitos que eram servidos aos convidados e à comissão auxiliar da festa. Como assevera a autora, a equipe do Imperador viajava até Goiás Velho, montada em cavalos, para fazerem as compras da festa.

No tempo dos festejos, o Imperador recebia famílias e visitantes na Casa Grande, local da festa e sua residência temporária. Existia, à época, uma Alvorada festiva onde a cidade era acordada com tiros de ronqueira, uma espécie de espingarda antiga, assim como a Procissão da Coroa e das Bandeiras ao final da festa. Faziam parte da comitiva o Capitão do mastro, o Capitão da fogueira, os Alferes, o Alferes da Bandeira Grande e a Comissão da Folia: violeiros, caixeiros, salveiros, palmeiros, foliões etc.

O Imperador e a Imperatriz eram o encargo mais almejado da época, pois eram figuras de destaque e usavam trajes pomposos. A renda obtida na festa com as esmolas pagava as despesas do Imperador e o que sobrasse era entregue para a administração da Igreja.

O trajeto percorrido por essas folias é chamado de “Giro” e nos primórdios eram feitos nas fazendas. A cidade era muito pequena, por isso o giro era feito pelo alferes da Bandeira Grande acompanhado pelas famílias da sociedade. Quem fazia o peditório ou pedido de esmolas eram as

jovens mulheres mais bonitas da época que iam com um cestinho na mão recolhendo os donativos (dinheiro, moedas, ouro, etc.)

Após 1972, de acordo com a autora citada anteriormente, ano de demolição da Casa Grande, as festas tradicionais da cidade foram interrompidas. As tradicionais cavalcadas foram encerradas em 1954, retornando somente em 1989. As folias também tiveram seus giros interrompidos, causando prejuízo na cultura da cidade, visto que cânticos e coreografias da época (dança do tambor, por exemplo) foram esquecidos.

Em 1994, no retorno das folias de São Patrício e do Sertão, foram feitas algumas alterações: ao invés de trinta dias, as folias passaram a “girar” entre treze e quinze dias. O início não se daria mais no mês de maio e sim no segundo sábado do mês de junho. O término não seria mais na última quinta feira do mês de junho, e sim na última sexta do mesmo mês.

A Folia de Santa Rita retornou em 2004 e atualmente todas as três folias são coordenadas pela Associação de Catireiros e Foliões de Crixás, juntamente com a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, a paróquia da cidade.

Atualmente a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás é realizada na segunda quinzena do mês de junho, tendo seu início no segundo sábado desse mês e o seu término no último domingo de junho. São quinze dias de festa com as três folias que percorrem o perímetro urbano (São Patrício e Sertão) e a zona rural (Santa Rita) da cidade.

Fazendo uma breve explicação, a Festa do Divino Espírito Santo em Crixás compreende, nos dias de hoje, o Giro das Folias, a Festa do Imperador, o Café da Manhã do Capitão do Mastro, a Procissão de Encerramento, o Levantamento do Mastro e a Queima da Fogueira.

### **5.3.5 Análise SWOT**

Antes de iniciar qualquer planejamento estratégico é necessário analisar o contexto em que o objeto de estudo está inserido. Para isso, utilizamos a análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats), traduzida respectivamente para: força, fraqueza, oportunidade e ameaça.

Segundo Oliveira (2007), a análise SWOT é definida da seguinte forma:

1. Ponto forte é a diferenciação conseguida pela empresa – variável controlável – que lhe proporciona uma vantagem operacional no ambiente empresarial (onde estão os assuntos não controláveis pela empresa).
2. Ponto Fraco é a situação inadequada da empresa – variável controlável – que lhe proporciona uma desvantagem operacional no ambiente empresarial.
3. Oportunidade é a força ambiental incontrolável pela empresa, que pode favorecer sua ação estratégica, desde que conhecida e aproveitada, satisfatoriamente, enquanto perdura.
4. Ameaça é a força ambiental incontrolável pela empresa, que cria obstáculos à sua ação estratégica, mas que poderá ou não ser evitada, desde que reconhecida em tempo hábil.

(p.37)

Apesar do conceito estar voltado para empresas, a mesma análise também é feita para as festividades, já que é possível avaliar o comportamento da festa e traçar um norte para obter o sucesso das ações. E como podemos iniciar uma análise SWOT? O primeiro passo será perceber as características internas e externas, e através dessa análise, será mais fácil estabelecer ações para tomada de decisões estratégicas.

Tabela 1 - Análise SWOT

	<b>AJUDA</b>	<b>ATRAPALHA</b>
<b>INTERNO (organização)</b>	Pontos fortes	Pontos fracos
<b>EXTERNO (ambiente)</b>	Oportunidades	Ameaças

Fonte: Oliveira (2007)

### 5.3.6 Pontos Fortes

Os pontos fortes da análise SWOT servem para identificar as qualidades internas que já são presentes dentro da festa, e com isso fortalecer a imagem da mesma.

- A Festa do Divino Espírito Santo de Crixás é uma festa com tradição secular e que pertence à vida civil de forma sazonal;
- A festa é autônoma e conta com alguns apoios, todavia a principal renda advém da Igreja Católica;
- A festa não depende totalmente de incentivos vindos da Prefeitura e/ou da Secretaria de Cultura, o que facilita menos trâmites burocráticos dentro desses órgãos;
- Por ser uma festa móvel e tradicional na cidade, baseada no calendário civil e que ocorre num determinado período de junho (início no segundo domingo), as pessoas já sabem o período em que a festa ocorre e com isso já são iniciados os preparativos;
- Por já ser oficializada como um evento na cidade, é notável a grande adesão participativa da população, principalmente nos pousos e encerramento da festa.

### 5.3.7 Pontos fracos

Nos pontos fracos são citadas as fragilidades da festa para que correções sejam feitas por meio de ações.

- As mudanças tecnológicas, socioeconômicas e culturais foram descaracterizando a festa de forma natural e criando lacunas entre os mais jovens;
- O sentimento de orgulho da festa é importante para a preservação, porém esse sentimento é latente no tempo das festividades. Após a festa, não se percebe a mesma mobilização dos envolvidos;

- Comunicação fragilizada, visto que pouco se faz para divulgar a festa durante o ano. Além disso, as mídias sociais não são muito utilizadas.
- Os foliões participam das festividades pois são devotos e carregam consigo o dever de servir ao Divino Espírito Santo, mas não se sentem valorizados.

### **5.3.8 Oportunidades**

Visa maximizar os pontos do ambiente externo para alavancar a imagem positiva da festa.

Existe o sentimento de pertencimento e preservação da folia;

- Existe o sentimento de pertencimento e preservação da memória da festa;
- Algumas cidades vizinhas possuem festividades semelhantes e fazem ações de divulgação das mesmas durante o ano e não apenas na época da sua realização. Crixás pode usá-las como exemplo para fazer o mesmo;
- Lançamento da Orquestra de Viola de Crixás que incentiva jovens de até 18 anos para aprender gratuitamente o instrumento e perpetuar a cultura da viola tão presente na cidade;
- A cidade possui uma escola de música chamada “Talentos de Ouro”, uma iniciativa da AngloGold (empresa de minério alocada na cidade) com o Ministério da Cultura que incentiva o ensino musical;
- O Encontro de Coroas do Divino acontece em todas as cidades que realizam a Festa do Divino, promovendo a circulação de turistas e população devota. No ano de 2020 o encontro deveria ocorrer em Crixás, mas por causa da pandemia de COVID-19 a data ainda está em aberto.
- Na cidade, existe a Casa de Cultura que futuramente poderá ser transformada em museu. Nesse espaço, não existe nenhuma evidência ou memória sobre a Festa do Divino;

### **5.3.9 Ameaças**

Este item visa identificar elementos do ambiente externo, que possam afetar de forma negativa a imagem da festa.

- Falta de preservação do patrimônio material e imaterial da cidade, como as casas antigas, a dança do tambor e a festa de São Benedito que foram extintas;
- Interesse em outras tecnologias e atividades dificultam a transição da cultura para os jovens da cidade;

- A Exposição Agropecuária e Festival do Pequi se tornaram eventos populares recebendo investimentos da prefeitura e atraindo o público jovem.

### **5.3.10 Diagnóstico**

O ponto mais forte da Festa do Divino em Crixás-GO, que não somente a caracteriza como também a solidifica como patrimônio cultural, é o fato dela existir há centenas de anos. Mesmo sendo uma festa autônoma e contando com alguns apoios, ela permanece acontecendo e sendo muito aguardada durante o mês de junho. Para maximizar os pontos positivos internos, as ações devem ser voltadas para torná-la mais sólida entre os próprios foliões.

A tecnologia tanto contribui quanto pode descaracterizar um evento tradicional como esse, e visando usá-la a favor da festa, serão estabelecidas ações que minimizem os pontos fracos internos. O fator sentimento pode ser estabelecido com ações que contribuam para a integração e cooperação por parte dos organizadores e foliões.

A criação de ações que envolvam o público externo será por meio das oportunidades destacadas, já que esta é uma parte que não depende da festa, porém é possível utilizá-las para compor estratégias para gerar visibilidade.

A extinção do patrimônio histórico material da cidade é um agravante, tornando-se também, uma ameaça para o patrimônio histórico imaterial como a Festa do Divino. As ações devem ser consistentes visando contar com o apoio de terceiros, já que esta é uma festa autônoma.

### **5.3.11 Estratégia**

O projeto propõe o desenvolvimento de uma campanha que divulgue as atividades da Festa do Divino Espírito Santo de Crixás para a comunidade, visando assim, externar e tornar-se reconhecida como um patrimônio que dá suporte ao desenvolvimento cultural, social e histórico para todos os envolvidos. “A campanha de propaganda diferencia-se do anúncio ou do comercial isolado pela maior quantidade e integração das peças de comunicação utilizadas, pela coordenação dos esforços e pela existência de um tema de campanha” (SAMPAIO, 1999, p. 237). A campanha compõe-se a partir de um conjunto de ações que são elaboradas em promover a marca.

Dentre as diversas ferramentas para divulgação de eventos como panfletos, carro de som e outros meios, utilizaremos também como estratégia o uso das mídias sociais e a plataforma Whatsapp que é “grátis e disponibiliza serviços de mensagens e chamadas de uma forma simples e segura. Está disponível em telefones celulares ao redor do mundo todo” (Whatsapp, s/d, 2020). O Whatsapp pode ser um forte aliado, pois na falta de investimento para divulgação através dos veículos citados anteriormente, um folião poderá receber de seus vizinhos através do Whatsapp ou mesmo da própria organização do evento.

O aplicativo conta com os seguintes recursos, desde que conectado a internet: envio de mensagens de texto, foto, voz e vídeo, conversa em grupo, chamadas de voz, chamadas de vídeo, WhatsApp

para web e computador, envio de documentos e proteção da criptografia. Ao utilizarmos para divulgar as atividades da folia, garantimos a entrega de maneira eficiente, pois para o recebimento das mensagens, será necessário um cadastro prévio e coordenado por pessoas da organização.

### **5.3.12 Discurso**

O discurso da comunicação terá como base pilares sólidos e coerentes com a cultura da folia, para que cada cidadão, folião e organizador da festa se sintam pertencentes a história e entendam a importância de preservar a tradição.

Com isso, a parte textual desse planejamento no que tange as peças artísticas, terão uma comunicação simples e direta para a comunidade. A linguagem será coesa e transparente, facilitando que o cidadão compreenda o seu local de participação na festa.

Os pilares são:

- **integração:** juntar forças para tirar do papel a ideia e realizar a muitas mãos uma festa bonita para comunidade e visitantes.
- **cooperação:** tende a garantir o sucesso do planejamento de comunicação, pois depende da cooperação de todos os envolvidos.
- **devoção:** tornar pública a imagem de respeito e devoção pela história local passada de geração em geração.
- **diversão:** garantir que a comunidade viva a experiência de maneira atemporal, que ela passe a não só viver os 15 dias de folia, mas sim toda a experiência de fazer parte de uma tradição secular.

O conceito da campanha se baseará na frase “E viva essa bela união!”, que é bastante popular no giro das folias. O violeiro anima as pessoas no recinto com as seguintes frases: “Viva o dono da casa” e os presentes respondem ao final de cada saudação: “Viva”. “Viva as cozinheiras. Viva os serventes. Viva todos os que estão presentes. E viva essa bela união. Viva todos que prestaram atenção”. Esta última saudação foi o título do documentário de Carlos Cipriano e Denise Clímaco, realizado no início dos anos 2000 e disponibilizado no ano de 2015 na plataforma de vídeos Youtube.

A escolha por essa frase se dá justamente por trazer algo característico da festa, uma de suas muitas identidades, algo que é popular entre os foliões e os demais participantes. A palavra viva também pode ser ambígua, tanto no sentido da saudação (Viva essa bela união), quanto no sentido de existência. É uma afirmação do sentimento de pertencimento que a festa proporciona aos crixiaenses e que é latente no período das festividades (viver o tempo das festividades, viver o patrimônio cultural da cidade). A palavra união, algumas vezes citadas nos relatos orais da pesquisa etnográfica também é valorizada na frase que norteará as ações estratégicas.

### **5.3.13 Ações**

O planejamento deve trabalhar o gerenciamento da comunicação, por isso será levado em consideração todas as ações que sejam estrategicamente benéficas para a folia seguindo respectivamente os pontos da análise: fortes, fracos, oportunidades e ameaças, respectivamente.

### **5.3.14 Elevando os pontos fortes**

#### **Ação 1: Grupos no WhatsApp**

Para fortalecer e estabelecer um laço entre toda a base participativa será criado um grupo na plataforma whatsapp voltados para os colaboradores da folia. É comum em muito grupos de whatsapp os indivíduos enviarem correntes, imagens chocantes ou assuntos indesejados que podem se transformar em discussões. Esse grupo será configurados para que apenas administradores postem informações relevantes, evitando assim que o foco seja perdido.

O objetivo é que o grupo funcione como um informativo sobre a folia e que essas informações sejam replicadas para outras pessoas ou grupos, pois muitas vezes se percebe um desencontro de informações acerca de horários, local dos giros, solenidades, etc.

Necessidades para Grupo Geral:

- Nomenclatura
- Avatar do grupo
- Arte personalizada para os avisos

#### **Ação 2: Listas de Transmissão no WhatsApp**

Para diversificar a divulgação de forma ordenada e coerente para todos os interessados na folia, neste caso comunidade em geral, será categorizado por listas de transmissão. Para que a mensagem chegue corretamente ao destinatário, o cadastro deverá ser realizado pelos interessados adicionando o número da central.

Necessidades para Lista de transmissão:

- Nomenclatura das listas
- Arte para avisos

#### **Ação 3: Propaganda volante**

Com o objetivo de fortalecer a festa, o carro de som será um grande aliado para trabalhar de forma assertiva as informações para a população local. Esse é um serviço bastante eficaz na cidade pois possui custo acessível, forte presença atrativa, além de ser um reforço nas mensagens propagadas em outras ações estratégicas.

### **5.3.15 Trabalhando os pontos fracos**

#### **Ação 1: Banco de Dados**

A Festa do Divino possui diversos voluntários na preparação das festividades, sendo assim fica claro a necessidade da criação e atualização de um banco de dados contendo todas as informações necessárias dos colaboradores da festa. A ideia é fortalecer os laços entre festa e seus devotos. Através desse banco de dados será possível ter informações importantes sobre todos os colaboradores (foliões, hospedantes, voluntários), facilitando as ações, bem como, direcionando mensagens personalizadas (aniversários, agradecimentos, etc.). Essa tradição é realizada com o apoio da população local e essas pessoas precisam se sentir parte desse processo.

Necessidades:

- E-mail [festadodivino.crixas@gmail.com](mailto:festadodivino.crixas@gmail.com) ou utilizar e-mail voltado para esse fim
- Criação de pastas separadas no drive (foliões, comissão, colaboradores)
- Criação de formulário para cadastros online
- Criação de Planilha Geral
- Criação de cartões personalizados para os colaboradores

#### **Ação 2: Atualização da página no Facebook**

Tornaremos a página no facebook com a url [www.facebook.com/foliadecrixas/](http://www.facebook.com/foliadecrixas/) uma vitrine e acervo digital de informações gerais sobre a folia. Aproveitando o espaço para que as pessoas não só acompanhem em mais uma mídia, como também possam compartilhar os conteúdos da página.

Além disso, realizar as atualizações em todas as redes sociais irá permitir que mais pessoas, jovens e adultos, tenham acesso às características da festa e possam conhecer sobre a cultura tradicional da cidade de forma digital.

Além das atualizações é importante também que a página possua uma comunicação dialógica eficaz, respondendo às perguntas dos usuários de forma clara e rápida. “Uma organização só consegue criar um bom relacionamento se os internautas visitarem o seu *site* com frequência” (Gonçalves & Elias, 2013, p.137). A comunicação dialógica é um meio de interação e não um caminho para a publicidade e a perda de visitantes.

A comunicação não somente em sites, como em páginas de Facebook, por exemplo, deve encorajar o *loop* dialógico, realçando a importância de as organizações possuírem equipas treinadas para monitorizar e responder de forma rápida, eficaz e em tempo oportuno às questões endereçadas pelos públicos nas plataformas *on-line*. Ignorar isso é um risco para a organização. Se isso for cumprido poderá haver a construção de relacionamentos.

Necessidades:

- Atualização de avatar e capa
- Criação de planejamento trimestral para o pré evento, evento e o pós evento com as temáticas:
  - datas relevantes com a folia
  - lembretes
  - avisos
  - testemunhal sobre a folia
- patrocínios e apoios
- Criação de pacotes de arte mensais contendo os formatos estático, animação simples e vídeo, todos nos formatos 4:5 e 9:16.
- Treinamento da equipa responsável.

### **Ação 3: Criação do perfil no Instagram**

Criação de um perfil no instagram para a Festa do Divino Espírito Santo para fortalecer a imagem nas redes sociais e propagar essa manifestação religiosa e cultural principalmente com a juventude local. Bem como, estabelecer uma legião de fãs do evento e alavancar o registro fotográfico no campo digital.

Por sua natureza visual e sua variedade de recursos e formatos (IGTV e os *stories*), o instagram possui mais de um bilhão de usuários ativos no mundo inteiro todos os meses e no Brasil é a rede social com maior engajamento, além disso, cerca de 71% dos seus usuários têm menos de 35 anos<sup>3</sup>. Sobre engajamento entende-se a forma como os usuários reagem aos conteúdos publicados em uma mídia social, sejam comentários, curtidas ou *likes* ou o compartilhamento de fotos ou vídeos.

Assim como no Facebook, as estratégias no Instagram baseiam-se nos princípios de comunicação dialógica. Kent e Taylor reforçaram a sua teoria relacionada à comunicação dialógica em 2002, adicionando alguns princípios: a *mutualidade*, quando a organização e os públicos se encontram interconectados num clima de igualdade mútua. A *propinquidade*, ou proximidade e espontaneidade para interagir com os públicos. A *empatia*, ou suporte e confirmação dos objetivos e interesses dos públicos, sugerindo a criação de um clima de confiança e compreensão. O *risco*, ou boa vontade para interação com públicos nos seus próprios termos, implicando consequências, relacionais ou materiais, comuns num diálogo e o *compromisso*, observado no

---

<sup>3</sup> <https://www.oberlo.com.br/blog/estatisticas-instagram>

grau de dedicação ao diálogo honesto, nas interações entre as organizações com os públicos.

Esses princípios teóricos do diálogo estão diretamente ligados ao conceito de comunicação simétrica e a perspectiva relacional de relações públicas defendidas por James E. Grunig (2009). O professor, consultor e teórico das Relações Públicas norte-americano considera os relacionamentos com os públicos, aliados à comunicação, recursos estratégicos nas organizações.

Nas mídias sociais o objetivo é adotar o modelo *simétrico bidirecional* que é a visão mais moderna de relações públicas, pois, de acordo com Grunig (2009) busca um equilíbrio entre os interesses da organização e dos públicos envolvidos. Baseia-se em pesquisas para ouvir a opinião pública e utiliza a comunicação para administrar conflitos e melhorar a imagem da organização perante a sociedade. Portanto, seu foco está mais nos públicos prioritários do que na mídia. Na internet, de acordo com Gonçalves e Elias (2013), esse modelo pode ser entendido como um “processo” e a comunicação dialógica como um “produto” onde essa relação existe, ou seja, sem o diálogo, as relações nesse ambiente se tornariam um novo *media* de comunicação monológico.

Necessidades:

- Criar perfil no instagram (sugestão: @festadodivino.crixas)
- Criar avatar
- Criação de planejamento trimestral para o pré evento, evento e o pós-evento com as temáticas:
  - datas relevantes com a folia
  - lembretes
  - avisos
  - testemunhal sobre a folia
  - patrocínios e apoios
- Criação de pacotes de arte mensais contendo os formatos estático, animação simples e vídeo, todos nos formatos 4:5 e 9:16.
- Produção de vídeos para o IGTV de rituais e momentos dos giros.
- Explorar os *stories*
  - Mostrar os bastidores da festa.
  - Contar a história da Festa do Divino – *storytelling* (histórias geram conexão).

- Fazer enquetes e envolver as pessoas no processo (divulgar as enquetes no grupo do whatsapp e pedir envolvimento, pois é importante suscitar nas pessoas, especialmente os jovens, o sentimento de pertencimento.
- Criação de *closefriends* (amigos próximos) para criar o sentimento de pertencimento a uma comunidade.
- Produção de *lives*
  - Organizar um calendário de *lives* com os foliões.
  - Transformar as *lives* em um evento (envolver o grupo do whatsapp).
  - Utilizar as *lives* para valorizar o saber dos foliões, seu trabalho e dedicação.
- Explorar o recurso *Reels*
  - Utilizar essa ferramenta não somente para fazer vídeos engraçados e entreter o público, mas para aumentar o engajamento.
  - Realizar *Challenges* e dublagens para gerar conexão com os mais jovens.
  - Dicas e curiosidades sobre a festa.
  - Bastidores, *making off*.
- Parceria com *digital influencers* da cidade de Crixás.

#### **Ação 4: Reformando a comunicação**

Os elementos que formam uma boa identidade visual da folia devem coexistir em harmonia com os seus valores e conceitos, por isso a revitalização e padronização da comunicação da festa será necessária para que o público consiga identificá-la.

Necessidades:

- Criar identidade visual
- Padronizar tanto para uso impresso quanto digital

### **5.3.16 Maximizando as oportunidades**

#### **Ação 1: Selo superfã no Facebook**

Como forma de fortalecer cada vez mais o sentimento de pertencimento dos cidadãos, o Facebook oferece o recurso chamado de selo do superfã<sup>4</sup>. A a equipe de comunicação poderá identificar e gerenciar os usuários que mais interagem com a página.

A partir do momento em que um usuário recebe um selo em seu perfil e conseqüentemente divulgar ou comentar a sua rede online e/ou offline, a curiosidade e especulação é comum e pertencente ao ser humano, com isso outros usuários podem começar a interagir mais com a página também para receber o selo.

Necessidades:

- Alimentação de conteúdo
- Gerenciamento da página

### **Ação 2: Visita às escolas, Universidade, cidades vizinhas e festivais culturais**

A ação consiste na visitação de escolas, universidades e cidades vizinhas que também realizam a Festa do Divino, pela comissão da festa e alguns foliões. Essa estratégia busca apresentar e mostrar também a importância da cultura local.

Por mais que essa seja uma manifestação cultural secular, muitas pessoas da cidade não a conhecem ou não dão a devida importância para a mesma. Essas visitas poderão atrair o interesse de alunos e das próprias instituições de ensino, visto que, poderão incluir a festa em suas atividades culturais e valorizar a cultura local, além de incutir nas pessoas o desejo de visitar os giros e demais solenidades das festividades. Além disso, possibilita dar voz aos foliões, que são fundamentais para a realização da Festa e a permanência dessa manifestação cultural.

O intercâmbio com as cidades vizinhas também é importante. Na época da festa, a cidade de Crixás pode receber foliões e turistas de outros locais e também poderá prestigiar as manifestações culturais de outros municípios.

Os foliões de Crixás já participaram de alguns festivais, como o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros no distrito de São Jorge em Goiás. É preciso garantir, com o apoio de colaboradores, da Prefeitura da cidade e da Secretaria de Cultura, que essas participações sejam mais efetivas e expandidas para mais festivais culturais. É uma forma de mostrar a tradição crixense para mais pessoas.

---

<sup>4</sup> Uma pessoa pode se qualificar para selos de superfã ao ser uma das seguidoras mais ativas em sua Página. Isso inclui curtir ou reagir ao conteúdo e comentar ou compartilhar publicações. As pessoas qualificadas que aceitarem os selos de superfã terão um selo ao lado do nome quando interagirem com o conteúdo da Página. Elas também ficarão visíveis publicamente na lista de superfãs na guia Comunidade da Página. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/340991076472172>

É importante nessas visitas que a equipe tenha em mãos alguns materiais publicitários como cartazes, panfletos ou folderes com as informações e um QR que direcione para as mídias sociais da festa.

Necessidades:

- Grupos para as visitas
- Traslado para as escolas, universidades, cidades vizinhas e festivais
- Material publicitário (cartaz, folder, panfleto)

### **Ação 3: Encerramento da festa**

Participação dos alunos e alunas da escola de música “Talentos de Ouro” e da Orquestra de Viola de Crixás no encerramento da Festa do Divino. Essa interação entre alunos e foliões poderá ser uma forma para que a cultura musical não se perca e que a cultura local seja valorizada.

### **Ação 4: Encontros culturais**

Para fomentar ainda mais a cultura junto aos mais jovens, serão realizados encontros culturais entre cantores locais, alunos e alunas da Orquestra de Viola de Crixás e da Escola Talentos de Ouro. Esses encontros objetivam estabelecer vínculos entre os jovens, foliões e demais artistas da cidade.

### **Ação 5: Exposição do Divino**

A Mostra Fotográfica amadora da festa em parceria com a Universidade Estadual de Goiás – UEG - Câmpus Crixás, tem por objetivo incentivar mais pessoas a participarem e não perderem o sentimento de pertencimento das festividades.

Por meio de um projetor de imagens os participantes terão acesso às diversas fotos produzidas na Festa do Divino do ano corrente. Poderão ser organizadas barraquinhas com comidas típicas, doces, salgados e outras iguarias para arrecadar dinheiro para a festa do ano seguinte ou para atender outras demandas.

A exposição pode ocorrer na Casa de Cultura ou no Salão Paroquial da Igreja, dois ou três meses após a festa, tempo necessário para fazer a curadoria das fotos, divulgar nas redes sociais e preparar a apresentação.

Necessidades:

- Projetor e suporte
- Divulgação nas redes sociais
- Voluntários para as barraquinhas

### **5.3.17 Diminuindo as ameaças**

#### **Ação 1: Nossa História**

Programa realizado no Instagram e no Facebook da festa, que incentiva a participação da população, como forma de estimular a memória para os registros digitais sobre a folia.

Jovens selecionados pela equipe de comunicação irão entrevistar cidadãos para que contem suas histórias, curiosidades e memórias sobre as folias dos anos passados.

A pauta da entrevista e todo o direcionamento já será disponibilizada pela comunicação, para que a população possa rememorar e contar suas lembranças.

Para a captação de jovens entrevistadores é necessário estabelecer uma parceria com a Secretaria de Cultura e Prefeitura para oferecer bolsas de estudo ou uma premiação que incentive a participação desses jovens.

Necessidades:

- Equipe de comunicação
- Celular para as gravações
- Divulgação nas redes sociais

#### **Ação 2: Participação sensitiva em eventos**

Um dos símbolos da folia são as fitas coloridas que ficam nas bandeiras e os instrumentos que dão vida às festividades. Para que o vínculo seja cada vez mais forte, usaremos os símbolos através de uma ativação sensorial.

Aproveitando os eventos que acontecem na cidade que possuem maior incentivo dos órgãos oficiais (Exposição Agropecuária e Festival do Pequi), um espaço ambientado será disponibilizado no evento com tambores, violas, pandeiros, caixas, decoração com as cores da folia, materiais publicitários, fitas personalizadas e foliões.

Os instrumentos musicais têm como objetivo trabalhar com o sentido do tato e da audição. A decoração e o material publicitário atrair a visão do público passante para registros fotográficos. A fita personalizada (como a da Festa do Senhor do Bonfim), será distribuída. E por fim, os foliões estarão ali para interagir e tirar dúvidas sobre a folia.

Necessidades:

- Foliões
- Celular para registro
- Divulgação nas redes sociais

- Material publicitário
- Decoração e instrumentos
- Confeção das fitas personalizadas

### 5.3.18 Material Visual

#### Reformando a comunicação

- Criar identidade visual



Figura 84 - Identidade visual

A criação da identidade visual é necessária para a identificação e divulgação da festa. Nos anos anteriores o material visual se constituía basicamente no cartaz e numa placa visual colocada próxima à Igreja Matriz.

Em relação ao design: as fontes utilizadas (Fjalla One para Festa do Divino Espírito Santo e Montserrat para Crixás – GO e Fjalla One para a frase “E viva essa bela união” que é o conceito do planejamento estratégico) são de estilo moderno e possuem boa legibilidade.

A cor vermelha e a pomba são dois elementos já convencionados à Festa do Divino Espírito Santo, por isso a opção de aplicá-las aos materiais visuais. Segundo Farina (2013), o vermelho é uma cor estimulante e produz a sensação de proximidade, já o branco está relacionado à calma, pureza e simplicidade. Além de serem harmoniosas, as duas cores se complementam.

Optou-se também por um estilo minimalista e sem muitos textos nos materiais visuais, pois a finalidade é criar, de acordo com Kerner e Pressman (2008), uma identidade rápida, direta e que seja capaz de comunicar com menos. A parte textual desse planejamento terá uma comunicação

simples e direta com uma linguagem coesa e transparente, facilitando que o cidadão compreenda o seu local de participação na festa. Os pilares são: integração, cooperação, devoção e diversão.

- Padronização de material impresso e digital

Cartaz: seguirão a mesma identidade visual criada para a Festa, porém as muitas informações que faziam parte desse material impresso, serão condensadas, favorecendo a harmonia visual e a legibilidade do mesmo.



Figura 85 - Cartaz antigo A3 (à esquerda) e novo cartaz A3 (à direita)

Panfleto: seguirá a mesma identidade do cartaz, porém com mais informações da festa.



Figura 86 - Panfleto A5 frente e verso



Figura 87 - Placa antiga



Figura 88 - Nova placa (2,5x1,5m)

### Grupos no WhatsApp

- Avatar do grupo



Figura 89 - Avatar

- Arte personalizada para os avisos



Figura 90 - Modelo para avisos (WhatsApp)



Figura 91 - Modelo de cartão de agradecimento (WhatsApp)

### Atualização da página no Facebook e criação de perfil no Instagram

- Atualização de avatar e capa



Figura 92 - Avatar Facebook



Figura 93 - Capa Facebook

- Criação de planejamento para o pré evento, evento e pós evento.



Figura 94 - Cards para pré-evento



Figura 95 - Cards para série Personagens



Figura 96 - Card para divulgação da Festa

O material visual para o Facebook e o Instagram, também seguirão a mesma identidade e obedecerão ao planejamento realizado para o pré-evento, o evento e o pós-evento. A publicação dos conteúdos nas mídias sociais darão oportunidade de mostrar além de imagens da Festa do Divino Espírito Santo, os seus personagens, sua história. Essas publicações (imagens, vídeos) seguirão o conceito do planejamento de comunicação.

#### **Visita às escolas, Universidade, cidades vizinhas e festivais culturais**

- Material publicitário (cartaz, folder, panfleto)

Importante ressaltar que o planejamento é um norteador das ações estratégicas e que será colocado em prática em várias etapas. Temos aqui alguns exemplos dos materiais que serão utilizados no decorrer dessas ações, porém, como esse não é um plano de comunicação estratégica estanque, novas ações, fatos e imprevistos, podem acontecer no decorrer de sua aplicação, mas reiteramos a importância da utilização da identidade visual criada e do conceito escolhido para esse planejamento.

#### **5.3.19 Plano B - Ações para um cenário ainda afetado diretamente pela pandemia de Covid 19**

No ano de 2020, a Festa do Divino Espírito Santo de Crixás-GO não foi realizada por causa da pandemia de Covid 19. Com as normas de distanciamento social, a festa não foi realizada. Em frente a Igreja Matriz da cidade, lugar onde se realiza a entrada e a saída das folias foi montada uma tenda com alguns objetos e símbolos das Festa do Divino.

Durante os quinze dias os devotos, remotamente, podiam visitar esse lugar e fazer as suas orações e doações. No Salão Paroquial da Igreja as missas, que também obedeceram à essas normas de distanciamento, foram realizadas diariamente, juntamente com uma novena em honra ao Divino Espírito Santo.

A missa, que marcaria o encerramento das festividades, foi realizada com um público reduzido e com alguns representantes dos encargos do ano de 2020.



Figura 97 - Tenda no largo da Matriz com símbolos da Festa do Divino – 2020  
Foto: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 98 - Bandeiras das Folias na Tenda do Largo da Matriz – 2020  
Foto: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 99 - Missa com distanciamento social em alusão ao Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo – 2020

Foto: Vladimir Alencastro Feitosa.



Figura 100 - Missa com distanciamento social em alusão ao Encerramento da Festa do Divino Espírito Santo – 2020

Foto: Vladimir Alencastro Feitosa.

Dadas as incertezas em relação ao cenário mundial de 2021 por causa da pandemia de Covid-19, um outro planejamento de comunicação foi elaborado, com adequações das ações que respeitam as normas determinadas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, mas que podem colaborar com a divulgação e preservação da memória da Festa do Divino Espírito Santo.

**Ação 1: Banco de Dados**

**Ação 2: Atualização da página no Facebook e criação de perfil no Instagram**

**Ação 3: Reformando a comunicação**

**Ação 4: Selo superfã no Facebook**

**Ação 5: Nossa História**

As ações de 1 a 4 são as mesmas ações que estão no planejamento estratégico oficial, pois podem ser aplicadas num cenário afetado pela pandemia, ou não. A quinta ação consiste em um programa realizado no Instagram e no Facebook da festa, que incentiva a participação da população, como forma de estimular a memória para os registros digitais sobre a folia.

Jovens selecionados pela equipe de comunicação irão entrevistar cidadãos para que contem suas histórias, curiosidades e memórias sobre as folias dos anos passados, por meio de relatos, fotos, vídeos ou *lives*. Essa ação possibilita contar um pouco a história da festa, valorizar seus personagens e movimentar as mídias sociais sem descumprir as normas de distanciamento social

## Capítulo 6 - Conclusão

O primeiro passo desse estudo foi o enquadramento teórico que, juntamente com o estudo empírico, a delimitação dos objetos de estudo (a cidade de Crixás e a Festa do Divino Espírito Santo da cidade), a experiência etnográfica e o método que alia fotografias aos relatos de fontes orais, nos fizeram chegar às conclusões descritas a seguir.

De facto, a fotografia tem um importante papel para a reconstituição do passado e quando aliada às fontes orais, coloca-se como um aliado poderoso para compreensão da identidade individual e coletiva da história de um povo. Toda imagem fotográfica carrega em si um registro da realidade que pode ou não existir no tempo presente, um documento de carácter testemunhal de algo que de facto existiu, uma fonte de pesquisa que possibilita recuperar cenários e momentos que ficaram apenas na memória de quem os vivenciou.

A fotografia deve ser considerada como um precioso portador de memória preservada. Na imagem fotográfica são fixadas referências do passado e trechos de trajetórias de vida que, ao serem descongeladas pela memória, permitem a perpetuação da história da Festa do Divino de Crixás através dos séculos. Infelizmente algumas histórias da cidade de Crixás ficaram apenas na memória.

Por meio da fotografia e dos relatos orais foi possível recuperar alguns momentos como a Festa de São Benedito que não mais existe, a Casa Grande e a Igreja antiga, que foram demolidas. Sobre esses dois patrimônios históricos, ainda se tem uns poucos registros fotograficos, mas durante a pesquisa, infelizmente, não foram encontradas imagens desse outro patrimônio histórico imaterial já esquecido por muitos.

As fotografias são facilmente decodificadas e suas leituras imediatas e passíveis de inúmeras interpretações. Os entrevistados, apesar das diferenças etárias, trouxeram consigo suas próprias imagens mentais e lembranças acerca da Festa do Divino Espírito Santo. Nesse sentido, afirmamos que as imagens permitem sempre uma leitura plural de quem as aprecia, além das sensações e dos sentimentos que as mesmas podem suscitar nos indivíduos. Em muitos momentos a imagem deixou de ser “apenas imagem” e passou a ser objeto de reflexão, de lembrança, de emoção.

Pudemos constatar, também, que o processo de percepção visual está ligado ao meio em que vivemos. Muitos participantes da pesquisa estão ligados diretamente à Festa do Divino, que por sua vez é um evento realizado pela Igreja Católica, por isso muitas respostas estiveram ligadas, principalmente, a valores pregados pela Igreja como a fé em Deus, o respeito e o amor ao próximo.

A Festa do Divino é um evento composto por diversos signos e significados. Notamos isso nos fogos de artifício, que são um sinal de que um bezerro foi doado à festa, nas bandeiras das folias,

com seus significados de fé e reverência, nos arcos situados nas portas dos pousos, nos pratos típicos que identificam o período da festa, nos lenços que identificam os foliões, na toalha que identifica o Alferes, nas coroas que identificam o Imperador e a Imperatriz, na igreja Matriz, que se tornou um símbolo da cidade, nos cantos de chegada, agradecimento de mesa, ou despedida.

É importante assinalar que os objetivos propostos foram cumpridos: com a utilização da imagem fotográfica, associada à técnica de história oral como acionadora de lembranças individuais e coletivas, foi possível recuperar pequenas histórias e construir um mosaico de memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Crixás-Go. A construção dessa pesquisa foi possível por meio da revisão bibliográfica, das fotografias e dos relatos orais, que possibilitaram descrever a dinâmica da festa no passado, e da experiência etnográfica que permitiu pontuar as mudanças ocorridas nos últimos anos.

Além disso, conseguimos ilustrar as festividades por meio de uma narrativa fotográfica expositiva das imagens capturadas durante o período da pesquisa.

Por último, elaboramos estratégias, por meio de um plano de comunicação, para a divulgação e colaboração na preservação da memória da Festa. Considerando que no ano de 2020 não houve a realização das festividades por conta da pandemia do Covid 19, esse plano contempla dois cenários: a possível realização da festa num cenário pós-pandemia e a não-realização da mesma com o prolongamento das normas de isolamento social.

As hipóteses de partida também foram confirmadas: as fotografias são fontes de conhecimento da cena passada, em dois sentidos: por meio das informações que trazem explícita ou implicitamente, e como elemento ativador da memória, trazendo à tona lembranças nos indivíduos que vivenciam direta ou indiretamente a Festa do Divino. Na reunião dessas interpretações e dos relatos de histórias individuais e coletivas – intermediadas por imagens – foi possível obter dados relevantes sobre esse patrimônio histórico imaterial, assim como contribuir para a fixação de sua memória.

A segunda hipótese “Os entrevistados possuem consciência da importância da preservação da memória da Festa, mas pouco colaboram nesse processo” também se confirmou. Notamos um sentimento de pertencimento mais aguçado durante as festividades, porém, com o fim do período das festas esse sentimento diminui. As pessoas têm consciência da importância da Festa do Divino para a cidade e sua memória e identidade, porém, pouco fazem para a sua preservação e divulgação.

A partir dos relatos orais e da experiência etnográfica foi possível elaborar estratégias que colaborarão com a divulgação das festividades e a preservação de sua memória. Essas ações possibilitarão melhor divulgação, estabelecendo meios para que a tradição seja comunicada a um público maior e para potenciais turistas. O planejamento foi criado levando-se em consideração as funções básicas da comunicação, os ensinamentos adquiridos durante o Mestrado em Comunicação Estratégica – Publicidade e Relações Públicas da Universidade da Beira Interior e

o esforço em manter essa tradição viva, com o objetivo de evidenciar, potencializar e preservar a festa.

Essas ações permitirão reconstruir e preservar a memória da Festa do Divino, por meio de um conteúdo carregado de significações, que almejará trazer à tona um turbilhão de recordações, sensações e emoções. A preservação dessa memória é um recurso necessário para compreensão da identidade individual e coletiva da história do povo de Crixás por meio de estratégias que lhes permitam obter a percepção de quem são, além, é claro, de sua valorização.

É necessário asseverar que toda essa experiência permitiu, por meio de estudos e uma grande imersão, contar uma história por meio de imagens e muitos relatos. Foi possível apontar as divergências da sociedade, descrever o cotidiano, retratar as experiências da vida comum ou documentar algo que, para alguns, está desaparecendo. A fotografia busca chamar a atenção da sociedade para o que não está certo, e dessa forma relembra a importância da preocupação das pessoas com o próximo e com o mundo em que vivem. Além, é claro, de ser um objeto que auxilia o indivíduo a refletir sobre o mundo em que vive e o mundo em que quer viver.

É importante destacar as mudanças ocorridas nas últimas edições, registrar o apoio de uma parte dos indivíduos e o descontentamento de uma outra parcela, porém, é necessário salientar que, com o passar dos anos, diante de suas adequações e readequações, a Festa do Divino Espírito Santo está se ressignificando e, diferente do patrimônio histórico material de Crixás, resistindo.

Para finalizar esse percurso, acredito, novamente, que essa conclusão deveria ser escrita em primeira pessoa, pois os motivos desse estudo existir, como dito na introdução, são muito pessoais. Ao lembrar todo esse caminho é impossível não me recordar outra vez da pesquisadora brasileira, que em certa oportunidade, na Covilhã, dissertava sobre os desafios da pesquisa científica, a responsabilidade que temos enquanto pesquisadores, a importância de voltarmos nossos olhos às nossas origens e devolvermos algo de bom à nossa comunidade. E eu espero, profundamente que por meio desse trabalho eu possa, de facto, devolver um pouco a todos aqueles que já fizeram tanto por mim e que fazem parte das minhas origens. “E viva essa bela união”.



# Referências Bibliográficas

- Alcure, L. et al. (1996). *Comunicação verbal e não-verbal*. Ed. Senac Nacional.
- Aumont, J. (1995). *A imagem* (E. dos S. Abreu & C. C. Santoro, Trad., 2. ed.). Papirus. Coleção Ofício de Arte e Forma.
- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira.
- Camargo, I. A. (1999). *Reflexões sobre o pensamento fotográfico: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino*. Ed. UEL.
- Cesar, N. (2002). *Direção de arte em propaganda*. Futura.
- Condurú, M. T. & Pereira, J. A. R. (2007). *Elaboração de trabalhos acadêmicos: normas, critérios e procedimentos* (3.ed. rev. ampl. e atual). UFPA.
- Dias, W. A. (2010). *No obscuro do ouro, o brilho do Cerrado: a dinâmica territorial do município de Crixás-Go*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás). <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1845>
- Dondis, D. A. (1997). *Sintaxe da linguagem visual* (J. L. Camargo, Trad., 2. ed.). Martins Fontes.
- Farina, M., Perez, C., & Bastos, D. (2013). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. Edgard Blucher.
- Felizardo, A. & Semain, E. (2007). A fotografia como objeto e recurso de memória. *Discursos Fotográficos*, 3(3), 205-220. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3. ed.). Artmed.
- Fonseca, J. J. S. da. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Universidade Estadual do Ceará.
- Freund, G. (1995). *Fotografia e Sociedade*. Vega.
- Gonçalves, G. & Elias, H. (2013). Comunicação Estratégica. Um jogo de relações e aplicações. In A. Fidalgo & J. Canavilhas (orgs.), *Comunicação Digital: 10 anos de investigação* (pp.135-149). Minerva Coimbra.
- Gracioso, F. (1996). *Planejamento estratégico orientado para o mercado: como planejar o crescimento da empresa conciliando recursos e "cultura" com as oportunidades do ambiente externo* (3. ed.). Atlas.
- Gradim, A. (2006). *O sistema semiótico de Charles S. Pierce*. UBI.
- Grunig, J. (2009). Paradigms of global public relations in an age of digitalization. *Prism*, 6(2).
- Hoffmann, M. L. (2015). *Fragments da história: o uso da fotografia para a recuperação e preservação da memória de Londrina*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo). <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18052015-163909/pt-br.php>
- Joly, M. (2012). *Introdução à análise da imagem* (M. Appenzeller, Trad.). Papirus.
- Kent, M. L. & Taylor, M. (1998) Building dialogic relationships through the world wide web, *Public Relations Review*, 24(3), 321-334.
- Kerner, N. & Pressman G. (2009). *Marcas cool: como criar produtos que se destacam e modas que permanecem*. Lua de Papel.

- Kossoy, B. (2000). *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. (2. ed.). Ateliê Editorial.
- Kossoy, B. (2003). *Fotografia e História*. (2. ed. rev.). Ateliê Editorial.
- Koury, M. G. (2001). *Imagem e Memória. Ensaio em Antropologia Visual*. Garamond.
- Le Goff, J. (2003). *História e Memória* (5 ed.). UNICAMP.
- Lima, M. M. (2015). *Crixás – nossa terra, nossa gente*. 2 ed Goiânia: Scala Gráfica e Editora.
- Ludke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagem qualitativa*. EPV.
- Martins, E. M.F. (2013). *Porto Nacional: fotografia, história e memória de um povo*. Palmas: Ceulp-Ulbra.
- Mcluhan, M. (1964) *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix
- Mcluhan, M. (2002). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix.
- Menan, M. G. (2011). *A importância da comunicação interna nas organizações*.  
[https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_10\\_1284154502.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_10_1284154502.pdf)
- Menezes, A. de. (2001). *O poder da imagem. Um olhar sobre a percepção e a produção imagística humana e suas possibilidades comunicacionais*. [www.dialetica-brasil.org.br/Menezes-site.htm](http://www.dialetica-brasil.org.br/Menezes-site.htm)
- Monego, S. & Guarnieri, V. (2012). A fotografia como recurso de memória. *Cadernos do CEOM*, 25(36), 71-87. <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1153>
- Noé, P. (2012). *Os Impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira*. SIPA.
- Oliveira, D. de P. R. de (2007). *Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas*. Atlas.
- Pierce, C. S. (1999). *Semiótica* (3. ed.). Perspectiva.
- Romanovsky, L. M. (2010, 16 mar.). Roman Jakobson: Abordagem Semiótica da fotografia como imagem narrativa da imigração judaica nas décadas de 30 e 40. *Sibila, Revista de Poesia e Crítica Literária*. <http://sibila.com.br/novos-e-criticos/roman-jakobson-fotografia-como-imagem-narrativa/3490>
- Salomon, D. V. (2001). *Como fazer uma monografia* (10. ed.). Martins Fontes.
- Sampaio, R. (1999). *Propaganda de A a Z: como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso*. Campus.
- Santaella, L. (1998). *Percepção: uma teoria semiótica* (2. ed.). Experimento.
- Santaella, L. (2002). *Semiótica aplicada*. Pioneira Thomson Learning.
- Santaella, L. & Nöth, W. (2005). *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. Iluminuras.
- Santos, J. L. dos (2006). *O que é cultura*. Ed. Brasiliense.
- Santos, L. P. (2003). *O ensino da fotografia nos cursos de Jornalismo – Estudo exploratório das Universidades Paulistas*. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Metodista de São Paulo.
- Sousa, J. P. (2000). *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*. Letras Contemporâneas.

Sousa, J. P. (2002). *Fotojornalismo: Uma introdução a história, as técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa*. UBI. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>

Temer, A. C. R. P. & Nery, V. C. A. (2009). *Para entender as Teorias da Comunicação* (2.ed.) EDUFU.

Whatsapp. Menlo Park, Califórnia, EUA, 2009.



# Apêndices

## Relatos Oraís

### S.D.

Vejo a Igreja Matriz, a Folia dos Cavalos (Santa Rita); essas fotografias podem ficar de lembrança pois a Folia está “acaba não acaba”, principalmente aqui em Crixás. Os velhos estão acabando e os novos não estão aprendendo. Então está ficando complicado. Essa é uma tradição que não deveria acabar, mas pelo visto vai acabar.

### A.P.

A Folia é uma festa que gosto muito. Eu, minha esposa, minha sogra, todos nós gostamos muito. A Folia é uma festa religiosa que aguardamos muito durante o ano; essa passagem nas nossas casas.

### U.M.

Aqui está o Pai Eterno, São José, Santa Maria, São Pedro, São Lázaro, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora Aparecida. Essa é uma tradição que veio da antiguidade. Eu estou com 76 anos e 69 anos de giro de Folia. Então essa tradição vem de muitos anos que quando eu nasci já tinha. Ela é de muito tempo. Hoje ela não tem menos de 200 anos no Crixá. Mas só porque da antiguidade pra hoje tem muita classificação de tempo de Folia. Porque antigamente era 3 folias: Sertão, Santa Rita (e São Patrício) e hoje está prevalecendo só duas, mas porquê? Porque a administração que temos aí é uma administração que tá deixando uma banda da cidade aonde o povo gosta da folia também, que é o lado que eu moro: a Vila de São João. Então, na minha casa eu já dei muito pouso, almoço foi só dois. E eu sou um folião que hoje eu sou dispensado pela coordenação que tá no Crixá. Mas do pai Eterno eu nunca fui dispensado, porque o que eu faço para o Divino Espírito Santo eu faço com intenção de bom coração e não pra cobrar. Porque nunca ganhei um tostão. Eu faço é dado. E nunca fez falta para mim e pros meus amigos que gostam da Folia. Porque hoje tem folião aí que só vai se tiver dinheiro pra pagar pra ele. Antigamente só ganhava caixeiro, violeiro e palmeiro. Assim mesmo, não era grande coisa naquele tempo. Era pouquinho. Mas o pouco com Deus é muito e sem Deus é nada. Tem muitos folião aqui que não tá acompanhando o Divino como os apóstolos de verdade, só ganha o interessado.

### D. A.

Eu saí num ano aqui na folia e foi muito bom. Gostei muito. Nós saímos com 41 cavaleiros e chegamos com os mesmos cavaleiros. Foi a coisa melhor que achei no mundo. Foi isso. Cumpri meu voto cumprindo o do meu irmão. E a coisa maior do mundo que eu achei foi isso aí, a confraternização com os amigos, minhas amigas e minhas irmãs. Achei muito importante. Deus ajudou. O Divino ajudou. Nós chegamos com fé em Deus. Do jeito que nós saímos, nós chegamos. Tenho saudade demais e muita recordação. Um dia eu quero fazer o mesmo novamente.

### K. C.

Sou uma mulher fervorosa, devota do Divino Espírito Santo. Gosto muito das folias que tem aqui na minha terra todo ano no mês de junho. Essas fotos pra mim significam muito. Muito mesmo. E não quero que ninguém acabe com essa tradição. Somos crixenses, somos unidos e vamos unir muito ainda para que isso possa acontecer pelo resto de nossas vidas. **A.M.C**

A folia do Divino Espírito Santo acontece todo ano na cidade de Crixás no mês de junho. São 15 dias que essa folia percorre a nossa cidade. Todos os dias tem o café da manhã, o almoço e o jantar. Todos os crixenses gostam de estar presentes, de participar em todos os pousos de folia. É uma tradição da nossa cidade. Desde que nasci meus pais já giravam essa folia e eu também giro essa folia durante os 15 dias. É uma atração de muita fé, muito amor pelo próximo. É uma fé que temos aqui; as pessoas nascidas nessa cidade que muitas vezes fazem essa folia pagando seus votos, suas promessas, que são feitas às vezes por ter um problema em casa e aí pede essa devoção para o Divino Espírito Santo. Essa tradição não pode acabar. O povo não pode deixar de ser essas pessoas que tem devoção para acompanhar a folia, dar pouso de folia. Isso é muito importante para a nossa cidade. É uma cultura que temos aqui.

**S. M. L**

Sou filha de pais devotos do Divino Espírito Santo. Eles gostavam muito de dar pouso de folia lá em casa e eu quando criança amava tudo aquilo. A casa cheia, muita alegria, muita fartura de comida. E minha mãe muito boa na cozinha. O feijão maravilhoso. Aquela comida gostosa. Povo dançando. Família reunida. Então era muito bom. Tenho uma nostalgia muito grande. Veio tanta coisa boa na minha cabeça. Tanta saudade dos meus pais. Do meu tempo de criança. Muita coisa boa.

**A.R.S**

Nessas fotos, vejo a tradição de um povo movido pela fé que faz gerar costumes e fazer história onde a união de famílias é a base de tudo no se dar e se doar com desprendimento de quem crê no Deus único e onipresente. Sinto voltar às minhas raízes e sinto fortalecer em mim a fé e a crença plantadas por meus pais desde que nasci e que passei para os meus filhos e descendentes. Salve o Divino Espírito Santo.

**E. C. M. T**

A Folia do Divino Espírito Santo em Crixás me leva ao meu tempo de criança quando meus pais recebiam a folia em nossa casa para o café, o almoço ou a janta. Receber a folia com seu Alferes e os foliões sempre foi uma felicidade muito grande para o dono da casa. Em 2009 fui Alferes da Folia de São Patrício por ter recebido uma grande graça através da devoção de meus pais ao Divino Espírito Santo. Foi um a grande experiência que não tenho palavras para explicar. Hoje sou devota ao Divino Espírito Santo e tenho grandes amigos entre os foliões.

**E. A. C. M. O**

A Folia do Divino Espírito Santo em Crixás retrata o momento de oração e fé entre as pessoas. Essas fotos mostram as nossas tradições manifestadas através da participação do povo no giro da folia. São encontros com amigos e familiares onde acontecem as cantorias e danças que emocionam as pessoas fortalecendo sua fé para agradecer as bênçãos recebidas. Quando vejo a expressão religiosa das folias me encanto com a mensagem que ela nos transmite invocando a presença do Divino Espírito Santo.

**L. A**

A folia de Crixás me faz lembrar minha infância, quando a gente estava brincando no quintal, distraído, de longe a gente escutava o barulho do tambor da folia chegando; o tambor vai justamente para avisar que a folia que a bandeira do divino tá chegando na nossa casa. A gente parava a brincadeira de imediato e todo mundo ficava quietinho em silêncio para esperar a Folia, para receber e desde pequena meus pais ensinavam que naquele momento a gente tinha que fazer nossos pedidos. As graças que a gente queria receber, através do Divino Espírito Santo chegaria. Naquela hora também meus pais providenciavam uma oferta para fazer uma doação em ação de graças, em agradecimento às graças, aos milagres que a gente já tinha recebido e para os próximos que viriam. Então a Folia do Divino Espírito Santo para mim representa fé, graça, paz, alegria, esperança. No Divino Espírito Santo a gente sabe que vale a pena crer e que a graça que a gente almeja ele intercede por nós a Jesus Cristo e a nossa graça chega.

**D. G. M**

Eu vejo muita união né, amor, compreensão. Acho que nós devemos ter muito amor pelo Divino, pelas pessoas. Ter as famílias unidas no amor, na fé pelo Divino Espírito Santo. A gente acompanha o Divino Espírito Santo com muito amor, fé. Eu vejo aí (nas fotos) é amor, felicidade, união, compreensão. Que nós devemos ter. Eu acompanho a folia tem muitos anos; eu sou foliona, ajudo a rezar o terço né. Sou muito devota do Divino Espírito Santo. Já recebi várias bênçãos.

**E. E. M**

Eu vejo muito, muito amor, muita união, muita alegria, muita paz. Através dele (Espírito Santo) né as pessoas têm fé, tem poder para poder vencer as dificuldades da vida, os trabalhos do dia a dia. As enfermidades que às vezes aparecem. Então o que eu vejo e o que eu sinto é isso aí. Um grande resplendor do Divino e assim muita graça, muitas bênçãos que a gente recebeu e que a gente pode ainda receber. Basta a gente ter fé e acredita no Divino e fazer essa caminhada com ele todos os anos. Pedir proteção para ele. Eu também sinto muita falta de muitas pessoas inclusive os foliões que Jesus já levou, especialmente o Tuta. A gente sente muita falta deles. Faz muita falta nas cantorias, nas apresentações, como na nossa caminhada, na nossa amizade. A gente sente muita falta. O que eu vejo é isso: muita paz, muito amor, muita união. Eu acho que nós temos

que pedir cada dia mais a proteção do Divino Espírito Santo para que não deixa né nunca morrer essa devoção. Que nós possamos pegar com Ele firme mesmo e pedir a Ele que possa tocar no coração de cada um deles: organizadores, desses governantes que estão organizando a folia. Que não deixe parar por aqui, que possa aumentar mais cada dia mais o desejo de melhorar mais né as folias. As nossas tradições aqui e nunca deixe morrer isso aqui que é uma coisa muito bonita. Sou devota do Divino Espírito Santo por muitas graças que eu já recebi dele e também eu sou rezadeira de terço. Eu rezo o terço e acompanho sempre também a folia.

#### **J. P**

Aqui a gente vê muita alegria, muita satisfação no rosto das pessoas. Outras a gente vê um pouquinho mais de devoção né. É isso aí. Pessoas que já não está entre a gente mais. A gente sente uma saudade. E aí passa um filme assim né que daqui uns tempos a gente tá acreditando que vai ficar só as foto aí para gente ver né. Tá acabando os violeiros. Os novos não tá aprendendo, tá faltando também incentivo por parte da organização. Não dá incentivo para quem quer aprender. Agora mesmo tem um rapazinho, o Gabriel, deve ter uns 8 anos. A primeira vez que vê (a folia), gostou demais; tá lá sapateando, mas termina folias e eles não dá nem um incentivo para ele. Aí não ajuda né, que se desse no ano que vem ele ia ficar com mais vontade ainda de voltar né.

#### **R. O. T**

Aqui eu vejo os foliões mais antigos. Os mais novos começando agora. A chegada da folia, o povo dançando, a entrega, o encontro, violeiro que já morreu, meu padrinho também tá aqui, ele nem gira a folia mais. Eu não lembro de muita coisa porque não é do meu tempo. A Folia de Santa Rita.

#### **R. A. B**

Eu vi assim muita devoção; é o povo que acredita que tem fé. É uma tradição que não pode acabar, eu acho. Eu vejo assim que aqui em Crixás principalmente o povo tem muita devoção nessa folia. A folia pra eles é a melhor coisa que tem, pra nós né?!

#### **M. A. B**

Lembro de muita coisa. Da folia sua, foi uma folia boa demais, deixou saudade. Vem as outras tudo boa mas parece que a sua foi a melhor, por meu gosto. E não é só eu que falo não. Foi a melhor em ponto de amizade. Nós pegou amizade muito rápido, aquele amor, aquela coisa de amor mesmo e esse amor conserva até hoje. Tem dez anos. É bom demais folia. A gente lembra as pessoas. Muitos já não estão mais aqui. A gente fica lembrando dessas pessoas que já se foram e que eram da folia. Eu não sei se foi na folia sua ou na folia da Emília que a minha concunhada morreu, a mulher do Manoel. Aquela pessoa tão boa. Aí a gente vai lembrando dessas pessoas. Só é saudade. É uma coisa que a gente nunca pode abandonar. É a fé que a gente tem. A gente é católica, é devoto, é uma coisa que a gente apega e é valido. O Divino Espírito Santo é poderoso. Tudo o que você pede Ele, para não acontecer é só, como é o milagre mesmo Dele, se Ele quer. Por exemplo, a pessoa tá doente. Você pede Ele pra deixar aquela pessoa com nós. Se aquela pessoa vai (morre) é porque Ele quis. A gente não pode reclamar. A folia é isso. É saudade. Recordação e saudade.

#### **A. B**

Acho que o mais interessante que eu consegui notar foi o tempo. Tem fotos aqui, por exemplo, tem uma foto aqui que eu vi um tio meu sapateando, na época em que ele era bem sadio, forte, como dizem os mais velhos. Hoje em dia ele já não consegue mais. Também há alguns outros foliões aqui que há muito tempo já morreram. Interessante a gente ver que esses registros, eles contam um pouquinho da nossa história, da história de nossa cidade, da história do povo de Crixás na verdade. Muito interessante. E bonito de se ver também. Na verdade, ver as fotos dá um pouco de contrariedade também porque a gente vê o quanto que tem sido desleixado essa tradição da nossa cidade. Por exemplo, eu convivi com jovens lá em Goiânia daqui de Crixás que não conhecem essa tradição. Que nunca tinham ouvido falar de folia apesar de ter visto já na rua. As fotos mostram bem assim uma cultura viva, uma cultura palpável das pessoas e ao mesmo tempo uma pitadinha de indignação, pelo desleixo, a forma como está sendo tratado hoje em dia.

#### **D. N**

Eu vejo nestas dez fotos o giro das folias de Crixás que pra mim é uma coisa histórica, religiosa aqui na cidade. Na minha opinião demonstra muito a fé de algumas pessoas, para algumas pessoas devoção e diversão.

### **M. A. B. S**

Alegria, muita alegria sim, de quem convive, de quem já tem isso no sangue desde pequeno, como eu. Vejo muita fé. Pessoas aqui com muita fé; pessoas que infelizmente já se foram né, mas que nos deixou com saudades. É uma coisa assim, é uma tradição da cidade mesmo as folias do Divino Espírito Santo. Eu pretendo levar para o resto da vida isso aqui que eu aprendi com o meu pai.

### **M. X**

Nessas fotos aqui eu vejo a beleza da natureza. A beleza da folia com suas cores, seus coloridos arcos. A beleza das pessoas né congratulando; vejo famílias se abraçando, aqui festejando. Vejo alegria dos catireiros, dos foliões, a beleza das nossas tradições na bandeira com os alferes. Nessa aqui ficou linda, vejo a natureza, a perfeição de Deus, a animação dos foliões. Andar a pé nessa distância; vejo também aqui colorido da nossa Folia, das nossas tradições; a importância de mantermos as nossas tradições por isso, porque eu vejo as famílias se reunindo. Essa foto ficou bela. Essa aqui mostra a igreja. Essa aqui eu enxergo a nossa cidade, o calçamento dela, os animais, quando andava na folia a cavalo. Aqui a mesa farta. Ficou linda essa foto. Vejo a importância das nossas tradições, de mantermos as tradições que elas nos ajudam muito tanto no fortalecimento da fé, quanto no entrelaçamento das nossas famílias vejo o quanto é importante, tanto tempo sem nos vermos e chega o dia da folia e nos reunimos. É motivo de alegria e entrelaçamento entre as famílias. E a fartura que a folia nos trás. A mesa farta, a alegria, a devoção ao Divino Espírito Santo.

### **H. S. S. B**

Eu vejo quando era mais novo né, bem mais novo aqui na porta da igreja a fogueira grandona e o pessoal batizando os meninos tudo em volta da fogueira. Eu ficava esperando até ver fogueira cair. Era muito bom. Dá uma lembrança do pouso que eu fui, a chegada de tardezinha, o Catira. Nesse tempo eu não dançava ainda, tinha vergonha, eu ficava só olhando.

### **L. B**

Eu vejo vários tios, vários amigos que já foi já foi. A gente vê essas fotos e fica lembrando dos antepassados, quem a gente conviveu, tá convivendo aí ainda, mas tudo na vida um dia acaba então, para nós, pra mim é uma honra lembrar essas pessoas.

### **M. M. L**

A primeira foto é a chegada da Folia numa residência. A alferes está cumprimentando uma pessoa. Os foliões estão postos atrás do arco pois ainda não adentraram à casa. A segunda foto é o agradecimento da mesa. Os foliões rodeiam a mesa e cantam dez estrofes agradecendo á mesa, agradecendo ao dono da casa e depois encerra com os vivas. O beijamento da bandeira e depois os vivas. Essa aqui é a Folia Cavaleira, eles estão chegando á porta da Igreja e todos estão ainda em seus cavalos e o povo aguarda na porta da igreja. Essa aqui é a foto da Igreja Matriz com os devotos do Espírito Santo e a fogueira acesa encerrando a Festa do Divino. Essa aqui também é a chegada da folia em uma casa e pelo aspecto é a chegada de um almoço. Essa aqui é a folia chegando na fazenda. Eles apeiam de seus cavalos e o ritual começa. Essa aqui é o encontro das três bandeiras, a bandeira grande e as outras folias. Essa aqui é a folia dentro de casa tirando a esmola. Essa é a mesa dos doces, no dia de sábado quando acontece o jantar das folias no Salão Paroquial quando o Imperador serve o doce para todos os presentes. E essa aqui é a Dança do Ponto. Tem muitos significados. A devoção ao Divino Espírito Santo. Aquele interesse extremo que eles tem pela folia pra receber os foliões. A alegria da chegada e de tudo mais que acontece na folia. Nossas tradições.

### **L. A. B. S**

Quando eu vejo essas fotos bate uma emoção tão grande porque dessas folias já partiram muitos violeiros, foliões pra outro mundo e a gente sente uma emoção uma saudade, em ver que a tradição aqui de Crixás, se depender de nós, ela não vai acabar. Elas trazem grandes lembranças, grandes recordações. Só quem esteve nessas folias nessas festas tradicionais de Crixás sabem o quanto é importante o quanto elas nos traz lembranças boas e algumas ruim por perdas de algumas pessoas que já se foram.

### **J. B**

Essas fotos são muito bonitas. Tenho lembranças dos tempos antigos da folia. O casarão, a Igreja. O finado Tuta chegando na moto, a Iolanda. Aqui é o casarão. A chegada na porta da igreja. Essa

aqui é a chegada representando a cavalhada. Essa aqui é uma janta. Deixa eu ver onde? Parece no finado Inácio. Aqui o Urias. Agora eu queria achar era o alferes. Da sua não tem não né?

#### **M. D**

É a tradição que a gente tem. Isso é importante pra gente. A gente vê essas fotos e relembra muitas coisas que já passou e que vem passando também. Dá uma saudade na gente. Você vê aquilo, assunta e não sabe se vai alcançar o outro ano. Só Deus saberá. Eu tava brincando veadeira será? (risadas) Esse ano eu estou sentindo uma queda que você nem imagina (emocionado). Eu não estou brincando do jeito que eu gostava de brincar. Então pra mim, já é um pouco de tristeza. A gente vê os foliões mais velhos. Vejo o Alvino. Me lembro de uma folia no Mané Redondo. Eu brinquei muito. Foi uma emoção muito grande. E esse ano eu tô sentindo uma coisa, foi um sonho que eu tive, eu tô com medo de alguém não alcançar. Pode ser eu, pode ser outra pessoa. Vamos ver o que Deus promete para nós. Uma coisa que a gente vê hoje, não sabe se vê amanhã. Dá muita saudade.

#### **S. D. S**

Quando eu vejo isso aqui o símbolo da divindade, os devotos todos reunidos eu tenho uma lembrança profunda de quando eu era menino e assistia à folia. Então quando eu vejo, eu recordo tudo pra trás até chegar onde nós tá. Isso aqui para mim é a melhor festa que tem. A divindade, a folia, então eu adoro, sou violeiro, trabalho nela, mas se eu não tiver trabalhando nela e souber de um folia que tá girando, eu largo o serviço para trás e vou lá pra visitar e lá eu fico dois, três dias. Trabalho com os companheiros lá e não cobro um centavo. Venho embora satisfeito, porque é uma coisa que quando eu cheguei eu achei e Deus e o Divino Espírito Santo me permanece até hoje. Por eu ter essa paixão, os meus filhos e filhas que tem o dom, tô pondo tudo na linha. Eu adoro a divindade; as coisas da divindade é comigo mesmo. A folia é muito boa, mas ela tá no caminho final por quê? Porque os violeiros antigos já morreram e os que tem aí tá pouquinho e já tá bastante abatido. Quase não tá dando conta mais do cargo. E os violeiros novos não tá tendo. E aí tem um certo domínio na folia que contraria a população. Muitos não dão um pouso, um almoço por conta da proposta que vai pra eles que não são acostumados com essas coisas aí contrariam.

#### **A. D. S**

Olha eu vejo que é um público eclético. Um público de todas as origens e classes sociais estão inseridos nesse processo da folia, que é um processo que a gente, eu principalmente imagino, ser de 200, 250 anos de tradição dessas folias aqui. São três as folias: São Patrício, do Sertão e de Santa Rita. É uma manifestação popular em que as pessoas se sentem bem, fazem várias doações pecuniárias, doações de oração, pedidos, agradecimentos. Então a folia é isso. A folia de Crixás é o símbolo do crixense. Do crixense de 200 anos e dos que aqui chegam.

#### **S. C. P**

Falar da Folia do Divino Espírito é fácil porque é uma tradição na nossa cidade. Pra nós crixenses, não é tão difícil em falar da folia do Divino Espírito Santo, por que isso vem de nossos antepassados: nossos bisavós, nossos avós, nossos pais. E a gente tenta tá passando para os nossos filhos, nossos netos, para que não morra a tradição da Folia do Divino Espírito Santo. Eu venho de uma família tradicional de Crixás onde a gente sempre faz doação de almoço, pouso, café. O meu pai já foi Alferes, eu já tive a oportunidade de ter sido Alferes também. Além disso, a gente vai para casa dos amigos que estão doando o almoço, pouso. A gente vai para ajudar a fazer a comida, para receber os foliões, juntamente com toda a sociedade que se reúne. Tem pouso de folia que a gente vai que tem mil pessoas. É uma tradição de anos e anos. É gratificante para nós crixenses.

#### **A. J**

O que remete a essas fotos são a cultura, o passado. Remete a gente aos tempos idos do início do século onde fomos colonizados. Onde as pessoas faziam essas festas religiosas. Remetem a esse tempo e que bom que isso não morreu em nossa cidade. A gente ainda consegue ter pessoas que tem esse tempo de buscar as pessoas pra reunirem em suas casas, fazerem comidas, receber a bandeira, as danças, os mais antigos dançando e passando isso pros mais jovens.

#### **P. C**

É sempre bom falar sobre cultura e essas fotos retratam a cultura que ainda existe aqui em Crixás: a Folia. O que posso ver nessas fotografias é uma multidão de pessoas movidas pela fé, pelo amor e pela socialização que essa cultura favorece. É uma demonstração de fé, no entanto tem uma

busca de socialização das pessoas. Ao ver essa foto com os animais todos enfeitados, a Igreja paramentada, as pessoas esperando os Alferes, o padre, tendo a motivação da fé, do amor e da caridade que é proposto por essas tradições religiosas. Essa foto noturna da igreja pode ser uma imagem ilustrativa do que seja a união e o amor em buscar de tempos melhores e ao ver a matriz de Crixás iluminada parece até que tem um foco, uma luz jogada por Deus na busca da união das pessoas. É muito bonito a recepção das pessoas nas casas, a ornamentação das casas, o ato de se servir alimentos é algo muito emocionante, muito gratificante de se ver. É um momento único onde os cristãos se unem em prol da tradição e buscam nesses dias festivos o amor, a união, a representatividade que essa festa nossa tem na vida de cada um. As pessoas, nesse momento, elas expõem o seu lado afetivo, o seu lado amoroso e demonstram fé em atos que, às vezes no dia a dia, não ocorre, pela pressa, às vezes pela timidez. Mas no momento onde tem-se a bandeira do Divino estendida, onde a fé toca o coração do cristão, ele quebra esses paradigmas. Cai por terra a timidez, a pressa, às vezes até a antissociabilidade. Se unem nessa devoção. Ver jovens neste momento seguindo as folias, rezando e agradecendo a Deus e a Divina Trindade o que aconteceu durante seu ano é gratificante numa sociedade como a que estamos vivendo. Jovens que muitas vezes não se preocupam com o lado religioso. O que me chama mais atenção na Folia, nessa tradição, são as danças que comovem, que alegram e dão vida nas reuniões. Eu como cristã e devota acho muito importante. É muito positivo ainda ter essa tradição aqui em Crixás, mas ainda falta algum elo mais forte, alguma contrapartida vindo da Prefeitura, da sociedade para que se fortaleça mais essas tradições. Poderia até tombar como patrimônio histórico de Crixás as folias, para ter mais força, para não se perder durante o tempo, igual várias outras tradições foram perdidas.

#### **J. B**

O que eu vejo nessas fotos é uma tradição ou cultura de um povo. Em uma foto vejo a chegada da tradicional Folia do Divino Espírito Santo no pouso onde os foliões com o Alferes fazem a chegada, cantando, pedem o pouso e aí começa o desenrolar da folia. Na outra vejo eles já agradecendo a mesa do jantar. Isso manda a tradição e com muito respeito. Na outra os foliões despedindo no dia seguinte para sair no seu giro em reverência aquele que é o Divino Espírito Santo. Agradecer é um momento forte da folia; chama-se despedida. Na outra que também faz parte dos festejos é a tradicional dança da veadeira encerrando a noite onde os foliões com alegria dançam alegres e felizes; usam os instrumentos: pandeiro, violas e caixa. Nessa dança observa-se que todos usam chapéus. Observando nessa outra foto, ela mostra o giro nas fazendas, os foliões andando nas estradas, pessoas acompanhando até chegar no pouso. Nessa outra foto o Alferes com a bandeira na mão e os foliões cumprimentam o dono da casa, eles cantam no arco onde falamos, chegada da folia. Na outra é um momento solene; nós vemos a Folia Cavaleira chegando no último dia na entrega, onde a comunidade recebe todas as folias em giro: Sertão, Santa Rita e São Patrício. Podemos observar que é em frente à Matriz. Momento muito especial onde encontram os três Alferes, cruzam as bandeiras em sinal de missão cumprida e amizade. Nessa foto vemos o dia da entrega das folias onde o Imperador serve um jantar e variáveis doces à comunidade. Chamamos de distribuição dos doces. Essa outra foto nos mostra a solene missa de levantar o mastro do Divino Espírito Santo. A gente vê que é em frente à Matriz pois não cabe a comunidade dentro da igreja. É a missa mais bonita o encerramento dos festejos. Não tem foto, mas tem também um delicioso café do Capitão do Mastro onde servem as tradicionais quitandas crixenses.

#### **M. C**

Eu olhando cada uma daquelas fotos, eu sinto a presença do Espírito Santo, a emoção da população quando chega esse momento de celebrar a Folia do Divino. Eu sinto saudade dos meus pais, sinto o calor da fraternidade, da família, dos foliões. Sinto a presença do Espírito Santo em cada um de nossos irmãos. Então essas fotos são marcantes, elas representam muitas coisas: a gratidão, a esperança e principalmente a fraternidade entre irmãos. Isso é a Folia do Divino. Isso é o nosso grande e tradicional encontro da cidade de Crixás, da folia de Crixás. Um momento maravilhoso é isso que nós sentimos.

#### **G. P**

Vou falar um pouco sobre as folias Crixás – Goiás. Essa É a saída das três Folias: São Patrício, a de Santa Rita e a do Sertão. Esse foi o almoço na casa do senhor João Marega, ele é uma pessoa muito respeitada, o povo gosta muito dele, ele é uma pessoa muito humilde. Essa aqui é o seu Venino dançando a catira, a veadeira ou o batuque. Essa foto foi quando a Emília foi Alferes da Folia São Patrício, ela mais o filho dela. Foi na chegada do almoço. Ela é uma pessoa muito conhecida. Essa aqui foi a despedida na porta do Casario. Essa aqui foi um momento de oração

quando o alferes coloca a bandeira para abençoar o povo. Essa aqui é a Folia de São Patrício na chegada do almoço. Essa aqui foi a entrega dos doces no Salão Paroquial antigo. Foi a Festa do Imperador. Essa aqui é a entrega das três folias na porta da Igreja Matriz. Todo mundo gosta, pois é uma tradição em família. Todo ano em junho eu participo e gosto muito. Essa foto aqui é o encontro das bandeiras na porta da Igreja Matriz.

### **J. C**

O que eu mais gosto na festa é a própria festa em si. A própria manifestação cultural. As cantorias, as vestimentas, os trajes, a devoção ao Divino, à bandeira, etc. A importância dela é fundamental. É a história, não só a história de maneira geral, mas a história de uma cidade, um município, que é Crixás. Então a manutenção dessa história, a manutenção desses ritos centenários. Essa é a grande importância que eu vejo para a festa do Divino Espírito Santo. A crítica que eu tenho é em relação aos governantes de uma maneira geral né e a própria população que não entende a importância de se manter uma tradição que é essa festa e de se perpetuar essa tradição passando isso para os mais novos né. É só pegar o bom exemplo lá de Pirenópolis que movimenta a cidade durante um mês por conta da Festa do Divino e a quantidade de pessoas que vão lá pra assistir e a renda que se gera com a festa do Divino Espírito Santo né a renda que entra na cidade com a movimentação dessa festa. A minha crítica é essa, porque que os políticos e porque que a população não consegue entender a importância de se manter e de se perpetuar essa tradição. O que eu mais sinto saudade é dos que já se foram, dos que já partiram e não podem estar aí continuando essa tradição participando, assistindo. Eu sinto falta dessas pessoas que são pessoas mais antigas, são pessoas de idade que entendiam a importância de se manter essa festa mais do que o lado religioso, o lado cultural. Eu não acho que a festa tenha uma boa divulgação. É pífia, é parca, é pouca essa divulgação, infelizmente. Para preservar a festa e a memória tem que ter apoio do poder público, a comunidade crixense tem que se conscientizar da importância, porquê que é importante manter (a tradição). Tem que se criar mecanismos de se passar isso para as novas gerações sabe. Palestras com aulas, cursos, com visitas às escolas. A folia visitar as escolas fora da época da folia, para explicar para os alunos o que é. Os alunos participarem da folia, fazer uma folia mirim, enfim, mecanismos têm vários. Botar em prática e não precisa de muitos recursos. Acho que mais vontade do que de recursos.

### **N. A. V**

Uma festa carregada de alegria, de cores e perfumes, como o tabu. Essa festa nos trás bênçãos, crescimento da fé em nossas almas e em nossas vidas. Há sempre alguma coisa que não concordo, exemplo os grupos que participam são sempre os mesmos, como as pessoas que dão o pouso. No ano corrente os dirigentes querem que sejam os mesmos no ano seguinte. Outro ponto que acho que deve trocar de vez em quando é a equipe organizadora para que não caia numa mesmice. A minha saudade é de quando essa festa era feita na antiga Casa Grande. Eu era pequena, mas não esqueço da sala dos bolos e doces e dos imensos fornos de barro onde eram feitas essas delícias de quitandas e guloseimas. Lembro da Festa de São Benedito, que não existe mais. Eu acho que a divulgação dessa festa teria de ser melhor. Envolver toda a nossa cidade, não só os crixense, mas as pessoas de fora também já que convivem conosco acho necessário que participem da nossa história até mesmo para fortalecer a nossa tradição e rentabilidade da nossa igreja já que o objetivo dessa festa são a manutenção da mesma. Para que não morra essa festa é necessário propagar dentro de um círculo onde há os idosos, jovens e crianças. E ainda fazer com que principalmente os jovens e crianças tenham uma participação concreta em tocar, cantar, catirar, enfim, fazer com que elas aprendam tudo o que se faz na festa do Divino Espírito Santo.

### **V. A**

Uma coisa que eu acho interessante na Folia é a presença das mulheres, dançando catira, veadeira. Acho muito bonito a presença delas durante o giro. Admiro muito a Dona Marcelina cantando nos pousos também e a filha do Seu Severo ajudando no agradecimento da mesa.